

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Departamento de Ciências e Técnicas de Património

JOSÉ GERALDO DA SILVA SARDINHA (1845-1906)
PARA A ACADEMIA PORTUENSE DE BELAS ARTES

João Maria Távora de Magalhães Basto

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História da Arte Portuguesa

Orientação Científica:
Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares

PORTO
2012

Obrigado à Ana Mafalda, à Carlota e à Matilde

Obrigado às Professoras Doutora Maria Leonor Barbosa Soares
e Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas

Índice

Resumo:	4
Abstract:	5
Abreviaturas.....	6
Siglas	7
1.Introdução.....	8
1.1. O Tema. Algumas razões.....	8
1.2. O Estado da Arte.....	12
2. No Porto.....	20
2.1. Primeiros passos até à Escola Industrial.	20
2.2. (A aula de arquitectura civil e naval) na Academia Politécnica	23
3. Dos Pensionarios do Estado nos países estrangeiros.	48
3.1. Partida. Porto. Paris.....	60
3.2. O <i>Atelier</i>	66
3.3.L' École des Beaux - Arts.	77
3.4. As Cartas e os Desenhos de Paris:	82
4.Porto.O Regresso definitivo.	94
4.1. A Academia Portuense de Belas Artes.....	97
4.2. O concurso para professor proprietário.....	104
4.3. <i>O hábil architecto</i> Director da Academia Portuense de Belas Artes.	109
5. Conclusão	115
6.Bibliografia.....	117
A. Fontes Manuscritas	117
B. Fontes Impressas	118
C. Apêndice Iconográfico	125
D. Apêndice Documental.....	135

Resumo:

Pretendemos com este estudo fazer luz sobre o percurso formativo de José Geraldo da Silva Sardinha desde o Instituto Industrial do Porto que frequentou antes de ingressar na Aula de Architectura Civil e Naval da Academia Portuense de Belas Artes, até à École des Beaux Arts Parisiense e os Ateliers que a circundavam, por onde passou em dois períodos, (entre 1867 e 70, e entre 1871 e 73), momentos de vital importância, não só para o jovem Silva Sardinha, mas também para os seus futuros alunos na Academia do Porto, toda uma geração de arquitectos que irão surgir no final do século XIX, e que se irão afirmar principalmente no norte de Portugal na viragem do século.

Para isso iremo-nos socorrer essencialmente de dois tipos de documentos: por um lado, a sua Correspondência, enviada de Paris para a Academia Portuense, um conjunto de quinze cartas com um bom lote de informações e de detalhes históricos, não só referentes ao seu percurso, mas também ao do seu colega e amigo António Soares dos Reis (que fora contemplado com a mesma bolsa, mas para Escultura). Por outro lado vamos descobrir alguns dos seus desenhos, executados quase todos em Paris, um instrumento fundamental no trabalho dum estudante de arquitectura, e que, ao mesmo tempo, com os celebrados *rendu*, ganham estatuto de verdadeiras obras de Arte sendo expostos ao lado de trabalhos de Pintura e Escultura nas grandes exposições, como nos Salões anuais Parisienses, ou nas Trienais da Academia Portuense.

ÁREA DISCIPLINAR: História da Arte. História da Arquitectura

PALAVRA CHAVE: Arquitectura no século XIX. Escola de Belas Artes de Paris.

Desenho da Arquitectura. José Geraldo da Silva Sardinha.

Abstract:

The aim of this study is to enlighten the instructional path of José Geraldo da Silva Sardinha since his days in the Instituto Industrial do Porto, which he attended before joining the Civil and Naval Architecture Class of the Academia Portuense de Belas Artes, to the École des Beaux Arts, in Paris, and the surrounding architecture studios. His time in Paris, between 1867-70 and 1871-73, were of extreme importance, not only for the young Silva Sardinha, but also for his future students in the Academia of Porto, an entire generation of architects arising towards the end of the 19th Century, particularly important in northern Portugal at the turn of the century. For this, two types of documents were mainly used: his personal correspondence sent from Paris to the Academia Portuense, a set of fifteen letters filled with information and historical details, not only about his own pathway, but also his colleague and friend António Soares dos Reis (awarded a similar scholarship in Sculpture).

His drawings, most of them done in Paris, were also a subject in this study, and were a fundamental tool in the work of a student of architecture and, at the same time, with the celebrated *rendu*, achieved a statute of truly great works of Art being exhibited alongside works of painting and sculpture in major exhibitions, such as the annual Parisian Salons, or Triennial at the Academia Portuense.

DISCIPLINARY AREA: Art History. History of Architecture

KEYWORD: Architecture in the nineteenth century. School of Fine Arts in Paris

Architectural Drawing. Jose Geraldo da Silva Sardinha.

Abreviaturas

- AFAUP – Arquivo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
- AFBAUP – Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
- APBA – Academia Portuense de Belas Artes
- BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto
- COETAPBA – Catálogo de Obras Expostas na Trienal da Academia Portuense de Belas Artes
- CPEA – Correspondência dos pensionistas do Estado com a Academia
- ENSBAP – École Nationale Supérieur des Beaux-Arts de Paris
- ESBAP – Escola Superior de Belas Artes do Porto
- FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
- FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- GPR – Grand Prix de Rome
- MNSR – Museu Nacional Soares dos Reis
- DCTP – Departamento de Ciências e Técnicas de Património

Siglas

-fl – folha

-nº - número

- obs. – observação

- op. cit. – obra já citada anteriormente pelo mesmo autor

- org. – organização

- p. – página

- pp. – páginas

- s. n. – sem nome

- vol. – volume

- v – verso

- s. d. – sem data

1.Introdução

1.1. O Tema. Algumas razões.



Cliché original tirado na
Photo União.
Colecção Particular.



Cópia da gravura feita por Marques de Abreu,
In revista *ARTE* (nº6, 2ºano, 24Dez.1906).

Cingir o nosso estudo à apresentação de alguns dos desenhos do período de pensionato no estrangeiro de um Arquitecto, José Geraldo da Silva Sardinha, envolvendo-o e integrando-o nas Academias de Belas Artes que frequentou, a do Porto e a de Paris, parece-nos matéria suficientemente rica e estimulante para desenvolvermos neste trabalho bem como, para de alguma forma, contribuirmos para uma melhor clarificação sobre o seu trajecto e a sua evolução na Academia Portuense, nomeadamente na segunda metade do século XIX.

Para o jovem Silva Sardinha, como aliás era de tradição, foi determinante o peso da herança familiar: ele era filho e neto de dois importantes Mestres Pedreiros da região do Porto, respectivamente Francisco Geraldo da Silva Sardinha, que trabalhou, por exemplo, na Bolsa do Porto e na Ordem da Trindade, e o avô João da Silva Sardinha, também ele Mestre pedreiro da Trindade e que, segundo o contrato que assinara com aquela Ordem *não poderia acompanhar qualquer outra obra; disporia de pessoal, trabalharia e riscaria o que fosse necessário. Era mais que um empreiteiro. E pouco*

*menos que o arquitecto*¹. É assim que em família se herdam, se transferem e se partilham conhecimentos e negócios, artes e saberes: *É a dinastia dos Sardinhas que se inicia com um mestre pedreiro e acaba com um neto arquitecto*². Estamos, assim, em presença duma família que muito edificou na cidade e que, na sua eficácia e singeleza construtiva, podemos arriscar, foi determinante para o delinear duma certa urbanidade que se irá desenvolver durante esta segunda metade do século XIX, e que tanto nos inspirou a nós, investigadores: o seu pai Francisco Geraldo, tem inúmeros pedidos de obras junto da Câmara do Porto, obras essas que o filho vai continuar, coincidindo ambos em alguns estaleiros, como no “complexo” da Trindade, ou, por exemplo, nos arranjos do edifício da Academia e da Biblioteca do Porto em S. Lázaro (1882), obra que a seu tempo o referiremos, ou ainda nos estaleiros do Palácio da Bolsa.

No entanto, e à medida que fomos avançando no nosso estudo fascinou-nos imaginar, recriar até, o período que Silva Sardinha passou em Paris, a começar pela própria viagem, com momentos intensos de novidades, experiências. Mas Paris significava também tempos de grande exigência nas constantes provas de emulações, carregadas de impiedosa concorrência a que nas *Beaux Arts* os estudantes, vindos de todos os cantos do mundo, eram sujeitos, e tempos de alguns sacrifícios, e outras tantas tristezas, a que, por entre tanta grandiosidade e opulência, não se pode escapar. Em Paris, e, porque não dizê-lo, um pouco por toda a Europa, este é um período que corresponde a uma grande efervescência não só de origem política, com o intervencionismo do Imperador Napoleão III e as suas investidas bélicas, que culminarão na guerra franco-prussiana de 1870, mas também social e culturalmente, como por exemplo a fantástica e megalómana Exposição Universal de Paris de 1867, ou o emergir de novas correntes literárias e artísticas, como é o caso dos novíssimos *Impressionistes*, que davam agora os primeiros passos, primeiras *impressões* que iriam estilhaçar a arte europeia até ao final do século. No que se refere ao ensino na *École des Beaux Arts*, as reformas iniciadas já em 1863 vêm alterar o universo dos *Ateliers*, os verdadeiros centros de formação dos jovens artistas chegados de toda a parte do mundo. Até aqui eram todos exteriores à *École*, e agora passam a existir, em simultâneo, mais três *Ateliers* dentro de portas, o que vai obviamente criar situações de algum desequilíbrio ao nível do ensino, e mesmo ao nível da experiência que se vivia no seu dia-a-dia, como mais à frente veremos. E é de Paris

¹ COUTINHO, B. de Xavier - *História documental da Ordem da Trindade*. Porto: Edição da Celestial Ordem da SS Trindade, vol I, p.445.

² VASCONCELOS, Flório de - *Carlos Amarante arquitecto do Porto oitocentista*. In Boletim Cultural da CMP. Porto: CMP, 1989. vol. XVII, p.268.

que o jovem estudante vai enviar os seus desenhos de arquitectura, (que no século XIX ganham estatuto de verdadeiras obras de Arte, ao lado dos trabalhos de pintura e de escultura, sendo expostos nos grandes *Salon* parisienses, ou nas nossas Trienais da Academia Portuense, como veremos)³, os seus *rendu*, explicados e justificados pela correspondência que enviava para a Academia Portuense, (agora pertença da Escola Superior de Belas Artes do Porto). Estes nove desenhos, todos pertencentes à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, serão como que o motor do nosso estudo: ajudar-nos-ão a compreender, por um lado, os anos áureos da École des Beaux Arts parisiense, e por outro lado, a explicar uma ingénua Academia Portuense de Belas Artes que, apesar das limitações de vária ordem que nela vão despontando, foi teimando em florescer.

As quinze cartas que o jovem pensionista envia para a Academia Portuense de Paris – a sua correspondência, e que também aqui serão lidas e divulgadas, apresentarão a quase totalidade dos desenhos e serão, sempre que citadas, apresentadas entre aspas, ao contrário das citações, de outros autores que utilizaremos ao longo do nosso trabalho, em que o faremos em itálico. Assim, e pela leitura das suas cartas não desvendaremos muito do seu carácter pessoal, pelo contrário, parece-nos bastante austero nas suas manifestações emocionais. Poderemos sim adivinhar o ambiente parisiense naquele período tão conturbado da guerra franco-prussiana, e seguramente perceber algumas das suas dificuldades, sejam as mais elementares referentes ao envio das remessas para Portugal, sejam mais importantes, como a do ingresso na escola parisiense, ou as solicitações de subsídio para prolongamento da estadia para a finalização dos estudos. Os relatórios que envia, ao qual aliás estavam obrigados os pensionistas no estrangeiro, são acompanhados pelo texto em francês das propostas de trabalho do professor da École, (como acontece por exemplo na sua sexta carta, de Setembro de 1869) o que, pensamos, faz deles um testemunho importantíssimo para o estudo do ensino nas Beaux Arts parisienses, e que claramente procuraremos sublinhar neste trabalho.

Dividimos o nosso trabalho em três partes, começando na primeira por dar relevo aos seus primeiros estudos e à Escola que no Porto, integrava a Aula de Arquitectura. Na segunda parte demos especial relevo ao concurso para os primeiros bolseiros em arquitectura, e de seguida à estadia em Paris dos ganhadores com a referência que nos pareceu importante aos ateliers e, só depois, à ENSBAP. Uma vez em Paris, exploramos a correspondência de Silva Sardinha para a APBA e os desenhos que lhe competia

³ JACQUES, Annie *Les dessins D' architecture du XIX siècle*. Paris: Bibliotheque de L'Image, 1995. p.7.

enviar, e dos quais apresentaremos dois pela primeira vez. Por fim, a terceira parte, é o seu regresso: damos nota da APBA e do seu complicado convívio físico com o museu e a biblioteca da cidade debaixo do mesmo tecto. Abordaremos Silva Sardinha, agora como arquitecto, e a sua até aqui ignorada participação para as obras de melhoramentos que ali se faziam - e que comprovamos de forma inédita. Referiremos também o Professor Silva Sardinha, lugar a que ascende depois dum disputado concurso que também abarcaremos com algum entusiasmo, e finalmente algumas das suas actuações enquanto Director da APBA até ao ano de 1906.

Enfim, neste trabalho de introdução a José Geraldo da Silva Sardinha parece-nos, e olhando agora ao título que escolhemos para este trabalho, termos evidenciado a sua profunda ligação à Academia Portuense de Belas Artes: é lá que ele dá os primeiros passos como estudante de arquitectura; é de lá que é enviado para Paris, e depois, uma vez regressado, é à volta da Academia que anda grande parte da sua vida profissional. Por todas estas razões achámos que deveríamos direccionar de uma forma um pouco autoritária o seu percurso para a Academia, sublinhando aqui a sua carreira enquanto aluno e depois professor da Academia, e deixando propositadamente para oportunidade futura um estudo mais especializado sobre Silva Sardinha como arquitecto na cidade.

1.2. O Estado da Arte.

Apesar de ter vivido num dos períodos mais ricos e conturbados da vida cultural portuense – a segunda metade do século XIX, e, em particular, do desenvolvimento e da institucionalização da APBA, José Geraldo da Silva Sardinha, tem sido muito olvidado pelos estudiosos da história da arquitectura portuense. O único trabalho existente e que lhe faz, quanto a nós, devida justiça, é uma comunicação apresentada pela investigadora Maria do Carmo Pires no Porto em 2004, intitulada: *O Arquitecto José Geraldo da Silva Sardinha – Construtor de espaços de passagem, encontros e permanências*⁴. Nela são referidas e analisadas duas das suas obras mais emblemáticas, – o Grande Hotel do Porto e o Teatro Sá de Miranda de Viana do Castelo, e apresentados os seus ainda inéditos desenhos, enviados de Paris a quando do seu pensionato, actualmente em posse da Faculdade da Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP).

De grande valor para o nosso estudo, tem sido a obra seminal do Professor António Cardoso, *O Arquitecto José Marques da Silva e a Arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*⁵, não só pelas pistas que vai fornecendo, como pelas lições que nos transmite nos mais diversos ramos da história cultural daquele tempo. Marques da Silva foi um dos mais celebrados alunos do Professor Silva Sardinha, e a este se refere várias vezes António Cardoso ao longo do seu trabalho⁶. Sobre Silva Sardinha vai-nos cedendo dados importantíssimos, dando sempre maior relevo, logo veremos se acertadamente ou não, à sua actividade como professor e director da APBA, do que enquanto arquitecto, o que aliás já sublinhara antes, numa comunicação feita em Novembro de 1987, subordinada ao tema *Évolution de l'Architecture á Porto au long du XIX siècle*⁷.

De grande valor e ajuda para o nosso estudo foi o estudo de Maria da Assunção Oliveira Costa Lemos sobre o mestre de pintura e professor *Marques de Oliveira (1853-1927)*⁸, trabalho de grande clareza e seriedade, nomeadamente no primeiro capítulo sobre a

⁴ *ARTISTAS E ARTÍFICES E A SUA MOBILIDADE NO MUNDO DE EXPRESSÃO PORTUGUESA*. Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas de Património(DCTP) da FLUP, 2005.

⁵ 2ª Edição. Porto: FAUP publicações, 1997. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) em 1992.

⁶ Ver principalmente notas 45, 59 e 62 da 1ª parte, Cap. 1, p. 610 e 611.

⁷ Cardoso, António, in Actes du Colloque. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), 1988, p.92.

⁸ LEMOS, Maria da Assunção Oliveira Costa Lemos - *Marques de Oliveira (1853-1927) e a cultura artística portuense do seu tempo*. Porto: dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2005 (policopiada).

APBA na segunda metade do século XIX, onde vai referindo, quando lhe parece oportuno, o estudante, o pensionista, e o Professor Silva Sardinha, fazendo uma análise exaustiva do arquivo da Academia, socorrendo-se principalmente da leitura das Actas das Conferências Ordinárias, ou da Correspondência Saída para o Governo, repositório fundamental para o seu, e nosso, estudo.

Em Janeiro de 1987, inaugura-se uma exposição comemorativa dos 75 anos da Universidade do Porto realizada no Museu Soares dos Reis, organizada por professores da ESBAP e da FAUP, que apresentava precisamente os desenhos pertencentes ao seu espólio, e que integraria cinco trabalhos de Silva Sardinha, todos do seu tempo de pensionista em Paris, (dos quais a seu tempo falaremos), e em cujo catálogo o arquitecto, professor e investigador Bernardo Ferrão lhe traça uma pequena e concisa biografia.⁹ Esta exposição depois seguiu para Lisboa, para a Sociedade Nacional de Belas Artes, em Maio desse ano, mas apenas viajaram os desenhos de Arquitectura, aliás foi esse o título do catálogo¹⁰. Para Lisboa a exposição abre com um desenho do bracarense Carlos de Amarante, que na mostra portuense, curiosamente, não aparece, – aqui o primeiro arquitecto referido é precisamente Silva Sardinha. Para além das notas biográficas, e não só, que nos fornece, este catálogo e esta exposição foi, antes de mais, um esforço importantíssimo no sentido de ilustrar o Património da Universidade do Porto (UP), mas também viria ao encontro do nosso trabalho ao presentear-nos com um conjunto tão interessante e diversificado de desenhos de Arquitectura, algo inédito no panorama nacional, até à data.

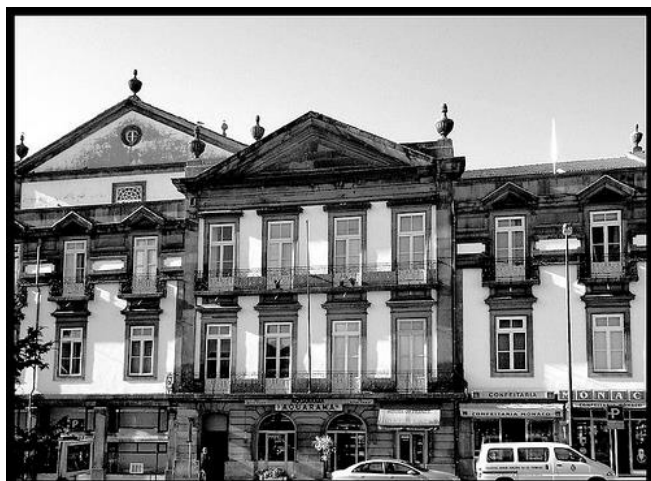
Ao nosso Arquitecto se refere também o investigador Manuel Azevedo Graça na sua brilhante dissertação *Construções de Elite no Porto (1805 - 1906)*¹¹, traçando-lhe os seus dados biográficos mais conhecidos, mas sobretudo, e o que nos parece aqui mais relevante, lançando várias pistas para o estudo da obra civil de Silva Sardinha, nomeadamente em relação á autoria de algumas moradias do Porto oitocentista na parte oriental da cidade.

⁹ FERRÃO, Bernardo José - *Arquitectura Pintura Escultura Desenho. Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*.

Porto: Universidade do Porto, 1987. pp. 30 -33.

¹⁰ *Desenho de Arquitectura*. Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa. Porto: edição da Universidade do Porto, 1987.

¹¹ GRAÇA, Manuel Pimentel. Tese de doutoramento em História de Arte apresentada à FLUP em 2005. Policopiada.



Ordem da Trindade

Fonte da imagem :

<http://ruasdoporto.blogspot.pt/2008/05/rua-da-trindade.html>

Consultado em 12.09.2012

No ano seguinte, em 2005, é publicada em Lisboa, a Tese da Maria Helena Lisboa, subordinada ao tema: *As Academias e escolas de Belas Artes e o ensino artístico (1836–1910)*¹². Foi obviamente um dos nossos maiores alvos de consulta e, no que se refere ao Arquitecto Silva Sardinha, além dos seus dados biográficos essenciais, vai bastante mais longe ao analisar o seu processo de admissão como pensionista para a Academia parisiense, bem como depois no estudo dos relatórios que de lá enviava e que vão servir á autora, definitivamente, como uma das fontes principais de todo o seu estudo, não esquecendo ela, ainda, de desenvolver o processo do Concurso a que concorreu Silva Sardinha para o cargo de Professor de Arquitectura Civil, bem como a sua actividade enquanto docente.

Em 2002, na sua Dissertação de Doutoramento sobre teatros Portugueses¹³, Luís Soares Carneiro refere, naturalmente, Silva Sardinha, a propósito do Teatro Sá de Miranda em Viana do Castelo, projecto seu (1875 a 1885), mencionando alguns detalhes da sua vida profissional, não deixando de criticá-lo pela sua singeleza no projecto que, apesar de ser *uma expressão bem mais próximo dos antigos teatros italianos do que dos modelos franceses que, trazidos pelo Trindade, em 1867, tendiam a assumir preponderância*¹⁴, conseguiu ser inovador pois era *a primeira vez que em Portugal se fazia, de raiz, um*

¹² Lisboa: Edições Colibri - IHA/Estudos de Arte Contemporânea, FSHC- Universidade Nova de Lisboa, 2007.

¹³ CARNEIRO, Luís Soares – *Teatros Portugueses de Raiz Italiana*. 2 vols. Porto: dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada á FAUP, 2002, (texto policopiado).

¹⁴ CARNEIRO, Luís Soares, Op. cit., p.844.

*volume protuberante para o exterior, uma caixa de palco visível de fora*¹⁵ (...). Enfim, remata considerando-o *equilibrado, sem conflitos*¹⁶.

Os dados biográficos, ou um esboço deles, são apresentados também num Boletim Cultural dos Amigos de Gaia, de 1984¹⁷, de uma forma sumária mas nem por isso menos interessante, por um colaborador, António Sardinha, em forma de resposta a um tal Ignotus (?), que num número anterior da mesma revista¹⁸ se tinha referido ao arquitecto Silva Sardinha, mas apresentando muitas gralhas biográficas que o colega, alguns números mais tarde, iria corrigir. Também, aqui ambos se referem à eterna questão da autoria da Igreja de Bonfim no Porto. Aliás este tema será retomado e, a nosso ver, rematado de forma clara, pelo investigador portuense Flório de Vasconcelos, num número da revista portuense O Tripeiro de 1995¹⁹, em que, celebrando o centenário daquela instituição (foi inaugurada a 19 de Agosto de 1894), o investigador traça o seu historial, referindo e analisando o desenho *Projecto de igreja para a Sra. de Bonfim* feito pelo arquitecto Silva Sardinha em Paris, em 1872, mas nomeando, como autor mais provável do projecto, baseado na datação e nas suas semelhanças com outras obras, o arquitecto camarário José Luís Nogueira Júnior²⁰. Parece-nos, no entanto, que não restam dúvidas que o jovem Arquitecto Silva Sardinha terá ali trabalhado, apesar de não ter sido possível encontrar qualquer documentação quanto às obras, pois entretanto houve um incêndio na sacristia que levou tudo...

Já o mesmo não se terá passado em relação às obras da Ordem da Trindade bem documentadas, em que, e de acordo também com o mesmo Flório de Vasconcelos, (1989), se havia referido ao Silva Sardinha, ao pai e ao avô como *a dinastia dos Sardinhas*²¹, todos com a sua quota de responsabilidade pelas obras daquele grande complexo, aliás também referidos e elogiados na obra mais exaustiva e completa, que sobre aquela Ordem foi escrita por Bernardo Xavier Coutinho, em 1972²². É aqui que serão publicados pela primeira vez desenhos do jovem Arquitecto José Geraldo de algumas das fases por que passaram as obras da Trindade, (obras iniciadas em 1808

¹⁵ CARNEIRO, Luís Soares, Op. cit., p.845.

¹⁶ CARNEIRO, Luís Soares, Op. cit., p.845.

¹⁷ SARDINHA, António, in Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia(ACAG), nº16. Vila Nova de Gaia: ACAG, 1984. p.17.

¹⁸ Ignotus, in Boletim da ACAG, nº14,p.3.Vila Nova de Gaia: ACAG, 1983.

¹⁹ VASCONCELOS, Flório de - *No Primeiro Centenário da igreja do Bonfim* .In revista *O Tripeiro* nº3. Porto, 1995. pp. 66 a 69.

²⁰ PASSOS, Carlos de – *Guia Histórico e Artístico do Porto*. Porto: Editora de A. Figueirinhas, 1935. p. 124.

²¹ VASCONCELOS, Flório de ,in Boletim Cultural da CMP. Porto: CMP, 1989. vol .7, pp. 268 a 270.

²² COUTINHO, B. Xavier - *História Documental da Ordem da Trindade*. 2 volumes . Porto: Edições da Ordem da Trindade. 1972.

com o engenheiro bracarense Carlos da Cruz Amarante e que iriam atravessar o século até á feitura do altar mor, o que só aconteceria com o Arquitecto José Marques da Silva em 1901), e que passamos a enumerar: *Planta da igreja e edificio anexo (Hospital e liceu)* ²³ e “*Planta da igreja e edificios circundantes com o arranjo da capela-mor*”²⁴; mais à frente²⁵ três belíssimos desenhos do edificio da Ordem: um do lado Nascente e mostrando *a Parte já construída*; outro, do Lado Poente, são Alçados do Hospital da Ordem, com um *Corte Longitudinal do Pateo*, e o último o *Lado do Norte, um Alçado do Liceu da Ordem da Trindade*. Mais à frente a obra reproduz ainda²⁶ um desenho assinado pelo architecto Silva Sardinha, com data de 15 de Março de 1881 que o próprio enumera como sendo *Projecto nº3*, representando o zimbório ou lanterna da igreja da Trindade; e na página seguinte reproduz-se a *Medição E Orçamento Da Lanterna metálica projectada para o cruzeiro da igreja da S. S. Trindade do Porto*, valores por ele adiantados, mas que finalmente não foram avante, pois por razões económicas optou-se por revestimento total da cúpula a tijolo em 1884, (já não se fala de zimbório)²⁷. Desde a infância Silva Sardinha esteve ligado à Ordem da Trindade, sendo-lhe inclusivamente conferida a patente de irmão da Ordem em Abril de 1877, tendo frequentado lá o liceu, até aos anos oitenta do século XIX, em que acompanha e supervisiona as longas obras do fecho da cúpula, ou os trabalhos do hospital²⁸.



J.G.S. Sardinha pintado por Soares dos Reis.
in Revista *Feira da Ladra* nº3. Lisboa, 1932.

Antes disto as referências a Silva Sardinha eram muito poucas, quase nenhuma. Fomos encontrá-las num artigo intitulado *Soares dos Reis, Pintor* numa revista lisbonense *A Feira da Ladra*²⁹ (1933), assinado por Alfredo Cândido, colunista e desenhador, da

²³ COUTINHO, B. Xavier, Op. cit., vol I, p.424 ,fig.23.

²⁴ COUTINHO, B. Xavier, Op. cit., Vol I, p.425, fig.24.

²⁵ COUTINHO, B. Xavier, Op. cit., Vol I, p .568, fig.27, 28 e 29.

²⁶ COUTINHO, B. Xavier, Op. cit., Vol I,p.616 e 617, fig.36 e 37.

²⁷ SILVEIRA, Boaventura - *A Ordem Terceira da Trindade e a sociedade portuense*. Porto: edição de....2001. pp. 167 e segs.

²⁸ COUTINHO, B. Xavier – Op. cit., Vol.2, p.857.

²⁹ Revista *Feira da Ladra*. Mensal, nº3. Lisboa: editor Cardoso Martha,1932, pp.81 a 88.

Sociedade Nacional de Belas Artes, amigo de Adolfo Mengo Sardinha, filho único vivo do Arquitecto Silva Sardinha. Temos aqui informações curiosíssimas e da maior relevância para o nosso trabalho, como por exemplo as reproduções de dois óleos inéditos de Soares dos Reis, que eram pertença do filho do arquitecto e que acompanham o artigo, sendo um o excelente retrato do arquitecto pintado por Soares dos Reis a quando do pensionato parisiense, mais precisamente em 1870, do qual actualmente se desconhece o paradeiro³⁰. Parece-nos um trabalho de grande qualidade, que espelha por um lado, a versatilidade e a destreza do escultor agora como pintor, e por outro lado, atrevemo-nos a suspeitar, no olhar do retratado sentimos uma grande serenidade que só pode ser indício de sincera amizade, de alguma cumplicidade até, que os irá acompanhar, com os seus altos e baixos, ao longo de todo os seus trajectos, e em muitos dos seus projectos, e de que muito nos serviremos ao longo de todo o nosso estudo, quanto mais não seja porque o grande escultor, e seu conterrâneo, Soares dos Reis, foi objecto de vários estudos, onde esporadicamente, Silva Sardinha é referido. Essas notas encontram-se por exemplo, na revista portuense *MUSEU*³¹, que em vários números do ano de 1942 reproduz, coligida por José de Figueiredo e anotada por Vasco Valente, a *Correspondência* do escultor, sobretudo com o pensionista e amigo lisboeta o arquitecto José António Gaspar, onde por vezes alude ao “Sardinha” e á sua família, e que tem mesmo um rascunho de uma carta (...) *numa folha de papel parte dela ocupada com um desenho a lápis representando ruínas ameiadas com uma cercadura de heras e flores silvestres*³², sem data³³, dirigida ao arquitecto Silva Sardinha, e que contem algumas informações que nos parecem preciosas, que a seu tempo analisaremos, referentes ao período do pensionato em Paris.

No tão esperado e ambicionado Dicionário de Arquitectos do erudito portuense Francisco Marques de Sousa Viterbo, os escassos dados biográficos de Silva Sardinha aparecem com uma nota de rodapé justificando que *esta notícia achava-se escripta quando depois appareceu uma biographia mais completa no Annuário , de 1906, da*

³⁰ Aliás, poucos anos depois, em 1945, já o escultor Diogo de Macedo no seu trabalho *Soares dos Reis Estudo Documentado*, referia o facto do retrato de Silva Sardinha estar desaparecido; ao contrário por exemplo do retrato que o mesmo Soares dos Reis fez do arquitecto e amigo José António Gaspar, (1876), e que se encontra na Escola de Belas Artes de Lisboa, no seu sítio aliás !.

³¹ In Revista *MVSEV*, Vol. I, nº1, Abril , p.100; vol 1, nº2, Setembro, pp.128 a 143; Vol I, nº3, Dezembro, pp. 219 a 228. Porto : Círculo Dr. José de Figueiredo (*MNSR*), 1942.

³² “Correspondência Inédita de Soares dos Reis “. Separata da Revista *MVSEV* . Porto. 1942. Vol.I, p.16.

³³ VITERBO, Sousa - *Diccionario Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Constructores Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899. Vol I.

O vol III, que inclui a notícia sobre Silva Sardinha só apareceria em 1922, o que justifica a disparidade de datas com a nota que transcrevemos no texto.

Sociedade dos Architectos. A notícia a que se refere aparece na *secção luctuosa deste Anuario* e terá sido escrita pelo seu aluno, o também architecto Arnaldo Redondo Adães Bermudes, aquando da sua morte vítima de tuberculose, a 28 de Novembro de 1906, na sua casa nº612 da Rua do Bonjardim no Porto³⁴. Sob o efeito emocionante da hora que se atravessava, Bermudes não deixa de referir a necessidade desta homenagem (...) *para que se desfaça a penumbra que o envolveu em vida, devido a uma modéstia por ventura excessiva (...)*³⁵, conferindo - lhe diversas capacidades e qualificando-o: ... *um erudito, notavelmente competente em matéria de archeologia e na jurisprudência especial dos edifícios, sendo por isso muito apreciado como architecto perito*³⁶. A fotografia de Silva Sardinha, que acompanha esta nota biográfica, parece a mesma que acompanha uma nota que pela mesma altura surge na revista portuense *A Arte*³⁷, dirigida pelo fotógrafo e gravador Marques de Abreu, fotografia, da qual possuímos o original, que tem a marca da casa União de Fonseca e Comp.³⁸, da Praça de Santa Teresa nº47, empresa de grande prestígio no Porto oitocentista, que se dedicava quase exclusivamente ao retrato, sendo à época *photographia da Casa Real*, como se pode ver no canto inferior esquerdo do próprio retrato, (o que significa que era onde o Rei se fazia fotografar nas suas deslocações ao Porto)³⁹. No verso da fotografia diz que a União teve uma *Menção Honrosa pela Academia nacional de Pariz* em 1878, e *Diploma de 1ª classe na exposição de Cadiz* em 1880. Desta altura deve ser o excelente retrato de Silva Sardinha.

Por fim, e porque também nos parece ter cabimento neste breve balanço de referências biográficas ao architecto, referiremos a sua contribuição para a revista *A ARTE PORTUGUESA*⁴⁰ do Centro Artístico Portuense, primeiro periódico português exclusivamente dedicado às Belas Artes⁴¹, e que duraria doze números entre Janeiro de 1882 e Março de 1884. No seu número 3 de Março, apresenta um desenho de Marques Guimarães do *Projecto de Alargamento do edifício de S. Lázaro, Fachada da Rua de*

³⁴ BERMUDES, Adães - *Anuário da Sociedade dos Architectos*. Lisboa: Sociedade Nacional de Architectos, 1906. ,pp.13 a 15.

³⁵ BERMUDES, Adães. Op. cit., p.13.

³⁶ BERMUDES, Adães. Op. cit., p.15.

³⁷ Revista *A ARTE*, 2ºano,nº24.Dezembro . Porto: edição de Marques de Abreu, 1906.

³⁸ BAPTISTA, Paulo Artur Ribeiro - *A Casa Biel e as suas edições fotográficas no Portugal de Oitocentos*. Lisboa:.... 2010. ,pp.65 e 66

³⁹ BAPTISTA, Paulo, Op. cit., p. 66.

⁴⁰ O seu Conselho de Redacção era formado por Tomás Soller, Soares dos Reis, Marques de Oliveira, António José da Costa, Joaquim de Vasconcelos e Manuel Maria Rodrigues, núcleo significativo da intelectualidade portuense.

⁴¹ BOTELHO, Maria Leonor - *O Núcleo do Porto e o culto dos Monumentos. A formação de uma consciência patrimonial*. In III Congresso Internacional da APHA, 17 a 20 de Novembro. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida. 2004.

Murta de José Geraldo da Silva Sardinha, cujo desenho da *Planta* desse mesmo projecto aparece no número seguinte, nº4 de Abril de 1882. As obras que efectivamente vão acontecer, conduzidas pelo Professor de Architectura Silva Sardinha, em todo o complexo do convento de Santo António, onde funcionavam ao mesmo tempo Academia, Biblioteca e Galeria das Pinturas de D. Pedro, serão de dimensão muito mais humilde, infelizmente não espelharão os projectos que a Revista divulgara, de uma forma tão inovadora para aquela época.

2. No Porto

2.1. Primeiros passos até à Escola Industrial.

José Geraldo da Silva Sardinha, o segundo de nove filhos de Francisco Geraldo da Silva Sardinha e de Maria Pedrosa, nasceu a 13 de Fevereiro de 1845, no lugar de Mexedinho, na freguesia de S. Pedro de Pedroso, em Vila Nova de Gaia, onde foi baptizado a dezasseis, com a bênção dos padrinhos, o Padre José Domingos Cavadas e Joana Pedrosa, sua tia materna⁴². Ali terá vivido os primeiros anos da sua vida, não sabemos até quando. Sabemos com certeza que frequentou o liceu da Ordem da Trindade⁴³, no Porto, onde ele próprio, seu pai, e antes o avô João da Silva Sardinha (este desde 1818), foram responsáveis⁴⁴ pelas obras que ali decorreram ao longo de todo o século XIX. A família terá sempre vivido nesta zona da Trindade portuense, (como veremos, todas as moradas de José Geraldo até à sua morte estão entre a Rua do Bonjardim, a da Trindade e a de Camões, infelizmente uma zona que tem sofrido profundas alterações e que não nos permite sequer distinguir alguma das suas residências com a exactidão desejada). Por exemplo, temos conhecimento de que em Maio de 1877 a Ordem solicitou a Francisco Geraldo que abandonasse a casa pegada à igreja, em que estava a título de empréstimo, que não sabemos se era residência, se apenas estaleiro de obras, para ser entregue ao sineiro que a iria habitar⁴⁵.

Do Liceu José Geraldo passou, no ano lectivo de 1859/60, para a Escola Industrial do Porto⁴⁶, a funcionar desde 1854, no primeiro andar do edifício da Academia Politécnica no antigo Campo do Olival, no agora denominado Campo dos Mártires da Pátria. É inscrito no ano de 1858/59 como estudante, mas no seguinte já como pedreiro, aliás como os dois irmãos Luís Geraldo e João Geraldo. Sob a clara influência do pai Francisco Geraldo, que pretendia dar continuidade à actividade de Mestre Pedreiro que também ele já havia herdado de seu pai, João da Silva Sardinha, estamos em presença duma visão bastante mais prática e objectiva no sentido do desenvolvimento profissional dos jovens, procurando-se pois que (...) *a formação demasiado genérica ou*

⁴² Conforme certidão passada pela *Residência Parochial de Pedrozo, 1 de Novembro de 1863* para efeitos de inscrição na Academia Portuense, e que neste momento integra o Processo do aluno da FAUP.

⁴³ COUTINHO, Luís Xavier - *História Documental da Ordem da Trindade*, Porto. 1972. Vol. II, p. 857.

⁴⁴ COUTINHO, Luís Xavier, Op. cit., pp.572 e 573.

⁴⁵ COUTINHO, Luís Xavier, Op. cit., p.576.

⁴⁶ *É criada no Porto uma Escola Industrial, que compreende a instrução completa dos dois primeiros graus do ensino industrial, e a 7ª cadeira - química aplicada às artes – do ensino complementar.* Decreto de 30 de Dezembro de 1852, Título III, art.º 17. in ALVES, Luís Alberto Marques, *ISEP 150 Anos Memória e Identidade*. Porto: edição do ISEP, 2005, p.20.

teórica desse lugar a uma outra mais profissionalizante e técnica)⁴⁷. Assim, com catorze anos, no ano lectivo de 1859/60, José Geraldo é aprovado na 2ª cadeira (*Desenho linear e de ornatos industriais*), do Professor António José de Sousa Azevedo⁴⁸, que seria professor da Escola Industrial entre 1854 e 1864, ano da sua morte⁴⁹, pintor muito conceituado no meio artístico portuense, elogiado até pelo colega Francisco Resende⁵⁰ ou pelo mestre Roquemont⁵¹, era filho de José António de Sousa Azevedo, o melhor artista entalhador do seu tempo⁵². Silva Sardinha faz também a 3ª Cadeira - Elementos de geometria descritiva, e a 5ª cadeira - Desenho de modelos e máquinas (1ª parte), ambas com o insigne Professor Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa⁵³, tendo ficado logo *aprovado na primeira classe*, (28 de Julho de 1860)⁵⁴. Neste primeiro ano lectivo, inscreve-se com a profissão de Pedreiro e como Voluntário (não seguia o ensino pela ordem estabelecida para as matérias mas estava sujeito às mesmas disposições regulamentares que os Ordinários). No ano seguinte faz de novo a 2ª cadeira, com o mesmo Professor, mas agora como aluno Ordinário, ficando *aprovado com distinção* (30 de Julho de 1861); nesse mesmo ano faz a 1ª cadeira - aritmética elementar, também como aluno Ordinário, com o lente João Vieira Pinto⁵⁵, sendo também *aprovado com distinção* (21 de Junho de 1861). No ano seguinte, a 20

⁴⁷ ALVES, Luís Alberto Marques, Op. cit., p.20.

⁴⁸ Do Snr. António José de Sousa Azevedo, Pintor de história e de retratos, e lente de Desenho de ornato e modelação na Escola Industrial do Porto, morador na rua da Rainha, com o seu estudo na rua dos Ingleses, foram apresentados na 7ª Exposição Triennial da Academia Portuense, de 1860, seis quadros original a óleo. COAETAPBA nº7, Porto, na Typographia de C. Gandra, 1860, p.16.

⁴⁹ QUEIRÓS, Francisco - *O palacete romântico do Conselheiro José de Almeida Cardoso, em Vila Nova de Gaia*. In Revista da FLUP. Porto, 2006-2007. Vol. V-VI, pp.489-501.

⁵⁰ Resende foi seu Professor na Academia e terá sido um dos responsáveis pela medalha de ouro que o jovem quintanista Sousa Azevedo ganhou em Pintura Histórica no Concurso Trienal de 1851. Aliás apresentaria doze trabalhos de seu exame e invenção nesta Trienal.

⁵¹ MOURATO, António - *O pintor António José da Costa*. In Revista da FLUP. I série, 2007. vol. V, p.348.

⁵² VITORINO, Pedro – Revista *O Tripeiro*, 195., p. 12.

⁵³ Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa nasceu no Porto em 2 de Agosto de 1818 e aqui faleceu a 30 de Março de 1899. Foi o primeiro docente da Academia Politécnica ali formado em engenharia em 1850, sendo em 1854 nomeado lente das 3ª e 5ª cadeiras da Escola Industrial, e em 1865 Director do, em agora denominado Instituto Industrial até 1899. O seu trabalho na Bolsa do Porto, entre 1860 e 79, é exemplar, não só pela monumentalidade e qualidade das obras feitas (veja-se, por exemplo, o salão árabe), mas também pela grande visão demonstrada ao levar para lá os seus alunos, fazendo do “estaleiro” da obra uma autêntica escola de canteiros, entalhadores, marceneiros, douradores e outros.... Já em 1852 na Bolsa seria criada uma primeira Escola Industrial privada em Portugal, pela Associação Industrial Portuguesa, e logo Gustavo Adolfo se ofereceu para reger, gratuitamente, a 3ª cadeira. Fundamental também, foi a sua contribuição para a definição e desenvolvimento urbano da cidade quando, a partir de 1864, foi nomeado engenheiro-chefe da junta de obras, cargo que exercerá até 2 de Janeiro de 1873, e durante o qual delineará, por exemplo, a Rua Mouzinho da Silveira, a Rua de Sá da Bandeira e Gonçalo Cristóvão, a Rua da Boavista e a Rotunda, ou o Cemitério e a capela de Agramonte.

⁵⁴ Assento de Exames em poder do Instituto Superior de Engenharia do Porto.

⁵⁵ Foi aluno da Academia Politécnica, premiado em comércio e desenho (1821), formado em Matemática e Medicina pela Universidade de Coimbra. Nomeado para a Escola Industrial do Porto em 22 de Fevereiro de 1854.

de Junho de 1862, é *aprovado na segunda classe* (...) na 1ª Cadeira do Professor Vieira Pinto; e a 29 de Julho de 1862, no Exame da 2ª cadeira do Professor Sousa Azevedo, ficou *aprovado no estudo do gesso e no de modelação*. Em 30 de Julho de 1863, é também aprovado nas 1ª, 2ª, 3ª e 5ª cadeiras, acontecendo o mesmo para o período seguinte de 63/64, agora outra vez como voluntário, penso que justificado porque é neste ano que dá entrada na Aula de Architectura Civil da Academia Portuense de Belas Artes⁵⁶. Entretanto, a 8 de Julho de 1865, consegue ficar *aprovado mínimo discrepante*, no exame de Química aplicada às artes, a 7ª Cadeira do Instituto Industrial, do Professor Joaquim de Santa Clara Sousa Pinto⁵⁷, para a qual se havia matriculado como voluntário, a 10 de Outubro de 1864⁵⁸.



Manuel José Carneiro, Guilherme Correia, António José de Sousa e João Baptista Ribeiro (autor desconhecido), c 1860. In Revista *PORTUGALE*, Maio de 1930, nº15, p.161

⁵⁶ Ver requerimentos, assinados pelo estudante Silva Sardinha endereçados ao Director da Academia a solicitara sua inscrição nos quatro anos que a frequenta, no “Processo do aluno” em arquivo na FBAUP.

⁵⁷ Santa Clara Sousa Pinto foi o primeiro professor catedrático da cadeira de química na Academia Politécnica, que regeu desde 1837 até á sua jubilação a 15 de Fevereiro de 1872; e, simultaneamente, na antiga Escola Industrial do Porto, depois Instituto Industrial, onde regeu a cadeira entre 1859 (carta régia de 14 de Março) e 1871. SALGADO, José Pereira - *A Química na Academia Politécnica do Porto*. Porto-1937. pp.13 e 23

⁵⁸ Assento de Exames em poder do ISEP.

2.2. (A aula de arquitectura civil e naval) na Academia Politécnica



Academia Politécnica (lado Sul),
*Annuário da Academia
Politécnica de 1878*, de Adriano
Cardoso Machado. p. 2



Academia Politécnica (lado Sul)
*Memória Histórica da Academia Politécnica
do Porto*, de A. Magalhães Basto. p. 444

A Academia Portuense de Belas Artes foi fundada em 1836⁵⁹, antes ainda da criação da Politécnica, que só viria no ano seguinte, em 1837. As Belas Artes iriam funcionar em dois pólos: as aulas de Arquitectura Civil e Naval e de Desenho Histórico no edifício do Colégio dos Meninos Órfãos de Nossa Senhora da Graça *sito fora da Porta do Olival*, a título provisório (até 1875!); e as de Pintura e de Escultura, no edifício do extinto convento de Santo António, tomado pela câmara⁶⁰ precisamente em 1836, para ali albergar além da Academia de Belas Artes, a *Real Bibliotheca Publica da Cidade do Porto*⁶¹ e o Museu Portuense⁶² de estampas e pinturas.

Assim, e com a aula de Desenho Histórico, e a Secretaria, os jovens estudantes da Aula de Arquitectura irão ocupar duas salas na fachada oriental do edifício⁶³ da Politécnica, conforme a portaria de 25 de Outubro de 1837⁶⁴, começando as aulas no mês seguinte⁶⁵. Com elas coexistiam no mesmo edifício o Colégio dos Órfãos no andar superior,

⁵⁹ Por decreto de 22 de Novembro de 1836.

⁶⁰ RIBEIRO, José Silvestre, Op. cit., Tomo VI, p.188. Carta de lei de 30 de Julho.

⁶¹ Instituída por decreto de 9 de Julho de 1833, assinado por D. Pedro IV, aliás em simultâneo com o Museu Portuense, depois denominado Ateneu D. Pedro, só teria a sua *solémne e regular abertura no glorioso dia 4 de Abril de 1842, aniversário natalício de S.M.F. a Rainha (...)*, in GANDRA, João Nogueira, Porto: *Revista Bibliotheca Portucalensis*, II Série, nº3.1989, p.91.

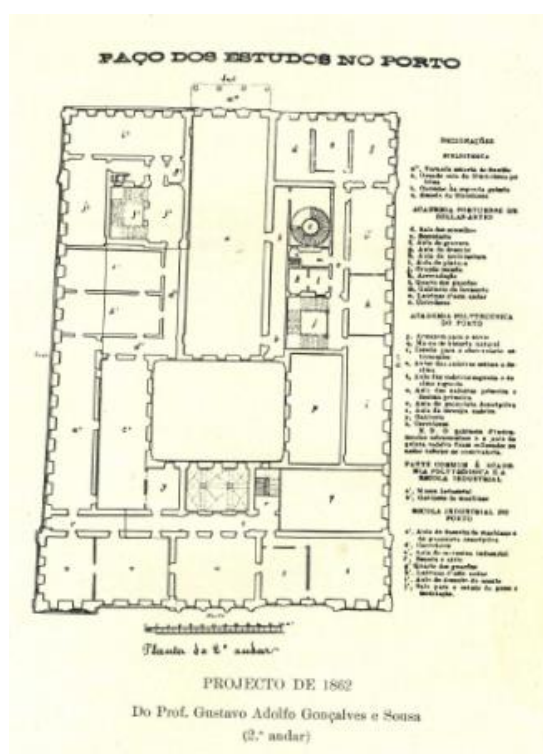
⁶² (...) *que a abertura pública deste interessante e recreador Estabelecimento se fará no dia 29 de Junho de 1840, pelas três horas da tarde (...)*. VITORINO, Pedro - *Os Museus de Arte do Porto*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1930, p.86.

⁶³ BASTO, A. de Magalhães - *Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto*. Porto: Enciclopédia Portuguesa. 1937, pp.217/218.

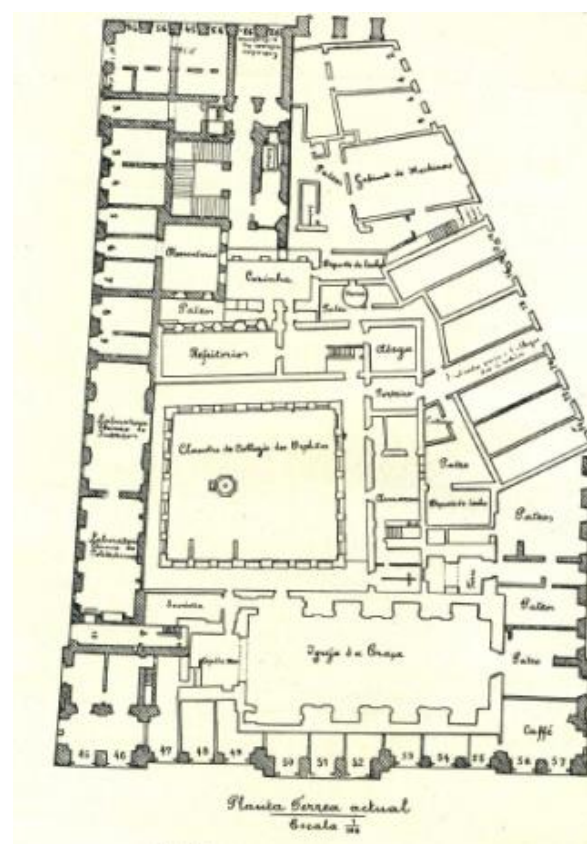
⁶⁴ RIBEIRO, José Silvestre. Op. cit., Tomo VI, p.181.

⁶⁵ *O Director informa que as duas Aulas que irão funcionar na Academia Politécnica ficarão concluídas no final do mês.* AFBAUP, Conferências Ordinárias da APBA (1837-1849), Acta de 25/11/37, p.2.

fundado em 1651 pelo grande pedagogo e arquitecto⁶⁶ padre Baltazar Guedes; a Escola (1852), depois Instituto Industrial (1864); o Liceu Nacional do Porto (criado por decreto de 14 de Novembro de 1836)⁶⁷; a Academia Politécnica, assim denominada desde 1837⁶⁸ em substituição da Academia de Comércio e Marinha, e ainda a igreja da Graça e algumas lojas comerciais que teimavam em resistir. Parece que até a diocese do Porto, à volta de 1670, terá levantado junto da câmara a hipótese de lá instalar o seminário⁶⁹ por que tanto ansiavam, e que depois iria crescer colado à igreja de S. Lourenço, nos Grilos, e ao qual Silva Sardinha também está ligado, como a seu tempo o assinalaremos.



Planta do segundo andar
Projecto de 1862 do Professor
Gonçalves e Sousa.
A. Magalhães Basto, op. cit. 386



Planta térrea actual
Planta da Academia Politécnica
tal qual era em 1884.
A. Magalhães Basto, op. cit. P. 391

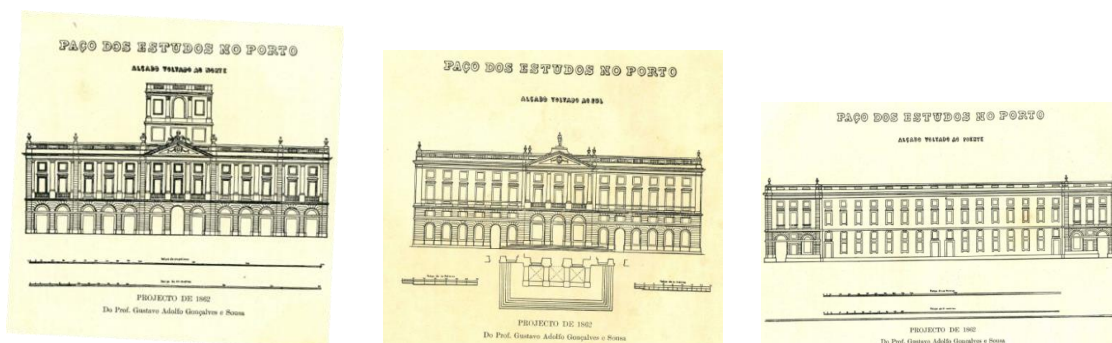
⁶⁶ O Padre Baltazar Guedes (1620 - 1693) terá trabalhado também como arquitecto na cidade, como por exemplo em obras do hospital de D. Lopo da Misericórdia; na construção da igreja de S. Nicolau, ou para uma das primeiras capelas da Ordem Terceira de S. Francisco. In BASTO, A. de M., *Breve relação da fundação do Colégio dos Meninos Órfãos de N.S.^a da Graça*. Porto: edição da CMP, 1951.

⁶⁷ O Liceu abandonara o edifício em 1861, para casa alugada, e, pelos vistos, não só por insuficiências técnicas do edifício. In BASTO, A. de M., *Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto*. Porto: Enciclopédia Portuguesa Limitada. 1937, p.304.

⁶⁸ Decreto de 13 de Janeiro de 1837.

⁶⁹ ABREU, Adélio Fernando - *D. Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto*. Porto: Universidade Católica, Centro Regional do Porto, 2010. p.381.

Na origem da Academia Real da Marinha esteve a chamada *Aula de Náutica*, criada no longínquo ano de 1762⁷⁰ por iniciativa de comerciantes portuenses, que viram necessidade de criar uma aula onde se preparassem marinheiros e pilotos para conduzirem as fragatas que iriam defender os nossos cargueiros das pilhagens de que eram alvo. Essas aulas começaram no mesmo Seminário dos meninos órfãos, e tiveram como primeiro responsável António Rodrigues dos Santos, mestre que já havia servido na Aula de náutica de Goa e na da Corte⁷¹. A responsabilidade desta *Aula* pertence à Junta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, nomeadamente no que se refere à cobrança do donativo dos 2 por cento que foi, digamos, a origem, e seria por muitos anos, a fonte de receitas garante da sua sobrevivência.



Paço dos Estudos do Porto, projecto de 1862. Gustavo A. G. de Sousa. A. Magalhães Basto op. cit. pp. 315,329 e 321.

Esta e a que a veio complementar, a de *Debuxo e Desenho*, fundada pelo decreto de 27 de Novembro de 1779⁷², a pedido da mesma Junta, (...) *ao fim da criação de uma aula publica de debuxo e desenho, que não será menos útil do que a outra aula publica da nautica, que já se acha estabelecida na Cidade do Porto debaixo do cuidado e inspecção da mesma Junta.* (...) ⁷³, e que já havia sido proposta pela mesma Junta em 9 de Julho último. É nomeado Lente o pintor António Fernandes Jacomo⁷⁴, e as aulas começam logo em 17 de Fevereiro do ano seguinte⁷⁵, na mesma Aula onde se davam as

⁷⁰ Alvará de D. José I de 30 de Julho de 1762. SANTOS, Cândido dos - *Para a história da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2007, p.135.

⁷¹ MACHADO, Adriano de Abreu Cardoso - *Memória histórica da Academia Polytechnica do Porto, in Anuário da Academia Politécnica do Porto, ano lectivo de 1877-78*. Porto: Tipografia Central, 1878, p.91.

⁷² RIBEIRO, José Silvestre - *História dos Estabelecimentos Científicos literários e Artísticos de Portugal nos Successivos Reinados da Monarchia*. Tomo II. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Sciências, 1872, pp.65 e segs.

⁷³ RIBEIRO, José Silvestre, Op. cit., p.67.

⁷⁴ RIBEIRO, José Silvestre, Op. cit., p.68.

⁷⁵ *ORIGENS DE UMA ESCOLA. Subsídios documentais para a história do ensino de Bela Artes na cidade do Porto*. Bicentenário da ESBAP. Porto: Universidade do Porto, 1980. p.21.

lições de Náutica. Natural de entre Douro-e-Minho, Jacomo, que estudara em Roma, foi o seu Lente até 1800, data em que foi chamado para o substituir, por aviso régio de 8 de Novembro, Francisco Vieira, o Portuense (1765 -1805). Jacomo deve ter morrido cerca de 1810, pois até essa data recebe vencimentos de jubulado⁷⁶.

Em 1803⁷⁷, a 4 de Janeiro, a Junta solicita ao príncipe regente D. João novas aulas, animada pelo andamento dos estudos e pelo grande desenvolvimento comercial da cidade: uma aula de Matemática, outra de comércio e duas para o ensino do francês e do inglês, propondo também a construção de instalações próprias.

A resposta do regente fora muito generosa e ambiciosa mesmo: não só decretara a criação duma Academia Real de Marinha e Comércio da cidade do Porto, logo a 3 de Fevereiro seguinte, acedendo ao pedido das novas aulas, como também *que sem perda de tempo se procedesse à edificação de uma casa no terreno do collegio dos meninos orphãos, própria para acomodação destas aulas e das duas já creadas (...)*⁷⁸. E logo estipulando que: *para a despeza da construcção daquelle edificio seria aplicado o produto da contribuição de um real em cada quartillo de vinho, que se vendesse na cidade do Porto, e distrito do privilegio exclusivo da Companhia (...)*⁷⁹. Porém, estas aulas não ficarão por aqui e não tardou que

*(...) se elevasse a categoria superior pelos estatutos aprovados pelo Alvará de 29 de Julho do mesmo anno, que estabeleceu duas novas cadeiras, a de filosofia racional e moral, e a de agricultura, às quaes aquelles estatutos juntaram duas outras de mathematica, com que se organizou o curso mathematico, constituindo a Academia Real de Marinha Comercio da Cidade do Porto, que com pequenas alterações conservou este character até à reforma de 1837, que deu a este estabelecimento a denominação de Academia Politécnica pelo decreto de 13 de Janeiro deste anno*⁸⁰.

COSTA, Luís Xavier da - *As Belas Artes Plásticas em Portugal durante o século XVIII*. Lisboa, J. Rodrigues & C.^a Editores, 1935, p.150

⁷⁷ MACHADO, A., op. cit., p.100.

⁷⁸ RIBEIRO, José Silvestre, Op. cit., Vol. II, p. 389.

⁷⁹ RIBEIRO, José Silvestre, Op. cit., Vol. II, p.389.

⁸⁰ ABREU, José Maria - *Relatório da inspecção extraordinária feita à Academia Polytechnica do Porto em 1864*. Lisboa, 1865.

As obras de melhoramento, ou de adaptação, às diversas funções para que foi servindo o edifício ao longo do século XIX, e mesmo ainda no século XX, foram sempre lentas e aos soluços, sendo, por vezes, regidas ou orientadas mais por movimentações ou vontades políticas do que pelas reais necessidades e aspirações dos universitários.

O primeiro risco para o edifício da futura Academia Real do Comércio do Porto data de 1803 e foi enviado pelo professor da aula de Arquitectura de Lisboa, José da Costa e Silva (1747–1819), um arquitecto com formação italiana, adquirida na Academia Clementina de Bolonha, onde esteve entre 1769 e 1778, e que seria depois o arquitecto das grandes obras emblemáticas do neoclassicismo em Lisboa, nomeadamente do Teatro de S. Carlos (1792) e do palácio da Ajuda (1802).

Em 1807 passa para as mãos do bracarense capitão de infantaria com exercício no Real Corpo de Engenheiros, Carlos Luís Ferreira da Cruz Amarante (1748–1815), que, de forma muito diplomática, criticará no projecto de Costa e Silva⁸¹ o facto de o edifício não ser regular por, de um dos lados confrontar com uma viela, formando um ângulo obtuso. Assim Amarante vai propor, logo no primeiro dos seus projectos (1807) a demolição das casas e de um conjunto de árvores de pouco valor (?) ali existentes, para que o edifício ganhasse uma forma mais semelhante à de um quadrilátero, o que lhe parecia mais razoável⁸² e mesmo mais estético, tendo em conta também o aspecto caótico que apresentava todo o quarteirão em que se encontrava inserido, e que nos parece vem também justificar o apelo da Junta da Administração da Companhia das Vinhas do Alto Douro a Cruz Amarante para pegar na obra, para a qual executa dois projectos, sendo o segundo projecto, de cinco folhas, aprovado pelo ministro do reino António de Araújo Azevedo a 26 de Setembro de 1807⁸³. As obras vão-se fazendo muito lentamente, sendo mesmo interrompidas em 1834, com a agitação provocada pelo cerco do Porto; serão retomadas só em 1865⁸⁴ com base no novo *Plano do Edifício do Paço dos Estudos do Porto*, do Lente da Academia Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa, que já estaria executado em Julho de 1862: em sessão de 30 de Julho são-lhe votados, pelo Conselho da Academia, agradecimentos pelo trabalho que teve na sua elaboração⁸⁵, em que se propunha, entre outras coisas, integrar no mesmo edifício A Politécnica, a

⁸¹ Apesar de aprovar o desenho de Costa Silva, elogiando-o até.

DUARTE, Eduardo Alves - *Carlos Amarante (1748- 1815) e o final do Classicismo*. Porto: FAUP Publicações, 2000, p.179.

⁸² DUARTE, E. A. Op. cit., p.181.

⁸³ MACHADO, Adriano in BASTO, A. de M., Op. cit., 1937, p. 68.

⁸⁴ MACHADO, Adriano in BASTO, A. de M., Op. cit. 1937, p.68.

⁸⁵ Em sessão de 30 de Julho de 1862 são-lhe atribuídos louvores pelo trabalho dispendido na elaboração de novas plantas e alçados da Politécnica. BASTO, A. M., Op.cit., p.306.

Escola Industrial, a Academia de Belas Artes e Biblioteca Pública. Era uma obra ambiciosa que nunca se viria a realizar, pois a juntar ao eterno problema da falta de verba, para sustentar tais obras, havia que juntar ainda a circunstância do colégio dos órfãos que ali se mantinham, por entre as ruínas da igreja da Graça, que teimava em manter-se de pé!. Em 1876, na sequência do projecto de Gonçalves e Sousa foi feita uma proposta de projecto - lei apresentado na Câmara dos Deputados onde se propõe, nomeadamente no seu *Artº 5º, Logo que esteja acabada a parte exterior da nova construção, será vendido o palácio de S. Lázaro, onde estão actualmente a Biblioteca Pública e a Academia de Belas-Artes, bem como o terreno pertencente ao mesmo prédio, e o produto da venda será empregado na conclusão daquelas obras*⁸⁶. Mas tudo não passou de uma proposta, pois dez anos passados sobre os projectos do Lente Gonçalves e Sousa, e o novo Director da Academia o Conselheiro Adriano Machado apresenta novo projecto-lei (a 15 de Maio de 1879), onde já não refere esta concentração de todos os *Estudos* num só edifício. Tem sim uma preocupação mais modesta, realista e urgente, que é a necessidade de resolver a questão dos Órfãos e do rés-do-chão do edifício, onde estão instaladas as lojas exploradas pelo seu Colégio, em número de dezassete. Propõe-se atribuir ao governo poderes para expropriar os ditos Órfãos, o que irá começar a acontecer em 1886⁸⁷, e que levará em última análise a resolver o problema da transferência definitiva daqueles para casa própria, pois perdem aqui uma boa fonte de receita, libertando assim muito espaço para as aulas da Academia, e permitindo finalmente a completa demolição da antiga igreja, o que só aconteceria efectivamente em 1903.

Quanto às obras e à sua evolução, só em 1898 é que se pode dizer que finalmente foram iniciados os derradeiros trabalhos, segundo um ante-projecto do Engenheiro Alfredo Soares, que, morrendo subitamente, passará a sua supervisão para o Engenheiro António Ferreira de Araújo e Silva, que veio a apresentar o seu *Projecto de Conclusão do edifício da Academia Politécnica do Porto*, onde já não consta nem Biblioteca Pública, nem Instituto Industrial, nem a Academia de Belas Artes⁸⁸, como estava anteriormente previsto no projecto de Gonçalves e Sousa de 1863, mas apenas a Academia Politécnica (e agora também a Escola Médica, que, depois de diversas hesitações se instalará na cerca do Carmo, em frente ao hospital de Santo António, e nunca chegará a vir para aqui!).

⁸⁶ BASTO, A. M., Op. cit., p. 388.

⁸⁷ BASTO, A. M., Op. cit., p. 442.

⁸⁸ BASTO, A. M., Op. cit., p. 444.

E é aqui neste edifício que o jovem Silva Sardinha fará os seus quatro anos de Arquitectura, e não os cinco estipulados, optando ele ao fim do quarto ano por concorrer ao pensionato em Paris. Foi durante todo o seu percurso universitário elogiado pela Academia, desde o 1º ano lectivo, em 1863/4, (...) *em architectura foram plenamente aprovados os estudantes do 1º ano (...) José Geraldo da Silva Sardinha (...): foram além disto julgados dignos de elogios os estudantes ordinários do 3º ano António Soares dos Reis; e os do 1º ano José Geraldo da Silva Sardinha e Theodoro Pinto dos Santos Fonseca*⁸⁹. No 2ºano,1864/65, igual nota com igual elogio⁹⁰. A acta de 31 de Agosto de 1866 referente ao seu 3º ano revela que (...) *Em Architectura ficaram plenamente aprovados os estudantes do 5º ano Soares dos Reis, do 4º ano José Bonifácio Lopes, do 3º ano José G. S. Sardinha e Theodoro Pinto dos Santos; do 2º ano Tomás Augusto Soller (...). Além de aprovados plenamente foram elogiados o estudante do 5º ano Soares dos Reis, os do 3º ano J.G.S. Sardinha e Teodoro P. S. Fonseca, e do 2º ano Tomás Soller (...)*⁹¹. Por fim, em 1867,Silva Sardinha volta a ser *aprovado plenamente* no 4º ano e *digno de elogio*⁹², ao lado do Tomas Soller, (3º ano) e do Bonifácio Lopes (5º ano), entre outros.

É nesta mesma data de 31 de Agosto de 1867, que é anunciado o vencedor do concurso ao lugar de pensionista de arquitectura em Paris, que seria Silva Sardinha, escolhido na sequência das provas anteriormente executadas em Maio deste ano, de que em breve falaremos.

De seguida passamos a introduzir os Professores da Aula de Arquitectura civil que a ele estiveram ligados, e que, de alguma forma, são também responsáveis pelo seu percurso profissional e pelo seu desenvolvimento, dentro e fora da Escola.

⁸⁹ AFBAUP 114, *Conferências Gerais da Academia*, fl.33.

⁹⁰ AFBAUP 114, *Conferências Gerais da Academia*, fl.34.

⁹¹ AFBAUP 114, *Conferências Gerais da Academia*, fl.40.

⁹² AFBAUP 114, *Conferências Gerais da Academia*, fl.42.

2.2.1. OS PROFESSORES DA AULA DE ARQUITECTURA CIVIL E NAVAL

2.2.1.1. Joaquim da Costa Lima Júnior (1806 - 1864)



Joaquim Costa Lima, retratado
por José Joaquim Pirralho
MNSR Porto.

Durante o período em que Silva Sardinha frequenta a Academia, entre 1863 e 1867, três mestres se vão suceder na Aula de Arquitectura. No entanto ele só terá conhecido dois, já que o Professor Proprietário desde os primeiros dias da Academia, em 1836⁹³, Joaquim da Costa Lima Júnior, morre a 29 de Janeiro de 1864⁹⁴, precisamente no decorrer do primeiro ano escolar de José Geraldo. No entanto, o Mestre Costa Lima deixará marcas profundas do seu magistério, dentro e fora da escola, nomeadamente no Plano do Curso de 1844, delineado em conjunto com o seu substituto Manuel Moreira da Silva⁹⁵, onde, referindo-se por exemplo ao 5º ano, diz que:

⁹³ *Relação dos Empregados, e Professores nomeados para a Academia Portuense das Bellas Artes, a que se refere o decreto da data de hoje.*

Director (...) João Baptista Ribeiro.

Lente de Desenho, o actual lente da Academia da Marinha, João Baptista Ribeiro.

Substituto, Manuel José Carneiro (...)

(...) Lente de Arquitectura Civil, Joaquim da Costa Lima Júnior. ---Substituto.(...) Secretaria d ' Estado dos Negócios do Reino, em 3 de Dezembro de 1836. = Manoel da Silva Passos.

Ver decreto em Anexo.

⁹⁴ AFBAUP 126, Correspondência para o Governo, fl.64.

⁹⁵ AFBAUP 104 (1837-1849), *Conferências Ordinárias*, fl. 67:pela Acta de 19 de Fevereiro de 1838 Manuel Moreira da Silva foi nomeado substituto de Arquitectura Civil, até à sua morte em 1842. Teve obra numerosa na cidade. Trabalhou para o edifício da Feitoria Inglesa; fez o retábulo - mor da igreja de S. Lourenço; os ornatos e as estátuas da tribuna da Capela Real de N. Sra. da Lapa, onde também *risca* o gradeamento do seu cemitério; executou também o retábulo, a tribuna e o sacrário da Capela - Mor da igreja da Ordem 3ª de S. Francisco, ou ainda os da capela-mor e do transepto do convento de Santa Clara de Vila do Conde. In ARAÚJO, A. de, *Viver da arte ou... no meio artístico? O caso de António José Vieira Júnior*. Porto: Revista da FLUP. I Série, 2008-2009. Volume VII-VIII, pp.82 e sgs.; e BASTO, A.

(...) terminará com diversos projectos para o progressivo melhoramento da cidade do Porto, em exames sobre o modo mais ou menos conveniente de a aumentar e para que parte dos seus subúrbios: - análise das disposições locais que oferecem os mesmos subúrbios para a sua ampliação, e ultimamente com algumas observações sobre a construção de enseadas, cais, docas e das necessárias comunicações entre a Foz, Leça e Póvoa do Varzim, ao longo da costa⁹⁶,

o que evidencia grande preocupação com uma nova vertente do estudo da arquitectura, mais prática, mas também mais preocupada com as novas questões como o urbanismo, uma nova vertente de estudo da Arquitectura que irá ser uma das maiores preocupações da Academia Portuense. Como Professor, e até como Director da Academia, (desde 1853, após a morte de Joaquim Rodrigues Braga), mostrou grande cuidado na selecção dos manuais a utilizar⁹⁷, dos quais aliás, em 1861, é enviada ao governo uma *Relação dos Compendios adaptados nas diferentes aulas*⁹⁸: os tratados de Blondel⁹⁹, de Durand¹⁰⁰, de Jean - Baptiste Rondelet¹⁰¹, e no actual ano lectivo está-se seguindo o tratado de Léonce Reynaud¹⁰², inspector geral de pontes e estradas e professor de Arquitectura na Escola Politécnica de Paris; os princípios de Aritmética e os de Geometria explicam-se pelos compêndios usados no Lyceu Nacional do Porto¹⁰³; utilizava-se ainda o compêndio de Frérier para a estereotomia, e os de Ozanan, Resent e

de Magalhães - *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*, Porto: edição da CMP, 1964. pp.14 e 511.

⁹⁶ LISBOA, Maria Helena – *As Academias e Escolas de Belas Artes e o Ensino Artístico*. Lisboa: Edições Colibri, 2006. p.121.

⁹⁷ (...) *Requisição para a compra de uma tradução autografada dos livros de Vignola, no valor de 9\$600 réis, feita pelo lente de Arquitectura, e que foi aprovada.*

AFBAUP 105, *Conferências Ordinárias*, fl. 76 (111ª Acta de 23/12/1842).

⁹⁸ AFBAUP 126, *Correspondência para o Governo*, fl. 46.

⁹⁹ Jacques-François BLONDEL (1705-1774)

,Cours de Architecture ou Traité de la Decoration, Distribution et Construction des Batiments; contenant les leçons données en 1750 et les années suivantes, de 1771-77.

¹⁰⁰ Jean-Nicolas-Louis DURAND (1760-1835), *Recueil et parallèle des édifices de tout genre anciens et modernes* de 1800, e “*Précis des leçons d’architecture*, de 1802-05.

¹⁰¹ Jean-Baptiste RONDELET (1743 – 1829) - *Traité theorique et pratique de l’art de bâtir*, dois volumes, escritos em Paris, entre 1802 e 1817.

¹⁰² Léonce REYNAUD (1805-1880) - *Traité d’Architecture*. 4 Vols. Paris: Carilian-Goeury et Dalmont. Primeira edição de 1850, a que se sucedem outras até 1880. São resultado de um ciclo de conferências que deu na *Polytechnique* de Paris, em 1848-49.

¹⁰³ AFBAUP 126, *Correspondência para o Governo*, fl 46.

Manuel de Azevedo Fortes¹⁰⁴ para a Topografia¹⁰⁵. Com a nova introdução do Reynaud é clara a grande preocupação do lente de Architectura com novas experiências construtivas e das suas vivências muito viradas para o campo profissional, o que aliás também vem ao encontro da inovadora aula de *Desenho de Ornato*, de que foi mestre entre 1852 e 55¹⁰⁶, período em que existiu a dita aula, e que já vinha explícito no programa apresentado à Academia em Março de 1844.

Joaquim da Costa Lima Júnior nascera no Porto a 5 de Setembro de 1806 e cedo começara a trabalhar com seu tio, o Architecto Joaquim da Costa Lima Sampaio, (Architecto da Cidade nomeado pela Junta das Obras Públicas em 1822, aí ficando até à sua morte em 1837). Seguindo as pegadas do seu tio, Costa Lima Júnior também será nomeado Architecto da Repartição de Obras Públicas da Câmara do Porto a 25 de Julho de 1853¹⁰⁷, ao serviço da qual executará dezenas de obras e de projectos¹⁰⁸, como por exemplo

*um Plano topographico que comprehende a Cerca do extincto Convento de Sto António da Cidade, bem como o Edifício hoje applicado em Biblioteca e Musêo Portuense, levantado para sobre elle se estabelecer e approvar o projecto da nova rua dirigida desde a do Reimão, á do Medo vinagre, através da mesma Cerca, e bem assim o espaço necessário para hum Edifício que contenha todas as Officinas próprias a huma Academia de Bellas Artes*¹⁰⁹,

de 1840, obra que nos anos seguintes será retomada por ele e por outros architectos, incluindo Silva Sardinha, que, como veremos, se ocupará dos melhoramentos da Academia em 1877 e 78¹¹⁰. Ambos, tio e sobrinho, foram dois dos principais urbanistas

¹⁰⁴ Manuel Azevedo Fortes (1660 -1749), Nomeado engenheiro -mor do reino em 1749.Fez vários planos urbanísticos e fez vários estudos como o *Tratado sobre o Modo Mais Fácil e mais Correcto de Fazer as Cartas Topográficas*, de 1722, e que deve ser o que Costa Lima utilizava na sua classe.

¹⁰⁵ LISBOA, M. H. – Op. cit., p.118.

¹⁰⁶ LEMOS, Maria de Assunção - *Marques de Oliveira (1853 - 1927) e a cultura artística portuense do seu tempo*. Porto. Tese de Doutoramento em pintura apresentada à FBAUP em 2005. Vol. I., p. 51(texto policopiado).

¹⁰⁷ MEIRELES, Maria Adelaide - *Catálogo dos Livros de Plantas*. Porto: Arquivo Histórico da CMP, 1982. pp.25 e 26.

¹⁰⁸ No *Catálogo dos Livros de Plantas*, anteriormente referido estão referenciados cerca de 80 plantas de projectos urbanísticos para a cidade assinados por Costa Lima Júnior, o que é bem elucidativo do seu trabalho enquanto Architecto da Câmara.

¹⁰⁹ Meireles, m. a., Op. cit., p.85, planta nº 189. Esc.de 200 palmos= 161 mm. 75 x 53 cm

¹¹⁰ AFBAUP, Cota nº90.

da cidade, dando um grande impulso e direcção ao seu traçado definitivo, e que, segundo alguns autores, dificilmente terão continuadores.

Quanto às suas obras e projectos pensamos dever destacar, entre outros, o seu risco para a nova Bolsa do Porto, na cerca do convento de S. Francisco, do qual se irá ocupar durante uns longos 20 anos, entre 1840 e 60, obra monumental relacionada com o chamado gosto palladiano, com pontos comuns com o edifício do hospital de S. António da cidade e com as vizinhas Real Feitoria ou a Nova Alfândega, e que será estaleiro dos mais diversos ecletismos nas mãos dos vários architectos e mestres de obras que por lá passarão, nomeadamente Silva Sardinha e o seu pai Francisco Silva Sardinha. A Costa Lima Júnior se deve também a Capela de Carlos Alberto nos jardins do Palácio de Cristal, e a feitura de dois projectos, em 1838 e 1856, para a Escola Cirúrgica do Porto, um dos quais poderá ser o que apresentará em 1854, para a Exposição Trienal da Academia Portuense, uma *Planta, corte e alçado para o edifício de uma Academia Médico Cirúrgica, projectado para a cerca do extintos Carmelitas descalços, segundo o programa dos Lentes da mesma Academia*¹¹¹. Antes, na Trienal de 1851, que, como habitualmente, se realizava na *Galeria do Atheneo D. Pedro*, em S. Lázaro, o Professor Costa Lima apresentara *Projecto para o acabamento do trem (Arsenal) do Ouro, aproveitada a parte já começada, e conservando no resto o mesmo fundo de estilo. Dous planos: no 1º a iconografia geral do edifício; - e no 2º fachadas, perfiz, secções, e detalhes de construção. Cada um de 20 polleg. de alto, por 17 de largo. Ficão sendo propriedade da Academia*¹¹². Para a 6ª Exposição Trienal, de 1857, o Professor de Architectura apresentará um

*Projecto para a conclusão do Edifício da Biblioteca Pública, Academia de Bellas Artes e Museu Portuense, estabelecendo as relações possíveis que podem existir entre estes edifícios: cujo plano é rigorosamente sujeito às formas, e dimensões que offerece o terreno que resta da Cerca dos extinctos Religiosos Antoninhos*¹¹³.

Na seguinte, de 1860, o Snr. Joaquim da Costa Lima Júnior, Professor proprietário de *Architectura Civil*, morador em Vilar, monte da Pena nº8., apresentou um

¹¹¹ CETAPBA 5, 1854. Porto: Na Typographia de Gandra, p.34, nº 160 e 161 do catálogo.

¹¹² CETAPBA: *Catálogo de pinturas, desenhos, esculturas, architecturas, flores e outros objectos de Arte feitas pelos Professores e discípulos da Academia Portuense de Bellas Artes*. Porto: Typographia da Gandra, 1851. p.17.

¹¹³ CETAPBA 6, 1857. Porto: Typographia de C. Gandra, p.23, nº 137 e 138 do catálogo.

Plano proposto e aprovado para o acabamento da igreja de S.Torquato perto de Guimarães, da qual somente existe feita a capella mor , no qual planos vão indicados algumas alterações , que a mesma capella mor deve experimentar- alçado plano e corte longitudinal – destinados para a Academia para satisfazer ao Artigo 11º dos Estatutos¹¹⁴.

Na 8ª Trienal de 1863, que seria a sua derradeira, apresentou um novo *Projecto para um colégio de província, contendo o primeiro quadro a planta, e o segundo o alçado exterior, um corte transversal com o alçado da Capella, um corte transversal com outro alçado, e o corte da capella.*¹¹⁵.

O seu *busto ao natural pintado a óleo*, aparece na 7ª trienal de 1860, executado pelo Snr. José Joaquim Pirralho (1838-1882), *estudante que foi da Academia, morador na rua dos Martyres da Patria nº38,40 e 42*¹¹⁶, que o terá apresentado pela primeira vez nesta Trienal juntamente com outros seis trabalhos seus, dos quais destacaremos os retratos do Professor de Pintura João António Correia e o retrato do Snr. António Couceiro, digno escultor¹¹⁷ e antigo aluno da Academia. O óleo do Professor Costa Lima encontra-se no museu Soares dos Reis do Porto (MNSR).

A morte vem inesperadamente, a 29 de Janeiro de 1864, e o Architecto Costa Lima não verá alguns dos seus trabalhos concluídos, como por exemplo a estátua de D. Pedro IV do escultor Anatole Calmels, inaugurada com grande pompa a 19 de Outubro de 1866 na antiga praça de D. Pedro, e para a qual havia delineado o pedestal com a colaboração do seu substituto na Aula de Architectura.

¹¹⁴ CETAPBA 7, 1860. Porto: Typographia de C. Gandra, p.23, nº 147, 148 e 149 do catálogo.

¹¹⁵ CETAPBA 8, 1863. Porto: Typographia de C. Gandra, p.20, nº129 e 130 do catálogo.

¹¹⁶ CETAPBA 7, p.13, nº72 do catálogo.

¹¹⁷ CETAPBA 7, p.13, nº 73 e 74 do catálogo.

2.2.1.2. Manuel José Carneiro (1804-1865)



Manuel Carneiro por
Roquemont.
In *Roquemont*, Júlio
Brandão, Lisboa, 1929



O Professor. Carneiro
Por J. A. Correia
inv. MNSR 66

O primeiro Professor de Silva Sardinha na Academia é Manuel José Carneiro, Substituto interino de Arquitectura Civil desde 1842¹¹⁸, homem de vasta cultura, admirado e respeitado por toda a comunidade científica,

*(...) todos os desideratums se reúnem felizmente na sua pessoa. Suas virtudes, seus vastos e profundos conhecimentos de Arte e Philologia são geralmente conhecidos; e tem de mais a vantagem de entreter estreitas relações de amizade com o mais profundo conhecedor em matéria de bellas - artes do Porto, o digno Director da Polythecnica; e com todas as sumidades da arte e da sciencia nesta Cidade*¹¹⁹,

referia um jornal local a quando da abertura do Museu Municipal em Abril de 1852, nascido do espólio do coleccionador João Allen (1781-1848), adiantando mesmo o seu nome como o ideal para director do museu!. Importantes são também para a História da Arte os seus *Esboços Biográficos* de muitos dos artistas seus contemporâneos,

¹¹⁸ AFBAUP 105 A, Conferências Ordinárias (1849-1883), p.91: (...) *tem a honra de propor a Vossa Majestade para professor proprietário da dita cadeira de Arquitectura Civil ao referido Manuel José Carneiro que, tendo tomado posse de substituto no dia 31 de Janeiro de 1843 em virtude de carta régia de 24 de Dezembro de 1842, corresponde às esperanças que delle havia, sendo sempre solícito e efectivo no serviço em exercício académico por modo tal que, em atenção aos muitos e proveitosos serviços (...) lhe foram votados agradecimentos unanimemente na Conferência Ordinária de 28 de Fevereiro de 1853 (...).*

19 de Fevereiro de 1864, Manuel da Fonseca Pinto Director Interino, Lente de Escultura. AFBAUP.

¹¹⁹ *Abertura do museu Allen*, in jornal o *Periódico dos Pobres*. Porto, 19 de Abril de 1852. BPMP.

nomeadamente os referentes a Auguste Roquemont¹²⁰, (seu amigo de quem inclusivamente herdara uns desenhos¹²¹), um conjunto precioso de dados, referências e considerações teóricas sobre as Artes plásticas, publicados em periódicos locais¹²², e aos quais tantas vezes socorremos.

Manuel José Carneiro, formado em Desenho e Matemática pela antiga Academia da Marinha e do Comércio, logo em 1836 será nomeado Substituto de Desenho Histórico da Academia de Belas Artes, mas inesperadamente não aceita o lugar, pelo menos nesse ano, pois mais tarde, em 1842, é convocada uma Sessão de Conferência extraordinária onde

*(...) Manuel José Carneiro rogando a S. Majestade a graça de lhe mandar passar a Carta de Substituto de Desenho, para que fora nomeado por Decreto de 3/12/1836. (...) Foi posto em discussão o referido assunto e foi unanimemente aprovado que se informe da muita necessidade de um Substituto para Desenho e da capacidade do Artista requerente*¹²³.

A Aula de Desenho entretanto, ia sendo assegurada pelo proprietário de Gravura, o pintor Francisco da Silva Oeirense (1797-1869), alvo de constantes queixumes dos colegas, porque muito ausente, quase sempre em Lisboa, *negociante de quadros, mais político que artista*¹²⁴, mas que manterá o lugar (pelo menos o ordenado!), até à sua morte em 1868. Em 1843 Tadeu de Almeida Furtado, por concurso, ocupa o lugar de Substituto de Desenho, e será o responsável por aquela disciplina na Academia¹²⁵, lugar que nunca viria a ser de Manuel Carneiro.

O Professor Carneiro tomou posse sim de Substituto de Architectura Civil e Naval a 31 de Janeiro de 1843¹²⁶, em substituição de Manuel Moreira da Silva. Leccionará, além dessa, a aula de Pintura Histórica, por nomeação interina, entre 1853, data da morte do proprietário e director da Academia Joaquim Rodrigues Braga, até 1856, ano em que

¹²⁰ BRANDÃO, Júlio - *O Pintor Roquemont*. Lisboa: Livraria Moraes, 1929 .p.8.

¹²¹ Exactamente quatro desenhos a sépia copiados por Roquemont e pertencentes a Manuel J. Carneiro: *Jesus Cristo entregando as chaves a S. Pedro; S. Pedro e S. Barnabé; S. Paulo cegando o mágico Elimas; a pesca milagrosa*. BRANDÃO, Júlio. Op. cit., p.104.

¹²² CARNEIRO, Manuel José - *Apontamentos para a Biographia de Pintores, Escultores e Architectos*, in *Periódico dos Pobres*, Porto, 1856/57.

¹²³ AFBAUP 105, *Conferências Ordinárias*, p.70.

¹²⁴ FRANÇA, José –Augusto - *A Arte em Portugal no século XIX*. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. p.125.

¹²⁵ Conforme Portaria do Ministério de 9 de Dezembro de 1843.

AFBAUP 105, *Conferências Ordinárias*, 126ª Acta de 30/12/43, fl.85.

¹²⁶ AFBAUP 126, *Correspondência para o Governo*, (1854 a 1864), fl.65.

será substituído pelo pintor Francisco José Resende (1825-1893). Apesar de curto o período como mestre de pintura, apresentará no ano de 1854 um programa, sem dúvida um pouco mais avançado que o anterior, já de 1844, do mestre Braga, com incidência cada vez maior no estudo do modelo vivo e da Aula do Nú¹²⁷.

Em Fevereiro de 1864, por morte de Costa Lima, Manuel José Carneiro é nomeado Professor Proprietário da aula de Architectura, o que se compreende até porque (...) *tem o referido Manuel José Carneiro muitas habilitações literárias e científicas, especialmente o curso completo de matemática da antiga Academia desta cidade, curso indispensável* (...) ¹²⁸. Por esta altura o Professor Carneiro deixa também o cargo de Secretário da Academia, cargo de grande responsabilidade¹²⁹ que exercera até aqui, passando o testemunho para o Substituto de Desenho Histórico Tadeu de Almeida Furtado (1813-1901)¹³⁰.

Uma das suas tarefas na Academia era também a organização e selecção das obras candidatas às Exposições Trienais, obras não só de alunos, mas também dos professores e de outros artistas exteriores à Academia¹³¹, e que eram fruto *à vista dos meios que tem*¹³², duma justa e cuidada selecção, como o próprio refere quando, em Abril de 1862, regressa duma visita à Trienal de Lisboa, à qual tinha sido enviado pela Academia Portuense.

A primeira Exposição Trienal da Academia Portuense inaugurou a 31 de Outubro de 1842, no espaço da então denominada *Galeria do Atheneo D. Pedro*, em S. Lázaro, ficando aberta ao público por um período de dois meses. Realizaram-se quinze Exposições até 1887, data da última, por deliberação governamental, pois o número de alunos já era muito grande e os trabalhos eram agora mostrados anualmente e por iniciativa própria¹³³.

Na Exposição feita ao público em virtude do artigo 69 dos respectivos estatutos, na galeria do Atheneo D. Pedro, em seguida à Sessão Pública para a distribuição dos

¹²⁷ VASCONCELOS, Artur Duarte Ornelas - *Mestre João António Correia (1822-1896): entre a construção académica e a expressão romântica*. Porto: Dissertação para o Mestrado em História de Arte apresentada à FLUP, 2009 (texto policopiado).

¹²⁸ AFBAUP 126, *Correspondência para o Governo*, fl.65.

¹²⁹ *Haverá um secretário que será um artista proposto pela Academia ao Governo e por este nomeado. (...), dirigir a secretaria, fazer a correspondência e a contabilidade, e terá também a seu cargo a biblioteca da Academia e o Museu anexo (...).*

FURTADO, Thadeu - *Apontamentos para a História da Academia Portuense de Bellas Artes*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1896. p.11.

¹³⁰ AFBAUP 126, *Correspondência para o Governo*, fl.67.

¹³¹ V. Art.69º do "Decreto" in Ministério da Educação. Secretaria Geral - *Reformas do Ensino em Portugal.1835-1869*.Lisboa, 1989. p.53.

¹³² AFBAUP 126, *Correspondência para o Governo*(1854 a 1864), fl.62.

¹³³ FURTADO, Thadeu – Op. cit., p.15.

*prémios aos alumnos da mesma Academia, em 13 de Outubro de 1851*¹³⁴, apresentou com o nº 109 do catálogo *uma Planta, corte e alçado de uma Academia de Bellas Artes: 24 pollegadas e 6/8 de alto, e 18 pollegadas e 5/8 de largo. Fica sendo propriedade da Academia*¹³⁵.

Na Trienal seguinte, de 1854, apresenta uma *planta, corte e alçado de um tribunal civil*¹³⁶. Para a Exposição Trienal de 1857, Manuel José Carneiro, à data morador na Rua de Trás nº87, apresentou, com o número 139- *Planta, corte e alçado de um collegio*¹³⁷. Para a secção de Arquitectura da Trienal de 1863 apresentou, com o nº131 – *Planta, corte e alçado de um edifício para exposições de Bellas Artes na cidade do Porto*¹³⁸, naquela que seria a sua derradeira exposição¹³⁹.

João António Correia (1822-1896), o grande retratista, Proprietário de pintura histórica da Academia Portuense (1857-1895) e Director desde 1881, pintou por duas vezes o retrato de Manuel José Carneiro: para a 7ª Trienal de 1860 pintou um *Retrato do Substituto de Architectura Civil, Manuel José Carneiro, corpo inteiro, quadro a óleo de 0,775 por 0,555, destinado para a Academia para satisfazer ao artigo 11*¹⁴⁰, que esteve também na grande Exposição Internacional do Porto, no palácio de Cristal, em 1865, e que actualmente se encontra no MNSR¹⁴¹. É um excelente óleo, onde poderemos surpreender por trás do mestre Carneiro, o busto do professor, amigo e colaborador de

¹³⁴ *Catálogo de pinturas, desenhos, esculturas, architecturas, flores e outros objectos de Arte feitas pelos Professores e discípulos da Academia Portuense de Bellas Artes bem como por várias outras pessoas.* Porto: Typographia da Gandra. 1851, p.1.

¹³⁵ Catálogo de 1851, Op. cit., p.17.

¹³⁶ VASCONCELLOS, A. A. T. de, Op. cit., p.13.

¹³⁷ COETAPBA 6, de 1857.BPMP.Porto,CATR.34, p.5.

¹³⁸ COETAPBA 8, de 1863, p.20.

¹³⁹ Neste catálogo de 1863, na página 24, na secção de *Photografia*, aparece com a letra N- *Retrato de Manuel José Carneiro, meio corpo*, executado pelo *gabinete photographico dos Snrs.Pinto & Ferreira, rua do Bonjardim nº123*.

¹⁴⁰ COETAPBA 7, de 1860, p.11,nº 57 do catálogo.

¹⁴¹ Assim estava referido com o mesmo título e as mesmas medidas no livro *Museu Nacional de Soares dos Reis RELATÓRIO DE 1933* de Vasco Valente, p.110,com o nº66 da sala D, referindo ainda que o quadro figurou na Exposição do Grémio Artístico de Lisboa, em 1896.

vinte anos na Academia¹⁴², o arquitecto Costa Lima, como que a “iluminar”o seu trabalho¹⁴³.



“Recíproco Penhor da Amizade”

Anni Nonell, in *Devaneios Poéticos de um Arquitecto Romântico*,
UC “O Porto Romântico”, Porto, 2012, p. 315

Aliás, juntamente com Costa Lima¹⁴⁴ e o pintor José Alves Ferreira Lima¹⁴⁵ aparece um muito jovem Manuel José Carneiro, numa gravura belíssima, de 1840, intitulada “Recíproco Penhor de Amizade”¹⁴⁶, que terá sido executada por Ferreira Lima na

¹⁴² Juntos trabalharão por exemplo, para o monumento a D. Pedro IV: *Vão erigir um monumento ao Sr. D. Pedro IV; encomendarão risco ao Joaquim da Costa Lima Professor de Architectura da Academia Portuense e 1º Architecto da Camara, o homem dice - me na 4ª feira 18 do mês passado que tinha pedido à Camara que me convidasse para o coadjuvar, e com efeito no dia 21 recebi o officio de convite com data de 20, no domingo fui para casa do Costa Lima voltei lá na 2ª feira 23 e apresentamos depois do meio dia em grande reunião três borrões para assentarem o que querião para depois se estudar com coidado o que escolhessem (...).*”Carta ao Visconde Meneses in *Correspondência Inédita de Manuel José Carneiro anotada por Vasco Valente*. Revista Museu, Porto. Vol IV, Nº 10, 1945, p. 186

¹⁴³ NONELL, Anni Gunther - *Devaneios poéticos de um arquitecto romântico (...) Joaquim da Costa Lima*. Actas do I Congresso O PORTO ROMÂNTICO. Porto: Universidade Católica Editora, 2012. Vol I p. 317.

¹⁴⁴ Segundo Anni Nonell, já que até aqui a opinião unânime era que se tratava do pintor João Baptista Ribeiro e não do Arquitecto Costa Lima, o que também nos parece mais verosímil. Ver LIMA, Henrique de Campos Ferreira, *O pintor portuense José Alves Ferreira Lima*. Lisboa: Bertrand (irmãos) Lda, 1933.

¹⁴⁵ Ferreira Lima (180..., 17 Maio 1844), pintor portuense, foi pintor Agregado na APBA, *Propôs* (o Director) *que se officie ao Agregado José Alves Ferreira Lima para que diga definitivamente se quer ou não ser Agregado desta Academia* vindo na Acta seguinte a resposta: (...) *do agregado Ferreira de Lima dizendo que aceita o cargo para que fora nomeado e que iria tratar do seu Diploma*. AFBAUP, Conferências Ordinárias da APBA 105, Actas 69 e 70, (29/05/1840), p. 42 e 44. Na Acta 75ª (28/11/1840), p. 49, *O Agregado à aula de Pintura apresenta o seu Diploma pelo qual S. Majestade o confirma no respectivo lugar, sendo-lhe deferido o juramento. Decidiu a Conferência atribuir-lhe o trabalho de Restauro dos quadros do Museu*.

¹⁴⁶ NONELL, A.G., Op. cit., p. 315.

oficina do litógrafo Joaquim Cardoso Victória Vilanova¹⁴⁷, e que demonstra inequivocamente que estamos em presença de três jovens unidos por laços de generosa amizade, a atestar não só pelas suas poses descontraídas, mas também pelo título que lhe deram. O mesmo pintor portuense Ferreira Lima terá litografado ainda Manuel J. Carneiro, um retrato em busto¹⁴⁸, o que vem reforçar ainda mais a nossa teoria de um franca amizade entre ambos.

Na Biblioteca Portuense existe um desenho do mestre Baptista Ribeiro copiado em litografia por José Carneiro sob a orientação daquele¹⁴⁹, (que aliás fora proprietário da primeira litografia que existiu em Portugal, que lhe fora oferecida pelo rei D. Pedro IV, em 1833)¹⁵⁰, demonstrativo, entre outras coisas, da amizade que ao longo da vida sempre os ligou, como aliás também o poderemos apreciar em dois fantásticos retratos em que aparece, e que são dois daguerreótipos executados com toda a certeza por Baptista Ribeiro, no final dos anos 50 do século XIX, e que aqui reproduzimos, um na página 22 e o outro a baixo.



M. J. Carneiro de pé.
Porto. 1930. Revista *Portucale*.
Volume III, nº15. p. 163

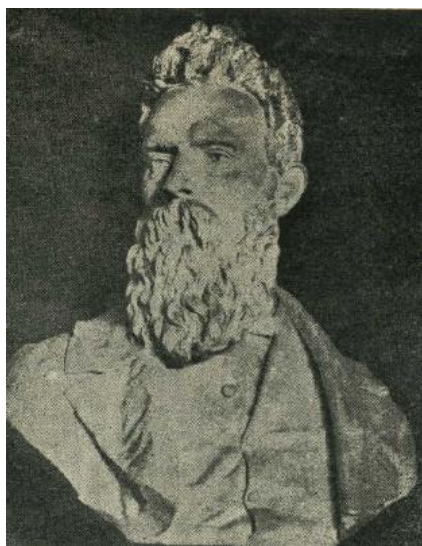
¹⁴⁷ Joaquim Cardoso Vitoria Vilanova (18... - 5 de Junho de 1850) foi Substituto de desenho da Academia da Marinha e Comércio do Porto por decreto de 19 de Outubro de 1836, e depois na Politécnica (1838), ainda que tenha havido uma tentativa da APBA de o contratar para Agregado de Pintura Histórica, lugar para que fora nomeado por decreto de 03 de Dezembro de 1836, mas do qual foi exonerado em 1839.

¹⁴⁸ (...) *As dimensões da mancha são: 282x229*. LIMA, H.C.F., Op. cit., p.21.

¹⁴⁹ BPMP, cota G (1), VR-60. In MOURATO, António, *João Baptista Ribeiro 1790-1868*. Porto: edições Afrontamento, 2010.

¹⁵⁰ VITORINO, Pedro, *Artistas Portuenses*. Porto, revista *Portucale*, nº 15, Junho de 1930, pp. 160 a 164.

Em 1866, para a 9ª Trienal, o pintor João António Correia apresentará outro retrato com o título: *Retrato do falecido professor de architectura Manuel José Carneiro, meio corpo ao natural destinado para a Academia*¹⁵¹. O Professor Carneiro foi bastantes vezes “utilizado” como modelo, não sabemos se por razões de natural fotogenia, se por ser um grande vulto do meio artístico portuense e merecer tal dedicatória, ou se apenas por disponibilidade casual. O que é certo é que serviu de modelo a muitos colegas, amigos, ou simplesmente artistas, como foi o caso do professor de desenho da Politécnica e do Instituto Industrial, Guilherme António Correia (1829-1901), irmão do João A. Correia, que entregou á Academia de Bellas Artes um magnífico retrato ao natural do já falecido Professor Carneiro, desenhado a esfuminho, a quando da sua nomeação para Académico de Mérito da Academia em Maio de 1867¹⁵², como aliás estava consagrado na lei¹⁵³.



Prof. Carneiro, escultura de António Couceiro
Revista *O Tripeiro* nº3 de Julho de 1948. P.63.

O Substituto de Pintura Histórica e crítico de arte Francisco Resende em Julho de 1887 no Jornal da Manhã portuense, elogia de forma bem clara o busto do Prof. Manuel Carneiro apresentado pelo escultor António Couceiro (1833-1895) numa exposição realizada no Palácio de Cristal, considerando-o: (...) *um retratista de primeiro plano no busto colossal dolente que parecia estar a falar-nos* (...), aconselhando a Academia

¹⁵¹ COETAPBA 9, de 1866, p.38, nº1 do catálogo.

¹⁵² AFBAUP 127, *Conferências para o Governo*, fl.34.

¹⁵³ (...) *académicos de mérito aquelles artistas nacionaes ou estrangeiros que, mostrando desejo de se agregarem a ella, lhe offerecessem alguma obra da sua invenção, a qual seria considerada como quadro ou peça de recepção e, como tal, propriedade da Academia*. FURTADO, T. – Op. cit., p.5

Portuense a adquiri-lo porque (...) *como arte e semelhança é dos melhores trabalhos que temos visto executados em Portugal*¹⁵⁴.

O seu retrato será também executado pela *Exma. Snra. D. Claire Wilson de Rezende, discípula de seu pae o Snr. Francisco José de Rezende, substituto de pintura histórica da Academia portuense de Bellas – Artes*, para a Trienal de 1869¹⁵⁵, onde apresentará dois desenhos do Arquitecto Manuel José Carneiro, sendo o primeiro o busto do arquitecto, desenhado pelo gesso em papel Ingres (maior que o natural); e o segundo igual ao anterior, só com a diferença de que refere que *o busto fora esculpido pelo dito Sr. F. J. Rezende*¹⁵⁶.

De referir também o excelente desenho feito pelo retratista Augusto Roquemont (1804-1852), de Manuel José Carneiro, *seu admirador e amigo devotado*¹⁵⁷, um pintor de reconhecidos talentos, de origem suíça que viajou para Portugal em 1828, que chegou a ser nomeado professor de desenho da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto em 1831, em plena hora miguelista, lugar que nunca exerceu, e que percorreu o país quase todo, acabando por se instalar no Porto em 1839, com estúdio no largo do Corpo da Guarda, até à sua morte em Janeiro de 1852. Roquemont deixará inclusivamente, em testamento ao Professor Carneiro (...) *os seus melhores estudos e desenhos*¹⁵⁸, *a pasta pequena com o que tem dentro*¹⁵⁹, o que atesta bem a amizade que os ligava. Augusto Roquemont foi um nome fundamental da denominada pintura de costumes em Portugal, influenciando desde os irmãos Correia, Francisco J. Resende, Tadeu A. Furtado ou António José de Sousa Azevedo, alguns dos nomes mais relevantes da pintura nortenha¹⁶⁰, na época seguinte.

Manuel José Carneiro secretariou também a *Associação Portuense dos Artistas de Pintura, Escultura e Architectura, denominada - Dos Amigos das Artes*, de que era presidente o Director da Politécnica, o artista João Baptista Ribeiro¹⁶¹, e cujos

¹⁵⁴ MAGRO, Abel - *Os Escultores Couceiros* in Revista O Tripeiro nº 3 de Julho de 1948. p.63

¹⁵⁵ COETAPBA 10, de 1869, p.22 e 23, nº42 e 43 do catálogo.

¹⁵⁶ (...) *O Resende fez em três sessões o meu busto que apesar de não muito semelhante tem mais merecimento artístico do que do feito pelo Fonseca* (...). Carta de Manuel José Carneiro ao pintor Visconde de Meneses in *Correspondência inédita de Manuel José Carneiro, anotada por Vasco Valente* na revista Museu, Vol IV, nº10. Porto, 1945. p.189.

¹⁵⁷ BRANDÃO, Júlio - *O Pintor Roquemont*, Lisboa: Livraria Moraes, 1929. p.7.

¹⁵⁸ VASCONCELLOS, A. A. Teixeira de, Op. cit. p. 13.

¹⁵⁹ BRANDÃO, Júlio, Op. cit., p.108.

¹⁶⁰ FRANÇA, José - *Augusto - A Arte em Portugal no século XIX*, Vol I. Lisboa: Bertrand Editora. 1990. p.254.

¹⁶¹ João Baptista Ribeiro nasceu a 25 de Abril de 1790 em Ponte de Santa Margarida, Vila Real, e morreu no Porto a 24 de Julho de 1868. A 20 de Maio de 1803 matriculou-se na aula de Desenho dirigida por Domingos Francisco Vieira, na ausência temporária de Francisco Vieira Portuense, seu filho. Por carta régia de 22 de Outubro de 1811 é nomeado Substituto da cadeira de Desenho da Politécnica, sendo

estatutos¹⁶² foram assinados por vários artistas portuenses, e pela Rainha aprovados em Portaria de 2 de Novembro de 1835. Foi a primeira Associação do género em Portugal e faria as suas sessões no edifício do *Atheneo D. Pedro*¹⁶³, a S. Lázaro, seria como que um complemento importante a este embrião do novo Museu, que visava sobretudo o apoio às pessoas que desejavam de alguma forma colaborar com as actividades da Academia e do Museu¹⁶⁴, e que começava agora a dar os seus primeiros passos, ainda que de pouca duração, uma vez que com o afastamento de Baptista Ribeiro de responsabilidades em relação às Belas Artes, para as quais tinha sido nomeado director e lente de Desenho, mas de que nunca chega a tomar posse, preferindo o seu lugar na Politécnica, a jovem Academia bem como a associação Dos Amigos das Artes e o museu, que daquela passam a depender directamente desde Setembro de 1836 com a regulamentação de Passos Manuel, vão-se ressentir, vendo afastar-se um dos grandes impulsionadores da sua criação.

Manuel José é um dos nomes principais referidos na comissão que aconselhou a Câmara do Porto a comprar o espólio de João Allen, um robusto coleccionador de arte da cidade que havia morrido em 1848, e cujo património corria agora o risco de se espalhar além fronteiras. Juntamente com Baptista Ribeiro, Joaquim de Santa Clara, Carlos Ribeiro e outros ilustres da cidade, entregam a 27 de Julho de 1849 um manifesto na Câmara em que demonstravam a inevitabilidade da compra de tão interessante espólio, e o seu significado patrimonial para a cidade, havendo aquela acedido e respondido com a sua alienação efectuada, passado um ano, a 13 de Junho de 1850¹⁶⁵.

Para Manuel J. Carneiro o seu magistério como Professor proprietário da aula de arquitectura seria curto, já que, subitamente, em Janeiro de 1865,

promovido a proprietário da cadeira por decreto de 6 de Junho de 1833. Foi nomeado director e professor de desenho da Academia Portuense de Belas Artes por decreto de 3 de Dezembro de 1836. A 22 de Outubro de 1836 é nomeado director da Academia agora denominada Politécnica, onde continua a reger a cadeira de Desenho, por Carta Régia de 18 de Maio de 1839, uma vez que não aceita o lugar nas Belas Artes. Foi jubilado em 1862. A ele se deve, por exemplo, a organização do Museu Portuense, do qual fora encarregado, ainda no tempo do ceco do Porto, por portaria de 10 de Setembro de 1833.

Tem vasta produção artística essencialmente na cidade do Porto, e foi dos primeiros artistas a experimentar a fotografia, capítulo da sua vida que nos parece muito importante, e que ainda está por estudar.

¹⁶² VITORINO, Pedro - *Os Museus de Arte do Porto*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930. pp.56-62.

¹⁶³ RIBEIRO, João Baptista - *Exposição Histórica do Museu Portuense*. Porto: Imprensa de Coutinho, 1836. p.10 e 23.

¹⁶⁴ ALMEIDA, António Manuel Passos de - *Contributos ao Estudo da Museologia Portuense no Século XIX*, Revista Da FLUP, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2006-07. Vol. V-VI. p.37.

¹⁶⁵ ALMEIDA, A. M. P., Op. cit., p.46.

(...) na madrugada do dia 19 do corrente mês faleceu o professor da cadeira de arquitectura, Manuel José Carneiro, (...), e que enquanto isso não se dá, o Concelho Académico nomeou para a regência interina desta cadeira o professor de desenho linear do lyceu nacional Manuel de Almeida Ribeiro¹⁶⁶.

2.2.1.3. Manuel de Almeida Ribeiro (....- 1878)

Logo na semana seguinte, a 23 de Janeiro, é nomeado para a regência interina desta cadeira um engenheiro de pontes e estradas, antigo aluno da Academia e professor de desenho linear do liceu nacional, Manuel de Almeida Ribeiro¹⁶⁷. Aparentemente terá feito todos os seus estudos no Porto, pouco viajado até, ainda que saibamos que em 1859 se encontrava em Paris, pois terá sido encarregue pela Academia Politécnica de ali efectuar a aquisição de vários instrumentos e máquinas para a dita instituição, para os quais o governo português finalmente havia disponibilizado alguma verba¹⁶⁸.

Para o concurso de professor proprietário da aula de Architectura, que irá acontecer no verão de 1865 irão concorrer, além de Almeida Ribeiro, um alferes, António Vasco da Gama Braga¹⁶⁹, e José Maria Correia da Silva¹⁷⁰. A 9 de Agosto desse ano, Manuel da Fonseca Pinto¹⁷¹, o Director Interino da Academia Portuense propõe ao Governo o

¹⁶⁶ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.4.

¹⁶⁷ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.4v.

¹⁶⁸ (...) e Manuel de Almeida Ribeiro, filho desta Academia que ali se acha, foi incumbido da aquisição e remessa”. BASTO, A. M. - *Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto*. Porto: Edição Enciclopédia Portuguesa. 1937, p. 308.

¹⁶⁹ “ (...) pois António Vasco da Gama Braga, alferes de caçadores, que também deu o nome a este concurso, abandonou-o sem me fazer participação alguma, depois de haver concluído os trabalhos gráficos do projecto d’ Architectura civil. AFBAUP 127, *Correspondência para o governo*, fl.9.

¹⁷⁰ (...) No que toca ao merecimento absoluto para o Magistério de José M^a Correia da Silva é muito para sentir que os documentos abonatórios que ele apresenta, estejam em tão completa opposição com as provas que deu do seu saber n’ este concurso, as quaes não puderam ser julgadas com indulgencia por nenhum dos membros desta Academia que unanimemente o excluiram. Manuel da Fonseca Pinto. *Director Interino*. 9 de Agosto de 1865. AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.9.

¹⁷¹ Manuel da Fonseca Pinto (18.. - 5 de Outubro de 1882), estudou na Academia da Marinha e Comércio do Porto, onde chegou a obter um prémio de Desenho em 1827, e onde foi o Substituto de Desenho entre 1834 e 1836.Terá sido discípulo do escultor Manuel Joaquim Alves de Sousa Alvão, (escultor ligado a trabalhos para a Ordem 3^a de S. Francisco). (...) obtivera nomeação interina de Professor de Desenho da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, por Decreto De 15 de Julho de 1840, conforme o indica M. Basto na sua *Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto* (p.141). Transitou para a APBA onde, por decreto de 2 de Março de 1842, toma posse da cadeira de Escultura que estava um pouco abandonada uma vez que o seu Proprietário, Constantino José dos Reis (1778- 1865) era o Substituto da mesma aula mas na Academia de Lisboa, ficará por cá apenas durante um ano, pois logo em 1837 requer a sua transferência para a capital. O substituto de Escultura na Academia Portuense era Francisco Pedro Oliveira e Sousa, que também terá sido aluno do Mestre Alvão. Fonseca Pinto, é nomeado director da APBA em 1863 até à sua morte, sendo-lhe também atribuído o título de escultor da Casa Real, apesar de pouco elogiado pela crítica!. O seu retrato, uma excelente miniatura de 1851,existe no MNAA, (inv.52,guache sobre marfim;7,5 x 6,3 cm), pintado pela miniaturista portuense Francisca de Almeida

nome de Manuel Almeida Ribeiro¹⁷², pela superioridade demonstrada nas três provas que tiveram que defender, que aliás nos parece interessante descrever: na primeira prova dispunham de três dias para a resolução dum problema de Geometria. A segunda prova era dedicada ao Esboço de um edifício e era dividida em 3 sessões: na 1ª desenhavam-se as plantas; na 2ª os alçados e na 3ª as secções. E, por fim, a 3ª prova era dedicada ao projecto de um navio: durante 30 dias, a uma escala escolhida pelo jury, tinham que apresentar alçados, plantas e secções principais duma embarcação. Todos estes exercícios tinham que ser acompanhados duma memória descritiva *escripta pelos concorrentes no preciso espaço de oito horas dentro do edifício da Academia*¹⁷³. Almeida Ribeiro será o único Professor da aula de Architectura Civil e Naval, (pois desde 1869 que deixou de haver substitutos¹⁷⁴), até Abril de 1878, data da sua morte, sendo nessa ocasião convidado Silva Sardinha para reger a cadeira enquanto não se instaura o devido concurso para proprietário da mesma. Seria já a segunda vez que o jovem Silva Sardinha seria convidado para leccionar na aula do Professor Almeida Ribeiro. Em Outubro de 1870 os pensionistas que se encontravam em Paris, tiveram que interromper os seus estudos, e recolher aos seus países de origem, por causa da guerra franco-prussiana. Uma vez aqui, e na sequência de doença do Professor Almeida Ribeiro, e já que tinha sido também extinto o lugar de substituto, o jovem pensionista Silva Sardinha foi convidado a substituí-lo até que houvesse melhoras do Mestre, o que só iria acontecer no final de 1871¹⁷⁵, partindo de seguida para Paris¹⁷⁶, mais precisamente a 20 de Março de 1872, para terminar o seu pensionato¹⁷⁷.

O Professor Almeida Ribeiro, que terminara o curso de Engenharia de Pontes e Estradas na Academia Politécnica¹⁷⁸ em 1854, e que não terminaria o de Architectura¹⁷⁹, é o

Furtado (1826 - 1918). Existe também um óleo seu pintado pelo mestre João António Correia cerca de 1850.

¹⁷² AFBAUP 127, *Conferências para o Governo*, fl.9.

¹⁷³ AFBAUP 114, *Conferências Gerais da Academia*, fl.53 e 54.

¹⁷⁴ Decreto de 14 de Dezembro de 1869.

¹⁷⁵ (...) sua Exa. o Senhor Vice – Inspector perguntou se algum dos professores presentes queria tomar conta da regência da aula de architectura durante a doença do professor respectivo, e tendo todos declarado que não podiam, resolveu-se que se oficiasse no mesmo sentido ao professor de pintura, e caso este também não aceitasse, se oficiasse ao pensionista de architectura para interinamente tomar conta da dita cadeira (...). 28 de Outubro de 1870.

AFBAUP 105A, *Conferências Ordinárias*, fl.59.

¹⁷⁶ Ex. m Snr – A guerra e as agitações que flagelaram a França estando acabadas, e as cousas desta nação tendo voltado ao seu estado normal, julgo opportuno e urgente o meu regresso a Paris para retomar os estudos (...).

AFBAUP 9, *Correspondência dos Pensionistas*, 9 de Dezembro de 1871, fl.10.

¹⁷⁷ AFBAUP 105, *Conferências Ordinárias* (1849-1883), fl.168v a 170.

¹⁷⁸ A 26 de Setembro de 1853 matriculara-se no 5º ano de Engenharia.

autor da planta do Hospital do Conde de Ferreira, primeiro hospital feito de raiz em Portugal para doentes do foro psíquico. Aliás, já em 1866 apresentara na Exposição Trienal da Academia um - *Hospital de alienados mandado fundar por disposição testamentária do Conde de Ferreira: dous quadros (...)*¹⁸⁰, e que seriam já desenhos para o futuro hospital.

A ele se deve também um excelente levantamento topográfico para a cidade de Guimarães, um conjunto de treze folhas para um *Plano de Melhoramentos* solicitado em Outubro de 1863 pela autarquia vimaranense¹⁸¹, e só entregue em 67, no qual delineou, por exemplo, a construção de um bairro operário, a localização de escolas primárias, ou a abertura de quatro novas praças. Todos os projectos que vão aparecer posteriormente, até ao início do século XX irão beber ao seu Plano e às suas inovadoras preocupações, fossem com o trânsito ou com a salubridade¹⁸².

Curiosamente Almeida Ribeiro apresentará na 10ª Exposição Trienal da Academia Portuense, em Outubro de 1869, enquanto Professor Proprietário da aula de Arquitectura Civil um - *Edifício para as repartições públicas da cidade de Guimarães, plantas, corte e alçado*¹⁸³, que obviamente vem na continuidade daquela encomenda da *Planta da Cidade de Guimarães*. Para a Trienal seguinte, a 11ª, que só virá a público em 1874, em consequência da recorrente falta de condições nas instalações do edifício de S. Lázaro, o Professor Manuel Almeida Ribeiro, morador na Rua de Santa Catarina, nº 441, apresentará *Escolas primárias. Alt 1m – Larg. 0,65*¹⁸⁴, naquela que será a sua última Trienal.

Pouco depois de tomar posse como Professor de Arquitectura Civil, em Setembro de 1865, as condições das suas aulas irão melhorar relativamente, *por troca das antigas aulas de desenho e d'Arquitectura por outras muito maiores e situadas na ala voltada ao poente do mesmo edifício da Polytechnica*¹⁸⁵, solicitando o professor na Conferência de Outubro seguinte (...), *para a sua aula doze tábuas grandes de pinho de Flandres e duas mesas com lugares para dois alunos cada uma, e foi autorizado a mandá-los*

¹⁷⁹ Solicitara a matrícula no 1º ano de Arquitectura Civil da APBA A 30 de Setembro de 1847. In FERNANDES, Mário G. - *Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal entre 1852 e 1926*. Porto, FAUP Publicações, 2005. p.197

¹⁸⁰ COETAPBA 9, 1866, p.38, com os nº1 e 2 do catálogo.

¹⁸¹ TAVARES, Rui - *Uma Cartografia Exemplar. O Porto em 1892*. Porto: Arquivo Histórico da CMP. 1992. p.32.

¹⁸² FERNANDES, Mário G., Op. cit., p.198.

¹⁸³ COETAPBA 10, 1869, p.40, com o nº1 do catálogo.

¹⁸⁴ COETAPBA 11, 1874, p. , com o nº1 do catálogo.

¹⁸⁵ AFBAUP 105, *Conferências Ordinárias*, p. 111.

*fazer*¹⁸⁶, ficando nessa Conferência também estabelecido o horário das aulas (...): *a d'architectura das duas até quatro, nas terças, quartas e sábados, e das doze até às duas, nas segundas e sextas, tendo lugar nestes dias as licções de perspectiva*¹⁸⁷.

Almeida Ribeiro será professor durante treze anos, até que em 1878,

*(...) do dia 1 para o dia 2 do corrente mês de Abril faleceu o mui digno e ilustrado professor de architectura civil desta Academia Manuel de Almeida Ribeiro. Cumpre-me além disso informar a V. Ex^a que é de toda a necessidade que a mencionada cadeira seja quanto antes provida por meio de concurso, e que enquanto isso se não efectuar e para não haver interrupção nos estudos inerentes àquela cadeira, o Conselho Académico nomeou para a regência interina ao distinto académico de mérito, antigo discípulo e pensionário do estado em Paris da classe de architectura civil, José Geraldo da Silva Sardinha, no qual se dão todas as circunstâncias que se requerem para bem desempenhar aquele logar*¹⁸⁸.

Silva Sardinha ocupa então um lugar que já lhe tinha pertencido “por momentos” em 1870, quando o Mestre adoecera, e dá assim razão e sentido a um dos propósitos principais do Estado português e das Academias ao patrocinarem os pensionistas nas escolas europeias: o de leccionarem nas escolas que as formaram, que foram o seu primeiro arranque, e que no caso específico de Silva Sardinha iria trazer finalmente alguma frescura e actualidade ao ensino da Architectura na Academia Portuense¹⁸⁹.

¹⁸⁶ AFBAUP 105, *Conferências Ordinárias*, p.112.

¹⁸⁷ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, p.113.

¹⁸⁸ Conde de Samodães, Vice - Inspector da Academia Portuense de Belas Artes. AFBAUP 128, *Correspondência para o Governo*, fl.52.

¹⁸⁹ LISBOA, Maria Helena, Op. cit., p.217.

3. Dos Pensionarios do Estado nos países estrangeiros.

Desde 1836, com o Ministro Passos Manuel, que estava previsto na lei¹⁹⁰ a possibilidade de um aluno, por meio de concurso, ir aperfeiçoar os seus estudos no estrangeiro, fosse em Paris ou em Roma, os dois grandes pólos de cultura europeia no século XIX, e que justificavam qualquer um deles, parece-nos, um tal esforço por parte das instituições governamentais.

No entanto foi preciso esperar trinta longos anos, até 1866¹⁹¹ mais precisamente, para que tal se viesse a concretizar. Circunstancias várias terão contribuído finalmente, para esta tão ansiada alteração: antes de mais os alunos, que começavam a sobressair com alguma preparação¹⁹², ainda que assustadoramente limitada em comparação com os alunos das grandes Academias europeias, que, como veremos mais à frente, apresentavam superior preparação. Da maior importância terá sido também a acção do vice - inspector da Academia Portuense, o Sr. Conde de Samodães¹⁹³, o novo Vice Inspector, (o anterior, o Visconde de Beire¹⁹⁴ morrera já em 1849), que era uma figura fundamental da intelectualidade portuense naquela época e que, pensamos nós, terá tido também um papel relevante nos destinos da Academia Portuense, pelo menos na segunda metade do século XIX¹⁹⁵, para quem terá conseguido, entre outras coisas,

¹⁹⁰ Decreto de 25 de Outubro de 1836, de Manoel da Silva Passos, pp.89 e segs.

Dos Pensionarios do Estado nos países estrangeiros.

Art.103. A Conferencia Ordinaria abrirá, quando lhe parecer conveniente, e com aprasimento do Governo, um concurso para a escolha de três Discipulos, a saber, um de Pintura, um de Architectura, e um de Escultura, que hajam de ser enviados aos paizes estrangeiros, como Pensionarios do Estado, para se aperfeiçoarem nos Estudos das Bellas Artes.(...).

¹⁹¹ Publicado no *Diário de Lisboa* nº151 de 9 de Julho de 1866, tendo sido aprovado em 2 de Julho anterior.

¹⁹² (...) *O Substituto de Pintura, havendo lido o programa para o Concurso publicado no Diário de Lisboa de (...) deste mês, com o fim de escolher três dos mais hábeis alunos que por conta do Governo devam ir aperfeiçoar-se no estrangeiro nas artes de pintura, escultura ou de arquitectura, disse que lhe parecia que devíamos animar o estudante desta Academia António Soares dos Reis a entrar nesse concurso como esculptor, atendendo aos magníficos trabalhos feitos por ele (...).*

AFBAUP 105A, *Conferências Ordinárias*, fl.112 e 112V (30 de Outubro de 1865).

¹⁹³ *Apreço pela nomeação do Conde de Samodães Vice Inspector (conforme ao decreto de 5 de Maio de 1856), que a partir de agora preside a estas reuniões.*

AFBAUP 105, *Conferências Ordinárias*, fl.112, (29 de Novembro de 1865).

Sucedeu no cargo ao Visconde de Beire, e nele se manterá com uma interrupção por si solicitada entre 1875 e 77, até 1902, data em que se afasta definitivamente.

¹⁹⁴ Manuel Pamplona Carneiro Rangel Veloso Barreto de Miranda e Figueiroa, nasceu na Quinta da Costa, em Canelas, em 3 de Outubro de 1774 e faleceu no Porto a 12 de Maio de 1849, foi o 10º Senhor da Quinta de Santo Ovídio, (actual Praça da República no Porto), foi tenente - general do exército e combatente das guerras peninsulares, e cavaleiro da Ordem de Cristo.

¹⁹⁵ *Se o triunvirato Sardinha, Thadeu, Samodães era a cúpula do poder na Academia, o último era a figura tutelar do próprio triunvirato, ou seja, da própria Academia.*

PACHECO, Manuel Moura - *O Conde Samodães*, in Revista APONTAMENTOS, nº3.Porto: Museu da FBAUP, 2003, p.49.

melhores subsídios do Estado para fazer face às inúmeras despesas, nivelando-os pelos da Academia de Lisboa. O Conde de Samodães¹⁹⁶, foi também um dos grandes impulsionadores deste 1º concurso para dois lugares de pensionista em Paris, um de Architectura e outro de Escultura, e que será apenas o primeiro dos muitos que haverão até ao início do século XX¹⁹⁷. Em Junho de 1867, institucionalmente, abre-se concurso para os dois lugares de pensionista¹⁹⁸, que, como veremos, serão preenchidos por Silva Sardinha para o de Architectura, e Soares dos Reis para o de Escultura. E é assim que, depois de escolhido o júri, formado pelos professores da Academia, e recebida toda a documentação necessária por parte dos candidatos, se passa à execução das provas. Para a escultura tudo foi mais fácil pois o candidato, além de ser único, era de qualidade comprovada, e facilmente o júri chegou a uma unânime e favorável conclusão¹⁹⁹, (...) *isto é, que o aluno, pela obra que fez, e pelos precedentes era digno de ser escolhido para ir aperfeiçoar-se no estrangeiro (...)*²⁰⁰.

Quanto à Architectura as coisas foram um pouco mais complicadas, a começar pelas opções dos trabalhos a concurso, por parte do jury

¹⁹⁶ Francisco de Azeredo Teixeira de Aguillar nasceu em Vila Nova De Gaia a 16 de Julho de 1828, e morreu no Porto a 6 de Outubro de 1918. Formou-se em Coimbra nas Faculdades de Matemática e Filosofia. Engenheiro, foi Vice-Presidente da Câmara do Porto em 1857/58 e Governador civil em 1868 e 1871. Em 1858 sucedeu ao pai na Câmara dos Pares. Além de Vice - Inspector da Academia Portuense de Belas Artes foi um dos impulsionadores do Palácio de Cristal, do qual foi Director em 1889; católico fervoroso, foi membro da Acção Católica do Porto e das Conferências de S. Vicente de Paula; incorporou a Comissão do centenário Henriquino, foi Provedor da Misericórdia do Porto e da Ordem 3ª de S. Francisco, ou Presidente da Liga dos Lavradores do Douro.

Da sua bibliografia constam cerca de 250 trabalhos dos mais diversos temas, sendo que quinze de entre eles são os discursos, *de grande teor romântico, bem conservadores e resistentes à mudança*, com que fazia a abertura das Exposições da Academia Portuense, fossem as Trienais (entre 1865 e 1887), fossem as anuais (entre 1891 e 1901).

¹⁹⁷ (...) *Sua Exa. O Vice - Inspector disse que havendo o Exmo. Ministro do Reino exarado uma portaria pela qual se mandava pôr a concurso perante esta academia dois lugares de pensionistas de bellas - artes em países estrangeiros (...).* AFBAUP 114, *Conferências Gerais da Academia*, fl.41 (27/06/1867).

¹⁹⁸ “Nº 3.

Ao Ministro do Reino

Academia portuense das Bellas Artes.

Ill. mo e Exmo. Snr. - O Conselho da Academia Portuguesa de Belas Artes na sua conferência Ordinária deste mês tomou conhecimento da portaria de 27 de Maio, publicada no diário de Lisboa de 5 de Junho do corrente, pelo qual se manda abrir concurso perante esta Academia para o preenchimento de dous logares vagos de pensionistas de bellas artes, para irem frequentar os cursos de esculptura e architectura em paizes estrangeiros. (...) Conde de Samodães - Vice-Inspector.

AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.36 (28 de Junho de 1867).

¹⁹⁹ “ (...) Teve lugar a reunião do Conselho no dia 11 de Julho de 1867, decidindo-se que no dia 15 do mesmo mez, ás 8 horas da manhan, se admitisse ao trabalho pratico no ramo d’esculptura o alumno da Academia António Soares dos Reis. Os três membros do jury, João António Correia, Manuel da Fonseca Pinto e Francisco José Rezende, havendo entre si escolhido a acção do modelo vivo, deixaram o concorrente ao seu trabalho na aula de pintura. (...) No dia 1º do corrente mez d’ Agosto (...) fosse executada uma cabeça de proporções naturaes, sendo esta a 2ª prova (...). No dia 21 do corrente (...), saiu - lhe em sorte” Argo adormecendo ao som da flauta de Mercurio que o matou (...) às seis horas da tarde, no mesmo dia voltaram os dous jurys recolhendo o baixo relevo executado por A. Soares dos Reis. AFBAUP, 127, *Correspondência saída para o Governo - Acta de 5 de Setembro de 1867*, fl. 37

²⁰⁰ AFBAUP 114, *Conferências Gerais*, fl.42(31 de Agosto de 1867).

(...) o mesmo Director, Fonseca Pinto, o professor de architectura, Almeida Ribeiro e o substituto de Desenho, Almeida Furtado, exercendo este as funções de Secretário. Suscitando a duvida sobre se a 1ª prova para o logar de aluno d'architectura devia ser cópia de estampa ou cópia do natural decidiu-se que fosse cópia do natural, e bem assim que fosse cópia do gesso e não d'estampa a 2ª prova relativa ao mesmo logar²⁰¹.

Apresentaram-se três candidaturas: a de José Geraldo da Silva Sardinha a 2 de Julho de 1867, aluno do 4º ano; e passados três dias, a 5, as de José Bonifácio Lopes Júnior, aluno do 5ºano,e a de Tomás Augusto Soller, aluno do 3ºano. Todos tinham que apresentar:

os cinco seguintes documentos : 1º certidão de idade; 2º certidão de haver satisfeito à lei de recrutamento militar; 3º attestado de bom comportamento passado pela Camara (...); 4º attestado idêntico passado pelo administrador do concelho (...); 5º certidão dos seus exames d'architectura n'esta Academia portuense de Bellas Artes²⁰².

Bonifácio Lopes apresenta na certidão dos exames além do de architectura, também de escultura, de desenho e de perspectiva; a certidão de Soller além de confirmar os seus exames de Architectura, de Desenho e de Escultura. De Silva Sardinha, que só tinha entregue certidão referente ao exame de architectura em Julho:

no dia 24 d'este mez d'agosto me foi entregue com o competente despacho do Director o requerimento do oppositor ao concurso d'architectura para pensionista do governo em paiz estrangeiro José Geraldo da Silva Sardinha, pedindo para que aos documentos que apresentou para ser admittido ao mesmo concurso, se lhe conceda juntar os documentos seguintes: 1º certidão d'exame da 3ª e 5ª cadeira no Instituto Industrial do Porto, que comprehende Geometria descriptiva e desenho de machinas; idem idem dos exames dos cursos de desenho, de mathematicas elementares, da língua portugueza, d'introducção aos três reinos da

²⁰¹ AFBAUP 105, Conferências Ordinárias, fl.125, (Acta de 27 de Junho de 1867).

²⁰² AFBAUP 127, Correspondência para o Governo, fl.36 (1865-1874).

*natureza, de geographia e historia, e de língua franceza, feitos no Lyceu do Porto, publica forma do diploma conferido pela Academia portuense de Belas Artes no exame do 3º anno d'architectura; idem de idem conferido pelo Instituto Industrial do Porto no exame da 2ª cadeira de desenho d'ornato*²⁰³.

Para a execução das provas foram improvisadas, e sorteadas, três divisões em parte do Atheneu D. Pedro para, e à semelhança do que acontecias nas provas executadas nas "loges" das Beaux Arts parisiense, como veremos mais à frente, albergar cada uma um dos candidatos, garantindo-lhes assim total independência e concentração na execução das suas provas, que se iniciariam às 8 da manhã do dia 15 de Julho. O júri era composto pelo Director Interino, o Professor de escultura Manuel da Fonseca Pinto, pelo professor de Architectura, Manuel de Almeida Ribeiro, e pelo substituto de Desenho e Secretário Thaddeo Almeida Furtado, nomeados em 27 de Junho último²⁰⁴.

Uma primeira prova (...) *consistindo em duas folhas de papel Watman, uma com a planta térrea e planta do 1º andar da parte do Hospital da Misericordia occupada pela Escola Medico - cirurgica, e outra com o alçado do mesmo edificio*²⁰⁵, foi pelos três entregue cerca das 7 horas da tarde de 31 de Julho, a Thaddeo Furtado, que (...) *competentemente assignados, relacionou-os, e com uma tira de papel, selada com o sello da Academia, cobrio as assignaturas*²⁰⁶. No primeiro dia da prova começaram por ir à Escola Médica (...) *para ser medida pelos candidatos sob a immediata inspecção do jury* (...), tendo Silva Sardinha terminado as suas medições cerca das sete e meia, pelo que no dia seguinte, 16(...) *às 11 horas da manhan, foi para o gabinete que lhe havia cahido em sorte, que era o nº2*²⁰⁷. Os outros dois candidatos só terminariam as medições da Escola médico - cirúrgica ao longo do dia de 16.

Passados os 15 dias regulamentares, às 7 da tarde de 19 de Agosto, receberia o secretário as segundas provas, (...) *consistindo em uma folha de papel Watman com a copia d'um ornato de gesso*. Para esta segunda prova tiveram que se socorrer do Instituto Industrial pois como ficara definido, a prova consistia em cópia de gesso, e como a Academia não tinha ornatos em gesso teve que se recorrer àquele Instituto, que (...) *respondeo no dia 26 o Director d'este ultimo estabelecimento, franqueando-o a*

²⁰³ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.37v.

²⁰⁴ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, fl. 125.

²⁰⁵ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.40.

²⁰⁶ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.40.

²⁰⁷ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.39.

quem fosse incumbido da escolha; para este effeito foi nomeado o substituto de desenho que fez a dita escolha na noite de 29²⁰⁸. Assim, a 1 de Agosto pelas 9 da manhã começavam esta segunda prova sendo

*(...) distribuído por cada um dos concorrentes um ornamento de gesso para ser copiado a esfuminho do mesmo tamanho do original, nos mesmos gabinetes em que haviam executado a primeira prova; estes ornamentos eram perfeitamente eguaes. Trabalhavam regularmente como na primeira prova os quinze dias marcados pelo programa (...)*²⁰⁹.

A última prova seria entregue pelos concorrentes a 21 de Agosto, numa 4^ªfeira (...) às 6 e 10 minutos da tarde (...) uma folha de papel quadriculado com a planta e o alçado d'um Lyceu de 2^a classe²¹⁰, tirado à sorte duma urna, que continha mais cinco projectos, pelo concorrente que primeiro se inscrevera,

*(...) foram em seguida introduzidos cada um no seu gabinete incommunicavel, entregando-se-lhes papel branco e papel quadriculado, para se servirem d'um ou d'outro como melhor quizerem, determinando-se-lhes que a escolha devia ser de 0m, 01 por metro; eram nesta ocasião dez horas e dez minutos: às seis horas e um quarto da tarde, o secretario tomou conta de todos os rabalhos no estado em que estavam (...)*²¹¹.

De seguida, e conforme ao artigo 12 do programa, todos os trabalhos dos três candidatos, juntamente com os do único candidato ao lugar de pensionista em escultura, o colega Soares dos Reis, eram expostos ao público no corredor do Atheneo D.Pedro, em S.Lázaro desde o

(...) dia 23 e acabar no dia 30, para que o julgamento tivesse lugar na conferencia geral de 31 d'este mez d'agosto. E n'este sentido se resolveu que se mandasse annunciar em quatro jornaes a mencionada exposição; tudo com effeito se executou estando todos os trabalhos patentes ao

²⁰⁸ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.40 v.

²⁰⁹ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.40v.

²¹⁰ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl. 40.

²¹¹ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.41.

*publico oito dias consecutivos desde as dez horas da manhan até às três da tarde*²¹².

E é assim que no dia seguinte é emitido um *Parecer motivado do jury preparatório que presidiu ai concurso do logar d'alumno pensionista a architectura*²¹³, onde analisam o percurso de cada um dos concorrentes enquanto alunos dentro da Academia, e o trabalho executado nas três provas agora em concurso.

Sobre o 1º concorrente, José Bonifácio Lopes²¹⁴, aluno do 5º ano de architectura, o júri analisando a sua cópia da Escola Médica, referente à primeira prova, e achando que a planta está desenhada com limpeza, acham no entanto que *O alçado está incompleto e apenas em linhas de lápis*²¹⁵. Incompleto acharam também que ficou o seu alçado do lyceu de 2ª classe, 3ª prova a que tinham que responder, onde apesar da planta agradar por ser de um só piso em volta dum pátio cercado por um galeria coberta, *o concorrente foi exagerado porque projectou dez salas de aula, ás quaes deu um pé direito também exagerado*²¹⁶. Quanto á sua 2ª prova, do ornato, considerá-la-iam sofrível, acabando o júri por, friamente, a quando da análise das (...) *circunstancias relativas aos três candidatos, poremos de parte o primeiro, cuja inferioridade é incontestável, e occupar-nos- hemos simplesmente do 2º e 3º*²¹⁷.

²¹² AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl. 41v.

²¹³ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.41 v.

²¹⁴ José Bonifácio Lopes Júnior (), apresenta ,enquanto estudante de 1º ano de escultura, à 8ª Exposição Trienal da Academia(*COETAPBA* 1863, p.17,n-120),uma *Cabeça de Niobe, copiada pelo gesso(...).Em conferência geral de 31 de Agosto de 1863, aprovado plenamente.*

Na 9ª Trienal (*COETAPBA* 1866), enquanto estudante do 4º anno de escultura, morador no Codeçal nº23,apresentará 3 peças, *um menino em barro, cópia do natural* (16); *uma medalha de Perseo, cópia do gesso* (17); e *uma medalha, busto do Tasso, em baixo relevo* (18). Para esta mesma Trienal, mas agora em Architectura, Lopes Junior, também aluno do 4º ano, apresentará o *Projecto d'uma casa de Banco;- um quadro contendo o alçado principal e uma secção. Em conferencia geral de 31 de Agosto de 1866 foi plenamente aprovado para exame do 4º anno. (COETAPBA 1866, p.32,nº13).*

Na sua última participação nas Trienais da Academia, na 10ª (*COETAPBA* 1869), *Do Sr.José Bonifácio Lopes Júnior, tendo já completado os cursos de desenho histórico e d'architectura civil, e oppositor aos prêmios no concurso magno triennal de 1869. (COETAPBA, p.40,ns. 2, 3, 4 e5), apresentará com bastante detalhe, em quatro painéis, um Projecto duma estação central para a cidade, tão em voga na época, que lhe traria unanimemente o 1º prêmio em conferência geral de 31 de Agosto de 1869 (COETAPBA, p.40).*

Em 1867 houve no Palácio de Cristal Portuense uma Exposição que na sua 3ª secção, dedicada às Belas Artes integrava uma secção de Architectura, com apenas dois expositores: Cherubino Henriques Lagôa e Bonifácio Lopes, ambos do Porto. Lopes Júnior apresentará dois trabalhos: com o nº de catálogo 416 um *Projecto d'uma capella fúnebre, desenho a aguada pelo expositor*; e com o nº 417” *Dous quadros contendo o projecto d`um banco, fachada, corte e planta baixa, pelo expositor.*”, este, quanto a nós, será o mesmo trabalho que apresentou na 9ªTrienal da Academia, no ano anterior. In *Catalogo Official da Exposição de Archeologia e de Objectos Raros Naturaes Artisticos e Industriais realisada no Palacio de Cristal Portuense em 1867*.Porto:Typographia do Jornal do Porto.1867, p.51.

²¹⁵ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.42.

²¹⁶ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl. 42v.

²¹⁷ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl. 43.

Afastado um dos candidatos, ficariam para avaliação as outras duas candidaturas, bem distintas uma da outra: assim, e quanto á 2ª Prova, dos ornatos, são ambas muito parecidas com a diferença que a de Tomás Soller (3º candidato) está (...) *mais fresca e mais luminosa*”, apesar de não estar” *mais bem entendida que a do 2º candidato*²¹⁸, Silva Sardinha. o que se deve, seguramente, à grande mestria que Soller possuía em relação às outras artes, nomeadamente em relação ao Desenho, curso que fez aqui na Academia, e que terá sido uma mais valia para a sua candidatura ao pensionato pois (...) *este concorrente teve durante o anno lectivo ora findo uma frequência tão pouco assídua que se não fora o talento artístico, que inquestionavelmente possui, não se poderia ter apresentado (...)*²¹⁹, fruto das grandes dificuldades económicas em que se encontrava a família pela súbita morte do pai, ficando o jovem Tomás com o encargo de a suportar; como em relação à escultura, aulas que também frequentava, obtendo sempre óptimos resultados, como podemos constatar por exemplo na 8ª Exposição Trienal da Academia, de 1863, *Do Snr. Thomaz Augusto Soller, estudante do 1º anno* sido apresentadas duas peças, uma *Cabeça de uma das filhas de Niobe, copiada pelo gesso para exame do 1º anno. Em conferencia de 31 de Agosto de 1863 aprovado plenamente*²²⁰; e uma” *Máscara de ...copiada pelo gesso*²²¹.

Nesta altura do concurso Soller tinha o 3º ano de arquitectura e *dous único projectos teve ocasião de executar nos últimos dous annos lectivos, um d`elles como estudo de frequência do 3ºanno, e o outro como prova d`exame do 2º anno. Era este uma Egreja que esteve na ultima exposição, e que merecidamente foi elogiada pela conferencia*²²². Quanto à 1ª prova, *a copia da Escola medico – cirúrgica do Porto*, o jury considerou-a, *na parte que respeita à planta está muito bem desenhada, mas contém ainda que poucos, alguns leves erros*²²³, achando - o justificável, mais à frente, *pois é o primeiro trabalho que elle executou n`este género, e são portanto desculpáveis as diferenças, que como já dissemos, se encontram nos desenhos das plantas*²²⁴. No que se refere à última prova, o lyceu de 2ª classe, o jury apesar de considerar que Soller *bastante feliz foi*, e uma vez que era o *terceiro projecto que em sua vida delineara*²²⁵, apresentava, no

²¹⁸ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.43.

²¹⁹ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.42.

²²⁰ *Catálogo Das Obras Apresentadas na 8ª Exposição Triennial da Academia Portuense das Bellas Artes* Porto: Typographia de C. Gandra.1863, p.18.

²²¹ COETAPBA 8, Op. cit. , p.18.

²²² AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.42.

²²³ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl. 42.

²²⁴ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl. 42.

²²⁵ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.43.

entanto, dimensões exageradas mais dignas de um lyceo de 1ª classe cujo *alçado é nobre, elegante e de bom gosto, mas dispendioso*²²⁶,

Por fim, Silva Sardinha, o 2º concorrente: em relação á segunda prova, a planta do lyceo, não agradou muito ao jury que considerou inclusive que *não está à altura dos outros que este candidato tem executado durante a sua frequência*²²⁷, criticando-lhe não só a pobreza e o mau gosto do alçado, mas até uma certa falta de tacto na *collocação das repartições do edificio em dous andares (...) pouco conveniente para o serviço e para a policia do estabelecimento*²²⁸. Atendendo ao seu historial *desde quando aluno do 2º anno, começou a executar na aula projectos d'edifícios, estudo em que mostrou sempre muita facilidade, muita intelligencia e bom gosto*, o jury mostrou-se claramente desiludido, na sua apreciação desta prova do Silva Sardinha, até porque este estudante durante os 4 anos do curso dera mais que provas das suas potencialidades, e *reune a uma grande massa de conhecimentos práticos de construcção e de levantamento de plantas as habilitações litterarias constantes documentos abonatorios (...)*, dando como exemplo “*Entre o numero bastante crescido dos projectos que delineou nos últimos três annos(...) dous que estiveram na ultima exposição trienal: - o 1º, um lyceu de primeira classe apresentado para exame do 2º anno, e elogiado pela conferencia geral: - o 2º, um quartel de cavallaria, prova que deu para exame do 3º anno e que mereceu igualmente os justos elogios da conferencia*²²⁹. Só este 2º trabalho, o *Projecto dum quartel de Cavallaria* apresentado em dous quadros contendo o 1º o alçado principal e uma planta, e o 2º uma secção e uma planta²³⁰, é que vem referido, efectivamente no catálogo respectivo, e não o do lyceu como erradamente refere a Conferencia que anteriormente citámos.

Quanto à 1ª prova, uma Escola médico – cirúrgica, considerou o jury que o jovem José Geraldo conseguiu um trabalho em que *o desenho da planta está executado com muita limpeza, e o do alçado é muito bem traçado e lavado senão com toda a perfeição com bastante conhecimento da distribuição do claro escuro*²³¹.

Finalmente, e quanto à prova d'ornato do jovem candidato Silva Sardinha,

²²⁶ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.43.

²²⁷ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.42v.

²²⁸ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl. 42v.

²²⁹ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.42.

²³⁰ COETAPBA 9,1866.Porto,p.32.

²³¹ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.42v.

considerou o jury que ela está bem entendida, pena é que tenha um tom um pouco baixo e monótono, tom que se encontra igualmente na primeira prova d'este concurso²³².

Perante isto à que decidir e o júri é bastante claro ao concluir que se os dous concorrentes em questão possuísem ambos as mesmas habilitações litterarias, o jury pronunciar-se – hia pelo candidato Thomaz Augusto Soller, como o de maior talento e o de maior saber artístico²³³, apesar de perceberem também o peso da experiência na decisão final pois attendendo á muita practica d'um dos concorrentes, e á pouquissima do outro, somos obrigados a confessar que José Geraldo da Silva Sardinha é dos dous o que mais sabe, mas que Thomaz Augusto Soller é aquelle que mais promete²³⁴. É assim que Silva Sardinha é o eleito, pois ele

tem a maioria dos exames que constituem o curso geral dos lyceus naccionaes e exame de geometria descriptiva no Instituto Industrial. Possui portanto conhecimentos de que um architecto não pode prescindir. Nos trabalhos por ele executados durante o concurso revela a sua maior pratica, e se destes trabalhos se não pode tirar uma prova do seu bom gosto, não acontece felizmente o mesmo com os outros projectos que elle tem delineado em outras ocasiões²³⁵.

Ressalvemos que, como seria de esperar, até porque a escolha em relação ao pensionista em arquitectura não seria fácil, terão surgido algumas vozes discordantes em relação aos resultados, ou à forma como terão sido atingidos, e não só por parte dos concorrentes, mas mesmo do seio do próprio professorado da portuense donde partirá uma das críticas mais discordantes, da pena do sempre polémico professor substituto de pintura F. Resende, que, numa carta ao jornal *O Comércio do Porto*, e na sequência duma gralha que naquele vespertino terá surgido a quando da informação pública sobre o resultado deste concurso²³⁶ (...) *lhe rogo obséquio de evitar o equivoco que se deu fazendo constar publicamente que me dei por suspeito no concurso de arquitectura porque tive razões de sobra para assim proceder²³⁷*, reforçando logo de seguida o seu inequívoco

²³² AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.42v

²³³ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.44.

²³⁴ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.43v.

²³⁵ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.43

²³⁶ Essa notícia termina dizendo: *O snr. F. Rezende deu-se por suspeito no concurso de esculptura. O Comércio do Porto* nº200, 4ªfeira, 4 de Setembro de 1867.

²³⁷ *O Comércio do Porto* nº213, de 5ª feira 19 de Setembro de 1867.

apoio ao único concorrente de escultura (...) *sendo o snr. Soares dos Reis o aluno de mais vigoroso talento que tem frequentado a academia portuense de belas artes, eu seria injusto se me desse por suspeito no seu concurso de esculptura*²³⁸. Curioso que, anos mais tarde, cerca de 1874, será este mesmo professor (juntamente com o professor de escultura e director da academia, Manuel da Fonseca Pinto), um dos principais instigadores da polémica em torno da originalidade de *O Desterrado* que negavam ser do jovem Soares dos Reis, suspeição que irá ferir de morte o escultor²³⁹. Enfim, suspeitas que, quanto a nós, e em ambos os casos, foram historicamente recusadas, pela força da sua obra e pela coesão do seu legado, como a seu tempo esperamos conseguir comprovar no caso de Silva Sardinha, uma vez que no caso de Soares dos Reis já nada mais carece de prova ou de confirmação.

Entretanto, e não por mero acaso, Tomás Soller²⁴⁰ seria um dos ilustres escolhidos para ir visitar a Exposição Universal precisamente em Paris nesse verão de 1867, sendo os outros dois o gravador Molarinho e o professor de pintura da academia portuense (APBA) Francisco Resende²⁴¹. Em Paris, onde ficará cerca de nove meses, frequentará o

²³⁸ *O Comércio do Porto* nº213, de 5ª feira 19 de Setembro de 1867.

²³⁹ Ler por exemplo Macedo, Diogo de - *Soares dos Reis*. Porto: Edições Lopes da Silva, 1945, p.39.

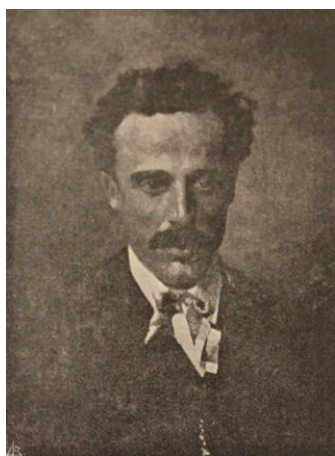
²⁴⁰ Tomás Augusto Soller, natural do Porto, onde nasceu a 29 de Março de 1848, aqui morreria subitamente, a 12 de Junho de 1883. Além de ter feito o curso de Desenho Histórico da Academia, o qual termina com distinção em 1867, faz também quatro anos de escultura, e os três primeiros de Architectura civil. Com uma vida tão drasticamente encurtada, morrendo com apenas 38 anos, vale a pena referir que Soller teve ligado a obras de grande envergadura na cidade como foi o caso do palácio da Bolsa portuense, para onde desenhará, por exemplo, a cúpula de vidro e ferro do Pátio das Nações em 1880-82, bem como uma grande escadaria. Trabalhará também como arquitecto chefe para a Companhia dos caminhos de ferro do Douro e Minho. Seu é também o palco -coreto que está nos jardim do palácio de Cristal, bem como o pedestal para o monumento a Brotero, esculpido por Soares dos Reis, para o jardim botânico de Coimbra. Enquanto estudante de escultura, participou nas trienais da Academia Portuense, sendo a sua primeira participação na 8ª exposição (CETAPBA 1863, p.18), já referida anteriormente. Em 1866, na 9ª Exposição Trienal da Academia Portuense, e enquanto aluno do 4º ano de escultura apresenta quatro trabalhos, (alt. 0,60) (COETAPBA 1866, p.27); e enquanto estudante do 2º ano de architectura apresenta para esta mesma Trienal (1866) três trabalhos, um projecto duma igreja e duas fachadas de edificios (COETAPBA 1866, p.33).

Para a 10ª Trienal de 1869 *Do Snr. Thomás Augusto Soller, discípulo que foi do 3º anno d´architectura civil; havendo estado apenas 9 mezes em Paris subsidiado pelo Governo, e por alguns particulares: morador na rua das Taipas nº35*, foram expostos sete projectos de architectura (CETAPBA 1869, p.41), sendo o 1º precisamente a *Fachada principal duma biblioteca pública*, o tal trabalho que irá ser premiado em Madrid; e 3 desenhos, sendo o 1º uma *Figura de estudo d´homem sentado, desenhado pelo modelo vivo para exame do 5º anno, e julgada unanimemente digna do 1º premio em conferencia geral de 31 d´Agosto de 1867*. (COETAPBA 1869, p.18), e os outros dois retratos copiados a lápis de fotografia, um do trágico italiano Rossi e o outro do Sr. Serafim Morgado. (COETAPBA 1869, p.18).

Na sua derradeira participação nas trienais, na 11ª, inaugurada a 31 DE Outubro de 1874, *do snr. Thomaz A. Soller, conductor auxiliar no Caminho de Ferro do Minho, morador na Rua d´Alegria nº400*, apresentou com o nº16 um *Projecto d´uma galeria de pinturas - Côte e planta* (COETAPBA 1874, p.45).

²⁴¹ *Demos ha tempos notícia* (...) à escolha de tres artistas que, cada um na sua especialidade fossem por conta do estado estudar a Exposição de Paris com a obrigação de apresentarem um relatório dos seus estudos cada um no respectivo ramo das belas artes que professasse(...) e na última conferencia que teve lugar no dia dous foi encarregado o Snr. Conde de Samodães de escolher os três artistas (...). A

atelier de Charles Questel, aliás o mesmo atelier onde já se encontrava o pensionista de arquitectura da Academia de Lisboa, José António Gaspar, e onde o seu opositor no concurso do Porto, Silva Sardinha, entraria em Novembro desse mesmo ano. Nos cerca de nove meses que lá estará aproveitará ao máximo e trará alguns trabalhos por si delineados como é o caso de um Átrio e de um Portão Monumental feitos para a Academia em 1868²⁴², ou um muito apreciado projecto duma biblioteca, que ganhará um 1º prémio em 1871 na Exposição Internacional de Madrid, e que será adquirido pelo governo daquele país. A reforçar as suas qualidades profissionais referiremos ainda a sua nomeação como académico de mérito por parte da Real Academia de Belas Artes lisboeta, e da Academia de Belas Artes portuense (em sessão de 21 de Junho de 1879), para a qual entrega como obra de recepção um projecto de uma galeria de pintura. Por fazer ficaram uma cúpula que teria desenhado em 1882 para a igreja da Trindade²⁴³ em estrutura metálica como a da Bolsa, e que por razões económicas não fora aprovada, e o projecto para um teatro para o Funchal, incompleto porque surpreendido pela morte aos 35 anos, a 12 de Junho de 1883²⁴⁴.



José António Gaspar.
Pintura a óleo por Soares dos Reis, 1876.
in *Soares dos Reis* por Diogo de Macedo,
de 1945. p. 27.

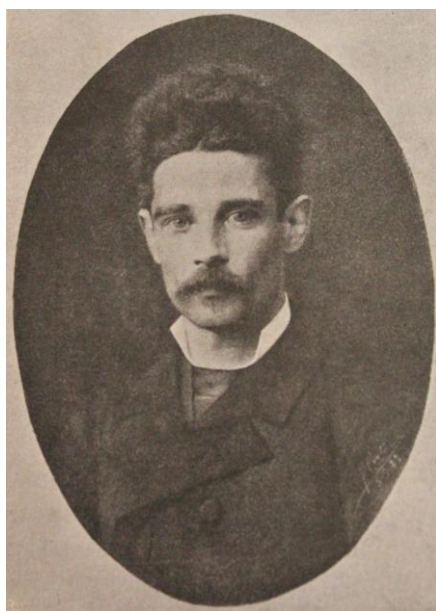
escolha recaiu no snr. Francisco J. Resende, professor substituto de pintura histórica, no snr. T.A.Soller, alumno de aula de arquitectura, e no snr. José Arnaldo Nogueira Molarinho, artista gravador bem conhecido nesta cidade.(...) De Lisboa vão quatro com idêntico fim e a mesma clausula (...). Jornal O Comércio do Porto nº178, de 5ªfeira 8 de Agosto de 1867.

²⁴² FERRÃO, Bernardo José - *Arquitectura Pintura Escultura Desenho, Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto. In Catálogo da exposição para o Museu de Soares dos Reis. Janeiro de 1987, p.38.

²⁴³ FERRÃO, Bernardo José, Op. cit., p.39.

²⁴⁴ Silva, A. Cardoso e - *A ARTE PORTUGUESA*. Porto: Revista do Centro Artístico Portuense (CAP). 12,Março, 1884. pp.97 a 99.

Tomás Augusto Soller será sem dúvida uma das companhias de Silva Sardinha e de Soares dos Reis em Paris, (...) *com quem calcorreara galerias de arte e a aparatosa Exposição*²⁴⁵ Universal de 1867, e a quem se juntarão, entre outros, o gravador Molarinho, e os pensionistas da Academia de Lisboa, todos nomeados no ano anterior de 1866, o escultor José Simões de Almeida (1844- 1926), o arquitecto José António Gaspar (1842- 1909), e o pintor António Rodrigues da Silva²⁴⁶, (os mesmos três que em 1870, depois da guerra franco-prussiana iriam para Roma, onde de novo se encontrariam, agora só com Soares dos Reis, já que Silva Sardinha optara, logo que lhe foi possível, por ir terminar os seus estudos a Paris).



Thomás Soller.

Desenho de Júlio Costa, 1884

Diogo Macedo, op.cit. p.24

²⁴⁵ MACEDO, Diogo de - *SOARES DOS REIS*. Porto: edições Lopes da Silva, 1945, p.23.

²⁴⁶ Rodrigues da Silva, que fora aluno de Picot em Paris, enviará de Roma em 1871, para a Academia lisbonense, entre outros trabalhos, o quadro final *D. Filipa de Vilhena*. MACEDO, Diogo de, Op. cit., p.28.

3.1. Partida. Porto. Paris.



Le Havre, 1889,
Eugene Boudin (1824 – 1898)

(...) A tal hora, estando-se a bordo, sentar-se a gente na tolda e principiar a conversar com o seu coração, com o seu passado e com o seu futuro deante d'esse espectáculo único, é cahir um homem verdadeiramente em si, e sentir-se mais homem que nunca. Nem conhece o que é de bom estar só quem nunca esteve só d'essa maneira!

*(...) Eis ahí está em que disposição de animo e em que intuito de espírito eu vou desembarcar no Havre e seguir de lá para Paris*²⁴⁷.

A partida dos jovens pensionistas Silva Sardinha e Soares dos Reis para a cidade luz far-se-ia por mar, e não por terra como poderíamos supor, talvez porque de comboio, (que aliás naquela época, e concretamente em Outubro de 1867, ainda não atravessava a ponte de Gaia para o Porto), a viagem ficasse muito mais dispendiosa do que de barco. Partiriam de Aveiro e não do Porto, pensamos que por dificuldades climatéricas, que com alguma regularidade impediam os barcos de ultrapassar a barra do Douro, para

²⁴⁷ ORTIGÃO, Ramalho - *Em Paris*. 5ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1924, p. 13 e 15.
A Primeira edição era de 1868, quando o escritor regressou da visita à Exposição Universal de 1867.

dentro e para fora, somando a isso a necessidade de obras na entrada da barra, como escreve o cronista Sousa Reis em 1866, (...) *As ondas d'Oeste paralisando a corrente do Douro, produzem sem cessar hum choque terrível e embarcação frequentemente os navios d'entrar ou sahir durante trez, quatro, cinco e seis semanas (...)*²⁴⁸. E foi assim que os dois pensionistas foram àquele porto piscatório apanhar o *Nova União*, única embarcação que conseguimos apurar que naquela data terá zarpado de Aveiro²⁴⁹ com destino ao porto de Havre, na costa da Normandia, um dos portos mais importantes na Europa de então.

Numa 5ª feira, 31 de Outubro de 1867²⁵⁰, zarparam rumo a França, e, como se dizia então, *ao bota-fóra de tão reaes viajantes estiveram presentes*²⁵¹ em Aveiro, a família Mengo, de Lucinda, a futura mulher de Silva Sardinha, o Franco, estudante de arquitectura (?), e o Soller²⁵². A viagem de barco ao longo da costa norte de Portugal e depois de Espanha deve ter sido fascinante, quanto mais não fora porque era a primeira para os dois, e a primeira vez também que se encontravam entregues a si próprios, mas foi seguramente atribulada, pelo menos para Soares dos Reis que aparentemente sofreu muito com o movimento balanceado das ondas, de resto, nada de novo para este tipo de transporte²⁵³.

O Havre, na Normandia, era um porto de grande tráfego marítimo, o segundo na Europa depois do de Marselha, de onde zarpavam, por exemplo, todos os barcos que levavam emigrantes a caminho do Novo Mundo, a terra americana em busca de melhores horizontes num continente virgem, ainda por explorar. No Havre desaguavam também os barcos ingleses, e ali atracavam também as embarcações que, vindas de Paris, percorriam o Sena e vinham fundir-se no mar do norte, berço e inspiração de muitas correntes artísticas e literárias, como foi o caso, por exemplo, de Claude Monet²⁵⁴

²⁴⁸ REIS, Henrique Duarte e Sousa - *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*, I vol. (1866). << Manuscritos Inéditos da BPMP>>, II Série-3. Biblioteca Pública Municipal do Porto.1984, p. 310.

²⁴⁹ Cândido, Alfredo, *Soares dos Reis, Pintor*. In revista *Feira da Ladra*, nº3, 1932,p. 85.

²⁵⁰ Ver o nosso trabalho *Silva Sardinha e Soares dos Reis. Uma amizade no Porto do século XIX*, na revista portuense da Associação Cultural *Amigos do Porto*, Boletim de2010, 3ªsérie, nº28,pp.137 e sgs.

²⁵¹ In *Jornal O Comércio do Porto* de 3 de Julho de 1867, p.1.

²⁵² Cândido, A., Op. cit., p.85. É errada esta informação de que Soller também estaria em Aveiro, pois segundo carta de Paris dum repórter do jornal *O Comércio do Porto*, o pintor portuense F.J. de Resende - de 5 de Outubro de 1867, e publicada a 13/10/1867: (...) *que já chegaram a esta capital os snrs. Molarinho e Soller: vieram tarde, todavia (...)*. O Professor Resende estava incumbido de acompanhar, pelo menos o Molarinho, na visita à Exposição Universal, e como já estava à uns dias à espera deles, parece-me a informação aqui mais fidedigna.

²⁵³ Cândido, A., Op. cit., p.85.

²⁵⁴ O seu quadro *Impressão, nascer do Sol*, de 1872, onde nos é dado ver ao longe o porto do Havre, foi precisamente lá pintado, da janela do quarto dum hotel, e seria o quadro que estaria na origem do termo Impressionista, utilizado pelo crítico e também pintor paisagista Louis Leroy, quando da sua apresentação

(1840- 1926), e dos seus primeiros verdadeiros mestres, Eugène Boudin (1824 - 1898), e o pintor holandês Johan B. Jongkind (1819 - 1891), todos cidadãos do Havre em algum momento das suas vidas²⁵⁵.

Entre nós, temos o caso dum dos iniciáticos do romantismo nacional, o portuense João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854), que em 1823, após a denominada Vilafrancada, e a consequente vitória miguelista, parte para o exílio, primeiro para Inglaterra e depois para França, para a praça marítima do Havre. Ali trabalha como correspondente para uma casa comercial, e aproveita quem sabe, a conjugação deveras romântica de exilado com a beleza do mar da Normandia, e escreve o seu célebre poema *Camões*, em 1825, poema que seria, para muitos, o marco duma nova era, carregado de simbolismo ligado aos ideais liberais. Aliás, outra obra que também foi considerada um momento importante dessa mesma transição e possuidora de igual carga simbólica, é a pintura *A Morte de Camões*, pintada em Paris na mesma altura por um forçado emigrante Domingos Sequeira (1768 - 1837), uma coincidência que o próprio Garrett notara quando fora a Paris em Fevereiro de 1825 para publicar o seu poema e vira o trabalho de Sequeira²⁵⁶, circunstância que, obviamente, não seria tão inocente assim como mais tarde se viria a constatar.

É neste movimentadíssimo porto da Normandia, carregado de simbolismo e de beleza natural, de grande fluxo de pessoas oriundas das mais diferentes partes do mundo, que vêm desaguar os dois jovens estudantes, que pouco tempo se demorarão por ali, pois o seu destino era outro, e ainda cerca de duzentos quilómetros os separam de Paris e da gare de Saint Lazare, onde seguramente terão atracado nos primeiros dias de Novembro. A estação de Saint Lazare, que já existia à cerca de trinta anos, desde 1837, na praça da Europa, sofreria grandes ampliações para acolher os milhões de visitantes que se aguardavam para a Exposição Universal daquele ano de 1867. Uma nova estação iria nascer, sob a supervisão do seu projectista da estação de 1842, o arquitecto Alfred Armand²⁵⁷, e do seu também já antigo colaborador, o grande engenheiro-chefe dos

a 15 de Abril de 1874, no Boulevard des Capucines, no estúdio do fotógrafo Nadar. Seria um dos nove quadros apresentados por Monet para esta exposição.

²⁵⁵ SAGNER, Karin - *Claude Monet, 1840-1926, Uma festa para os olhos*. Colónia: Taschen editora, 1993.

²⁵⁶ FRANÇA, José - Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*. Lisboa: Bertrand Editores. Vol. I. p.159.

²⁵⁷ Alfred Armand nasceu em Paris em 1801, e aqui há-de falecer em 1888. Foi aluno de Jean Louis Provost nas Belas Artes, para onde entrou em 1827. Durante toda a vida trabalhou para os célebres irmãos Émile e Isaac Pereire, responsáveis por grandes construções e negócios no ramo ferroviário mas também imobiliário, nomeadamente no centro de Paris, para onde, Armand lhes projectou o *Grand Hotel*, (agora

caminhos de ferro franceses Eugène Frachard²⁵⁸. A 2 de Junho seria inaugurada por Napoleão III a mais importante estação de caminho de ferro de Paris, o hall principal para o grande evento, um dos eixos fundamentais da cidade haussiana dos grandes boulevards e de enormes rotundas tão rectilineamente delineadas, arrasando de vez o velho burgo medieval, cinzento e insalubre, preparando a cidade para um futuro novo, radiante e quase equalitário, que os irrequietos e novos *Impressionistas* tão precocemente irão perceber, explorar e divulgar nas suas obras. Nesta gare terão saltado os nossos jovens pensionistas pela primeira vez saídos de casa...

Em Paris ficaram instalados no Hotel Camões, um modesto mas bem localizado prédio na Rua Cassette nº22, como aliás o comprovam as duas primeiras cartas enviadas à APBA de 27 de Outubro de 1868, assinada pelos dois²⁵⁹, (já um ano depois de ali terem chegado em Novembro de 1867), e a seguinte, de 15 de Dezembro de 1868²⁶⁰. No entanto, durante o ano de 1869, terão mudado de casa pois Silva Sardinha comenta a 23 de Agosto de 1869, que (...) *Quando mudei de morada, novo proprietário tomou conta da caça em que habitei e como não conhecia meu nome de certo reenviou as cartas para o correio geral* (...) ²⁶¹. Em 1872, e depois do exílio forçado em Portugal por causa da guerra franco prussiana, Silva Sardinha, agora sem o amigo escultor que preferiu Roma para continuar os seus estudos, voltará ao Hotel Camões, conforme o assinala em carta de Novembro desse ano²⁶². Este Hotel pertencia a um português de nome José Domingues, e era muito procurado por portugueses, particularmente os ligados ao mundo das artes, sobretudo pela sua excelente situação, pois fica muito próximo da agora denominada *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts (ENSBAP)* parisiense que fica numa paralela, na Rua Bonaparte²⁶³, sem esquecer obviamente o famoso acolhimento por que são conhecidos

(...) *Todos os portugueses que vêm habitar levam d'ella mui gratas recordações, e eu com especialidade, porque nunca poderei esquecer os*

Intercontinental), para que estivesse pronto para esta mesma Exposição de 1867!. Seria bastante rico e grande coleccionador de arte.

²⁵⁸ Eugène Frachard (1802-1873), era o engenheiro-chefe dos caminhos de ferro Paris - Saint Germain, e foi o principal responsável por diversas estações, um pouco por todo o país.

²⁵⁹ AFBAUP 9, *Correspondencia dos pensionistas* (CPEA). Carta nº2 assinada por Silva Sardinha (JGSS) e por Soares dos Reis (ASR).

²⁶⁰ AFBAUP 9, CPEA, Carta nº14, de 15 de Dezembro de 1868, também por ambos assinada.

²⁶¹ AFBAUP 9, CPEA 4 (23 de Agosto de 1869), assinada apenas por Silva Sardinha.

²⁶² AFBAUP 9, CPEA 11 (4 de Novembro de 1872), assinada por Silva Sardinha.

²⁶³ Anteriormente era a Rue des Augustins, e só em 1858 passa a denominar-se assim.

JACQUES, Annie - *Les Beaux-Arts, de l'Academie aux Quat'z'arts*. Paris: edition ENSBAP, 2001, p. 23.

*cuidados e desvelos que me prodigalizou tão excelente família, quando em 1854 estive aqui perigosamente doente com uma nevralgia cerebral*²⁶⁴,

como o recordava o pintor e professor das Belas Artes portuense Francisco Resende, agora de visita à Exposição Universal de 867, e que não trocava aquele pequeno hotel por mais nenhum, mesmo passados treze anos, (...) *chegando a esta capital no dia 12 pela manhã, encontrei, felizmente, lugar no antigo hotel Camões, que habitei quasi dous annos, quando aqui estudei (...)*²⁶⁵. Além do professor Resende, dos nossos pensionistas e dos escolhidos pela Academia portuense para ir estudar a Exposição, o gravador José Arnaldo Nogueira Molarinho²⁶⁶ e o Tomás Soller, pois *aí tiveram ainda como companheiros o Franco, e o Silva pintor, que residia com as irmãs na capital francesa (...)*²⁶⁷, muitos outros portugueses, estudantes²⁶⁸ ou apenas viajantes por ali terão passado neste período de grande agitação turística e cultural para a cidade.

No entanto para Silva Sardinha a missão principal ali era outra e foi assim que, e conforme instruções da Academia, ele e o Soares se apresentaram

*(...) ao Exmo Ministro portuguez n'esta cidade, para elle solicitar a minha admissão de alumno de Mr. Lefuel*²⁶⁹, *professor que V^a S^a me*

²⁶⁴ RESENDE, Francisco José – *O Comércio do Porto*, de 26 de Setembro de 1867.

MOURATO, A. M. Vilarinho - *Cor e Melancolia*, Vol III. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada á FLUP, 2000, Documento nº161, p.243.

²⁶⁵ RESENDE, F.J. - *O Comércio do Porto* (26/09/1867). In Op. cit., p.243.

²⁶⁶ *Partiu no Domingo para Paris, no vapor da carreira do Havre, o Sr. Molarinho. O Sr. Molarinho que nunca tinha saído do Porto, veio pela primeira vez a Lisboa e vai ver a grande Exposição Universal. Quem sem mestres, e sem ver os bons trabalhos de gravura tem produzido tanto e com tanta habilidade há-de fazer grandes progressos com esta sua viagem d' instrução. (...)*

In jornal *O Comércio do Porto* nº 224, 3ª feira, 1 de Outubro de 1867.

²⁶⁷ Cândido, Alfredo - *Soares dos Reis, Pintor*. In revista *Feira da Ladra* nº3, Lisboa, 1932, p. 85.

²⁶⁸ *Les etudiants non parisiens se regroupent dans les mêmes quartiers, les mêmes hotels, par affinité ou par nationalité.* JACQUES, Annie, Op. cit., p.195.

²⁶⁹ Hector- Martin LEFUEL nasceu em Versailles, a 11 de Novembro de 1801 e morre em Paris em 31 de Dezembro de 1880. Aluno de seu pai e de Huyot, é GPR em 1839. Professor das Belas Artes de .Membro do *Institut de France* em 1855. Fez os palácios de Fould e o de Nieuwerkerke. Em 1854 substitui o Architecto Visconti (1791- 1853), na direcção das obras do Louvre, e das Tulheries, para onde fez inúmeras obras e grandes alterações, como por exemplo o Pavilhão Marsan, (que albergaria, por exemplo, os nossos reis D. Luís e D. Maria Pia a quando da sua visita à Exposição Universal em Agosto de 1867), dando por concluídas obras que duraram sete séculos. Outro architecto, Julian Guadet (1831-1908), traça dele um retrato bastante conciso a quando da questão de 1863, de que a seu tempo falaremos: “*Lefuel, architecto do Imperador, grande, imponente, impondo respeito, impiedoso mesmo quando dizia um disparate, discursava admiravelmente, era enérgico e convincente nas suas demonstrações e juizos prévios (...)*” ou, mais à frente, relevando o papel de Lefuel na reposição da velha ordem na École: “*Graças á sua perseverança, foram-nos devolvidos integralmente a antiga organização de todos os concursos, o direito de qualquer aluno de escolher o seu mestre, os programas dos estudos. Les ateliers de l'École, criados por Decreto, foram forçosamente conservados, mas sem prejudicar os atliers exteriores que se mantiveram no mesmo número e com igual frequência que anteriormente,*” afirmando

*ordenou elle empregou seu valimento em meu favor; porém Mr. Lefuel, não se ocupando do magistério, aconselhou-me de procurar Mr. Questel, se o Exmo Ministro concordasse. Transmitti isto ao Snr. Visconde de Paiva, que de bom grado acedeu (...)*²⁷⁰.

E assim o jovem Silva Sardinha, logo em Dezembro de 1867, entraria para o atelier de Mr. Questel (...), *o primeiro de Paris tanto pelo numero d'alumnos, como pelos excellentes resultados que desde dez annos tem produzido*²⁷¹. Para os estrangeiros as dificuldades de adaptação aos *ateliers* não foram poucas, como não seria fácil também a vida estudantil depois de conseguirem ingressar na *École*, com as provas mensais, *en loge*, e com um espírito de competitividade intenso a ritmar a vida escolar.

mesmo que “*são eles* (ele, e De Gisors), *os verdadeiros obreiros desta restauração tão ansiada, que mereciam um busto, ou uma estátua na sala do Conselho, mas que estranhamente foram esquecidos*”. In JACQUES, Annie, Op. cit., p.416 e 417.

²⁷⁰ AFBAUP 9, CPEA 3, (Novembro de 1868), assinada só por Silva Sardinha.

²⁷¹ AFBAUP 9, CPEA 3 (Novembro de 1868), assinada só por Silva Sardinha.

3.2. O Atelier



Atelier Pascal, in “La Carrière de l'architecte au XIX siècle”, Annie Jacques. p. 27



Un atelier de architecture (carte postale).
In “Les Beaux-Arts, de l'Académie aux Quat'z'arts”
de Annie Jacques. p. 56.



Un atelier de architecture (carte postale).
Op. cit. de Annie Jacques. P. 57

O *atelier* é efectivamente a escola, a mais antiga de todas as formas de ensino de arquitectura, onde os aspirantes a arquitectos aprendem a desenhar e a desenvolver os seus projectos com o mestre.

Em França seriam institucionalmente estabelecidos em 1867, na sequência do

decreto surgido em 1863 que visava reformular o ensino das Belas Artes²⁷², e do qual a criação de três *ateliers* dentro da escola (*ENSBAP*) era uma das suas exigências, aliás das poucas que efectivamente se realizarão, em paralelo com os *ateliers* externos que nunca deixarão de existir.

No *atelier*, os jovens recém-chegados aprendiam com o *Patron*, o professor responsável do *atelier*, que pela proximidade com que acompanhava os seus pupilos, podemos apelidar mais de tutor do que simplesmente de professor, donde esta forma tão familiar de comumente lhe chamarem *Patron*. Mas os jovens aprendizes seguiam também atentamente, e aqui está quanto a nós um

²⁷² Três homens estiveram na origem deste decreto, publicado pela 1ª vez no *Moniteur universel* de 15 de Novembro de 1863: Nieuwerkerke, P. Mérimée e Viollet-le-Duc. A criação dos *ateliers* dentro da escola, independência em relação ao *Institut* na nomeação dos *GPR*, e maior orientação ideológica e estética por parte da nova administração, bem como a fixação do limite de idade nos 25 anos, em vez dos 30, para os concorrentes ao *GPR*, foram alguns dos princípios com que a maioria dos alunos e dos mestres não concordou, fazendo dos professores Guadet e Pascal os seus emissários, acabando por conseguirem impor a demissão de Le Duc, e repor quase na totalidade, a escola anterior a 1863 !.

In Bonnet, Alain - *Les Beaux-Arts de l'Académie aux Quat'z'arts*. Paris: *ENSBA*, p. 354.

dos segredos do sucesso da prática dos *ateliers*, com os colegas mais avançados, os *anciens*, que, por exemplo, quando se preparavam para o *Grand Prix de Rome (GPR)*, transformavam os mais novos, os *nouveaux*, em verdadeiros assistentes, pondo-os a fazer os trabalhos mais simples, de ornamentação de fachadas por exemplo, longos trabalhos que eram executados noite fora até à véspera, pois, como é habitual, com o aproximar da hora das entregas as coisas complicam-se... Os mais novos serviriam também para ajudar a carregar as *charette*, os carros de mão onde transportavam os longos rolos dos projectos para serem apresentados a *concours*, na escola. Esta parceria manter-se-ia até ao fim: quando havia um *ancien* que conseguia um prémio, ele era festejado por todos no *atelier*, era como que um trabalho conjunto que estava a ser premiado, uma vitória que a todos dizia mais ou menos respeito.

Aliás esse prémio, na hora de escolher um *atelier* para um aluno novo, vai pesar muito na sua escolha, pois o facto do *maitre d'atelier* ter ganho alguma vez o *GPR* tinha um grande significado, não só pela exigência das suas provas, como pelas garantias que facultava a quem o conseguia vencer. Este prémio ao qual só podiam concorrer cidadãos franceses, começou no século XVIII por se chamar apenas o *Prix*, passando depois a chamar-se no século XIX *Grand Prix*, e finalmente, ainda no século XIX, como *Grand Prix de Rome (GPR)*, constava de três provas, ou *concours*, (conduzidas pelo Instituto de França, e não pela *ENSBAP*), nos quais durante cerca de três meses, passavam por três provas: um primeiro exame em que durante doze horas desenhavam um *esquisse*; uma segunda prova de vinte e quatro horas, também *en loge*, só para trinta finalistas, em que lhes era pedido mais um *esquisse*, mas agora uma questão mais complexa ligada a planeamento, por exemplo; e a prova final, o *concours* propriamente dito, só para os oito eleitos - os *logistes*, que realizavam a prova definitiva mediante um programa escolhido pelo júri, e que normalmente andava à volta dum grande edifício ou monumento, obra de Estado, portanto, o que vem também ao encontro do que vínhamos anunciando quanto ao carácter institucional e pouco inovador do *GPR*, não querendo com isto insinuar que de pouco valor, pois, por exemplo, a nível de experiência profissional era bastante enriquecedor já que para os jovens aspirantes a arquitecto que, ano após ano, se candidatavam a este *concours* (que acabava por envolver quase todo o *atelier* neste período de provas, e em que só um era escolhido cada ano, o concurso envolvia bastante esforço e trabalho. Jean-Louis Pascal, por exemplo ganharia o *GPR*

em 1866, à sétima tentativa²⁷³! Este prémio, mas também muitos outros, e basta ver a diversidade e quantidade de prémios que se atribuíam na *ENSBAP*²⁷⁴, a par dos *concours* a si inerentes, foram durante o século XIX, um dos motores fundamentais do ensino das Belas Artes naquele país, e não só, como logo veremos.

O *Patron* não poupava os seus pupilos a críticas nas suas duas ou três visitas que semanalmente realizava ao *atelier*, onde oscultava os seus pupilos, complementando as suas intervenções com a sua experiência e a sua sagacidade, mas também ouvindo os jovens atentamente - afinal ele tinha sido uma escolha livre do aluno, uma opção, e não objecto duma qualquer nomeação impessoal do governo, como os professores de um qualquer estabelecimento de ensino o são, o que contribuía para um ambiente seguramente mais amigável, e menos tenso e austero do que o da Escola. Inclusivé, e por exemplo em caso de morte ou afastamento do *patron*, poderia acontecer serem os alunos a nomear outro professor que conheciam para o seu lugar²⁷⁵, ou fazerem uma proposta a outro arquitecto de fora ou a um aluno dos mais velhos, para que abra o seu próprio *atelier*. Poderia também acontecer, seguirem o concelho do *patron* antigo, que os vai deixar por qualquer motivo e que sugere um nome para o substituir, como seria o caso com o *patron* Questel que, em 1872, apresentou aos seus discípulos a sua demissão. Entre os seus alunos encontrava-se o jovem Silva Sardinha que em carta dirigida à *APBA* explicava que o mestre Questel (...) *attento a sua idade, estado de saúde e ocupações de empregado do governo* (...) ²⁷⁶, propunha para o substituir o genro Mr. Daumet, também professor, ou algum aluno antigo que tivesse vindo de Roma, tendo finalmente (...) *com assentimento tanto de Mr. Questel como dos alumnos, Mr. Pascal foi apresentado por aquelle Senhor para dirigir os estudos* (...) ²⁷⁷.

O *atelier* era onde se fazia todo o trabalho prático, ao contrário dos cursos que frequentavam na *ENSBAP* que eram na maioria de aulas teóricas, com leituras de textos e palestras, dedicando-se os professores sobretudo à elaboração dos respectivos

²⁷³ DREXLER, Arthur - *The Architecture of the Ecole des Beaux Arts*. Londres, Secker & Warburg, 1989, p.88

²⁷⁴ Na *ENSBAP* havia dezassete prémios diferentes : *Grande médaille d'emulation*, *Prix Abel Blouet* (1ª classe), *Prix Rougevin*(1ª classe), *Prix Jay*(2ª classe), *Prix Muller- Schnée*(2ª classe), *Prix Chenavard*, *Prix de Reconnaissance des Architectes Américains*, *Prix Godeboeuf*(1ª classe), *Prix Destors de la Société Centrale des Architectes* (1ª classe), *Prix Chapelain de la Société centrale des Architectes*, *Prix de la Société des diplômés*, *Prix Stillman*, *Prix Guérin*, *Prix Fouet* (2ª classe), *Prix Saint Aignan Boucher*, *Prix Edmond Labarre*, *Grand Prix de Rome*. In PENANRUN, David de la, *Les Architectes élèves de l'École des Beaux-Arts*. Paris, 1907.

²⁷⁵ Gilbert, o antecessor de Questel, foi escolhido pelos alunos em 1853, depois da morte do *patron* Blouet. DREXLER, Arthur, Op. cit., p. 95.

²⁷⁶ AFBAUP 9, CPEA 11, (4 de Novembro de 1872).

²⁷⁷ AFBAUP 9, CPEA 11, (4 de Novembro de 1872).

programas e à análise dos *concours*, ficando o desenho e os projectos para o *atelier*, verdadeiro estaleiro donde surgiriam os trabalhos finais.

A gestão do *atelier* não era feita pelo mestre, mas por um aluno, normalmente escolhido de entre os mais velhos, conhecido por *massier*, a quem competia nomeadamente receber a *masse*, contribuição anual dos alunos para o regular funcionamento do *atelier*, quer fosse para o salário do professor, para a compra de livros, de moldes, óleo para candeeiros, para pagar a renda do próprio estúdio, ou para comprar uma qualquer peça de mobiliário que fosse preciso comprar para o estúdio.

3.2.1. Charles Auguste Questel (1807-1888)

O primeiro *maitre d'atelier* de Silva Sardinha (1867-1870), do seu colega Tomás Soller (1867), e do também pensionista o lisboeta José António Gaspar (1866-70)²⁷⁸, foi o parisiense Charles Auguste Questel, que fora aluno de Peyre²⁷⁹, de Blouet²⁸⁰ e de Duban²⁸¹, na *ENSBAP* onde em 1824 ingressaria na *Seconde classe*, e, passados dois anos, em 1826, na *Première classe*. Apesar de bom aluno, nunca conseguiu o famigerado *GPR*, ficando-se por um muito bom segundo lugar!.

²⁷⁸ José António Gaspar nasceu em Lisboa a 10 de Outubro de 1842 tendo falecido a 18 de Fevereiro de 1909. Frequentou arquitectura nas Belas Artes de Lisboa (ABAL), ao mesmo tempo que trabalhava como canteiro na oficina de Moreira Rato naquela cidade, tendo depois aberto a sua própria oficina que dirigiu até que foi enviado, em 1866 como pensionista de arquitectura para Paris. Entrou para a *Seconde classe* da Escola parisiense em 1868, e para a *Première Classe* em 1870. Como o Sardinha e os outros pensionistas regressou a Lisboa em 1870 por causa da guerra, partindo depois para Roma para terminar os estudos, com Soares dos Reis, entre outros, ficando daqui uma amiza que se manterá para sempre. Em 1872 é nomeado académico honorário da *ARBAL*, e em 1878 da *APBA*. Na academia lisboeta é professor de arquitectura (1873), de Desenho Geométrico (1874) e da 1ª cadeira (1881), ganhando efectividade em 1883, sendo secretário interino da ABAL desde 1876. Riscou, por exemplo, a Casa da Moeda em Lisboa, ou a moradia em Cascais, que os Duques de Palmela ofereceriam a M^a Amélia Vaz de Carvalho.

²⁷⁹ Antoine-Marie PEYRE (1770-1843), filho doutro arquitecto parisiense, Peyre, foi arquitecto do *Conseil des Batiments Civils*. Trabalhou nas obras do Observatório e na instalação do *Musée des Monuments Français* no convento dos *Petits-Augustins*, com Alexandre Lenoir, a partir de 1793. Ocupou-se do restauro do Odeon (1819), e do anfiteatro do Conservatório de Artes (1832), bem como do restauro da grande *Conciergerie* parisiense. Fez os teatros das Soissons, em Paris, e o teatro de Lille.

²⁸⁰ Guillaume-Abel BLOUET (1795-1853) trabalhou com Gilbert em Roma, onde restaura as Termas de Caracalla em 1828, e em Paris, no Arco do Triunfo em l'Etoile (1831), acabando por substituí-lo na condução do *atelier* em 1859. É um dos grandes defensores da teoria do uso da cor na arquitectura grega (ainda com Gilbert e con Hittorff.). Projectou importantes colónias penais em França, depois de durante cerca de três anos ter visitado as da América, e substituiu Baltard (1764-1846) na *ENSBAP* como professor de Teoria da Arquitectura em 1846, até à sua morte.

²⁸¹ Felix-Louis-Jacques DUBAN (1797-1870), tem como obras mais significativas a da sala de Melpoméne, (1860 e 63), para a *ENSBAP*, (para a qual se ocupou, entre 1856 e 1870, das diversas obras de adaptação do convento à nova escola, como por exemplo a instalação da biblioteca no 1º andar do *Palais des études*, em 1864). Trabalhou também para o Louvre, nomeadamente na revitalização dos seus magníficos salões. Além disso trabalhou com Viollet-le-Duc e Lassus no grande restauro da Saint Chapelle. A partir de 1845 trabalhou também nos restauros dos castelos de Blois, Chantilly, Despierre e Fontainebleau.

Questel dirigirá o *atelier libre* de Gilbert (1795-1874) desde 1859 até 1872, um dos primeiros de Paris que começara por ser orientado nos anos 20 por Jules Delespine (1756-1825) e depois por Abel Blouet (1795-1853). Em 1872, é o próprio Questel que, alegando afazeres profissionais, propõe a sua própria saída e a sua substituição por Pascal, uma vez que o nome que adiantara do seu genro Daumet (1826-1911) não fora muito bem recebido pelos seus alunos.

A sua obra espalha-se um pouco por todo o país, não só pelas suas evidentes qualidades como arquitecto, mas também pelo cargo de que viria a tomar posse, em 1848, como responsável da Comissão dos Monumentos Históricos, cargo que manteria durante trinta anos, até 1879, e que naturalmente o obrigaria a alguma mobilidade. Como profissional daria os seus primeiros passos no estaleiro da Sorbonne parisiense, cerca de 1826, chegando a trabalhar também na sua própria escola, nas *Beaux Arts* da Rua Napoleão com seu mestre Duban (1834).

A sua obra vai desde Nîmes, para onde, além de ser o responsável pelos monumentos romanos, projecta a igreja de S. Paulo (1838-1849), o palácio da justiça (1838), e a fonte Pradier (1851), em colaboração com o escultor James Pradier; até Grenoble para onde risca a Prefeitura da polícia (1862-1867) e a original Biblioteca – Museu da cidade (1864-1872); ou ainda Lyon, para onde além do restauro da igreja de St Martin d'Ainay (1862), desenhóu também o seu mobiliário interior. Ocupa-se dos restauros das igrejas de St Maurice de Vienne (1842) e da de St-Philibert de Tournus (1845- 48), assim como do restauro do Anfiteatro de Arles (1849). Em Paris, Questel, além de ter trabalhado no estaleiro da Sorbonne (1826), e na adaptação das novas instalações para as *Beaux Arts* (1834) com Duban, riscará o edifício para o asilo e a capela de St Anne (1863-67).

Em Versalhes, onde fará por exemplo o maravilhoso restauro da sua Arena (1855), é nomeado arquitecto *des Batiments Civil*, em 1849, e seu inspector geral a partir de 1862. Charles Questel é medalhado pela sua participação nas Exposições Universais de 1855 e de 1867, bem como na de Viena de 1873, e é convidado para ser membro do *Institut de France* em 1871.

Além dos alunos portugueses que referimos podemos referir quatro arquitectos franceses que passaram pelo *atelier* de Questel e que conseguiram o tão afamado *GPR*: em 1859, Louis Boitte (1830-1906); em 1860 Joseph – Joyau (1831-1872); em 1863 Emmanuel Brune (1836-1886); e finalmente em 1877 é a vez de Paul-Henri Nenot

(1853-1934)²⁸². Estudaram ainda sob a orientação de Questel o seu futuro genro e grande arquitecto Daumet (1826-1911), o suíço Alfred Bluntschi, o americano James Freret (1838-1897) ou o inglês Phene Spier (1838-1916), a anunciar já a grande afluência de estrangeiros ao seu *atelier*, que se iria depois acentuar ainda mais com o aproximar do final do século, com o seu substituto Jean - Louis Pascal.

3.2.2. Jean - Louis Pascal (1837-1920)



http://en.wikipedia.org/wiki/Jean-Louis_Pascal.
(Consultado em: 12.09.2012)

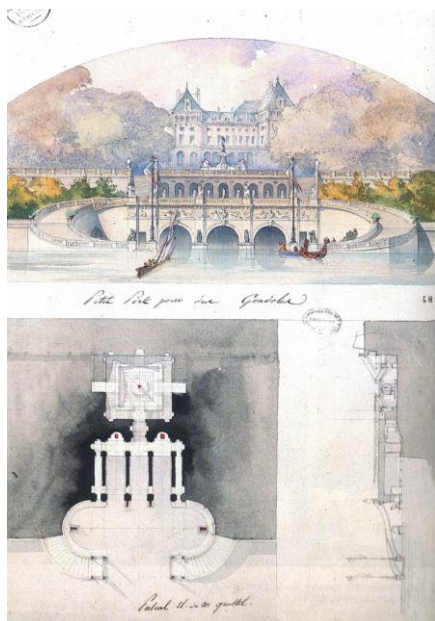
Jean - Louis Pascal nasceu em Paris em 4 de Junho de 1837, e entra para as Belas Artes em 1855, depois de estagiar um ano com Gilbert²⁸³ no *atelier* que depois será orientado por Questel, que ele próprio Pascal assumirá em 1872, até ao fim dos seus dias²⁸⁴, precisamente a 17 de Maio de 1920. Sendo admitido em 2ª Classe em 1855, e em 1ª classe em 1858, ganhou inúmeros prémios: medalha de 2ª classe em 1858, recebeu a *Grand médaille d'émulation* em 1862, anteriormente chamado prémio departamental, atribuído ao aluno que obtivesse maior número de valores no ano escolar; o *Prix Abel Blouet* em 1863, 947 francos atribuídos anualmente ao aluno da 1ª classe que teve melhores notas desde que entrou na escola; ganhou um 2º prémio em 1861, e um 1º prémio em 1862, do denominado *Prix Rougevin*, que consistia em duas somas de 400 e 600 francos atribuídos aos dois melhores alunos no concurso especial de ornamento da

²⁸² JACQUES, Annie / MIYAKE, Riichi - *Les Dessins d'architecture de l'Ecole des Beaux- Arts*. Les Editions Arthaud. Paris, 1987, pp.152 a 159.

²⁸³ Émile Narcisse Jacques GILBERT nasceu em 1795 e morreu em 1874. Foi aluno de B. Vignon e conseguiu o GPR em 1822, membro e Presidente da *Société Centrale des Architectes Français* e nomeado Membro do Instituto em 1853. Foi o arquitecto da cadeia de Mazas, e da nova morgue de Paris. Foi professor de Arquitectura, substituindo Abel Blouet (1783-1853) no seu *atelier*. In PENANRUN, David de - *Les Architectes élèves de l'école des Beaux – Arts*. Paris, Librairie de la construction modern, 1907, p. 274/275.

²⁸⁴ PENANRUN, David de, Op. cit, p. v (5).

1ª classe. Foi duas vezes classificado em 2º lugar para o *Grand Prix de Rome (GPR)* em 1859, subordinado ao tema- *Cour de Cassation*, e em 1864, com o tema – *Hospice dans les Alpes*, só conseguindo o 1º lugar em 1866 com o projecto – *Hotel a Paris pour un riche banquier*. Finalmente, e depois de sete tentativas, o cobiçado galardão, que só os franceses podiam ganhar, e que era um dos grandes impulsos que se podia obter na carreira profissional, pois uma vez regressados do estágio, lhes garantia quase automaticamente um lugar junto dum organismo estadual, ou de professor na *ENSBAP*. Na sua estadia em Roma vai-se encantar com os frescos e os mosaicos de Pompeia, com



Petit port pour les gondoles,
J.L.Pascal. Esquisse, 1861
In “Les Beaux-Arts
de l'Academie aux Quat'z'arts”,
Annie Jacques
p. 88.

o cromatismo e os efeitos decorativos das suas formas.

Antes disso, entre 1861 e 66 assistira Charles Garnier na Ópera de Paris, edifício chave do ecletismo mundial, e trabalharia ainda com Henri Labrouste, na fabulosa Biblioteca Nacional de Paris (1883-1936), e para a qual faria uma fabulosa sala oval (sala dos periódicos), que só seria inaugurada dezasseis anos depois da sua morte, em 1936. Em Paris trabalha ainda na reconstrução do Pavillon de Flore e na grande galeria do Louvre com Hector-Martin Lefuel (1810-1881). Trabalhou no monumento ao coronel d'Argy em Roma, e na decoração da capela La Rochelle. Riscou a faculdade de medicina de Bordéus. Trabalhou na feitura de vários monumentos, como por exemplo o de Henri-Regnault (pintor *GPR* em 1866, morto na guerra em 1871), em colaboração com o arquitecto E. Coquart (1831 - 1902)²⁸⁵ e os escultores H.Chapu e P.Degeorge, e que está na *Cour du Murier*, na *ENSBAP*²⁸⁶; ou para o de Michelet, ou ainda o monumento ao arquitecto Garnier que está no átrio da Ópera parisiense.

²⁸⁵ Coquart foi o arquitecto que foi substituir Duban em 1870, como o arquitecto oficial dos edificios da (da *ENSBAP*) na *Rue Bonaparte*.

²⁸⁶ JACQUES, Annie - *Les Dessins d'Architecture du XIXe siècle*. Paris: Bibliothèque de l'image, 1995. p.76.

Pertenceu à Sociedade dos Artistas Franceses, à Sociedade dos Arquitectos Diplomados pelo Governo, e à Sociedade Central dos Arquitectos Franceses; foi nomeado membro do *Institut de France*²⁸⁷ em 1890; recebeu ainda da *Royal Institute of British Architects* a Royal Gold Medal em 1914, e no mesmo ano idêntica condecoração do *American Institute of Architects* (AIA), sendo o segundo estrangeiro a merece-la. Pascal era membro do Jury da *ENSBAP* desde 1878. É nomeado arquitecto diocesano de Valence (1875) e de Avignon (1888), para onde trabalhou no restauro das respectivas catedrais. Recebeu a Ordem de Santiago do estado português, condecoração auferida na sequência da sua contribuição para a elaboração do projecto do nosso pavilhão para a Exposição Universal de Paris de 1878. É na sequência deste projecto, para o qual contaria com a colaboração dum aluno, o pensionista lisboeta José Luís Monteiro (1848-1942)²⁸⁸, que Pascal viria a Portugal no verão de 1877 donde escreveria as *Lettres de Lisbonne*, três artigos sobre os emblemáticos mosteiros dos Jerónimos, de Belém e da Batalha, para a *Revue Generale de l'architecture et des travaux publics*, publicação francesa de que aliás já era habitual colaborador²⁸⁹, e que seriam, digamos assim, a fonte de inspiração para a sua encomenda para a Exposição de Paris, (...) *um pavilhão nacional traçado em estilo manuelino, «pastiche» habilidosa do portal sul dos Jerónimos, que no seu interior copiava o respectivo claustro e também o da Batalha*²⁹⁰. Ainda assim era a primeira vez que Portugal se fazia representar com uma certa dignidade, demarcando bem as suas diferenças, e até uma certa distância, em relação ao país vizinho, pelo menos no que à sua identidade arquitectónica e à sua história se refere, algo que o projecto de Pascal veio inequivocamente clarificar desenvolvendo para esta Exposição (...) *como nenhum outro pavilhão representando Portugal conseguiu lograr ao longo dos 33 anos que vão desde o aparecimento dos pavilhões nacionais nas Exposições Universais, em 1867, até à Exposição de 1900*²⁹¹, fundindo num pavilhão só vários

²⁸⁷ A origem do *Institut de France* remonta a Richelieu e a Luis XIII, cerca de 1635, época em que surge a primeira Academia em defesa da língua francesa; seguindo-se em 1663, com Colbert a Academia das Letras, seguindo-se em 1666, a das Ciências. Da reunião da Academia de pintura e escultura criadas em 1648 por Mazarin, da de Arquitectura criada em 1671, e da de Música criada em 1669, nasceria a Academia das Belas-Artes. Em 1793 com o fim do *Ancien Régime* todas seriam dissolvidas, reaparecendo de novo, em 1795 com o nome de *Institut de France*, reunindo-se no Louvre até que, com Napoleão, são instalados, a 20 de Maio de 1805, do outro lado do Sena, no *Collège des Quatre Nations*, fundado por Mazarin em 1661, e com traçado do grande arquitecto Le Vau (1612-1670)), onde ainda hoje se mantém.

²⁸⁸ Monteiro estaria em Paris no *atelier Pascal* entre Outubro de 1873 e Novembro de 1878.

²⁸⁹ SOUTO, Maria Helena - *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*. Lisboa: Edições Colibri, 2001, pp. 172 a 176.

²⁹⁰ FRANÇA, J.A. - *A Arte em Portugal no século XIX*. 1º vol. Lisboa: Bertrand editora, 1990, p.387.

²⁹¹ SOUTO, M. H., Op. cit., p. 268.

séculos de património artístico dum povo, baseado em rigoroso estudo e com apurado cuidado estético, como sempre caracterizou o seu trabalho²⁹².

O *atelier* do *patron* Pascal era um dos maiores da cidade, e foi dos mais concorridos, desde a segunda metade do século XIX até às primeiras décadas do século XX. Começamos desde logo por olhar o seu espaço, uma grande área repartida por três armazéns, nos três andares que ficavam sobre uma loja de velharias²⁹³, depois a sua situação geográfica, no número 20 da Rua Mazarine, uma artéria que ficava nas proximidades da *ENSBAP*, da maior comodidade, obviamente, para os alunos que a ela precisavam de recorrer. E depois pelo número de pupilos que albergou, cerca de trezentos, com uma percentagem muito relevante de alunos das mais diversas nacionalidades²⁹⁴, bem demonstrativo da sua qualidade, de que realçaremos a grande afluência de americanos²⁹⁵, entre os quais podemos referir Gustave Lansburgh (1876-1969), o famoso arquitecto dos teatros e cinemas americanos; Paul Philippe Cret, (1876-1941) um lionês que emigrou para os EUA, onde durante trinta anos foi o chefe do departamento de arquitectura da Universidade de Pensilvânia (EUA); Arthur C. Nash (1871-1969), arquitecto da famosa biblioteca de Louis Wilson e de vários edifícios na Universidade de Carolina do Norte; ou ainda outro francês emigrado para os EUA, Constant-Désiré Despradelle (1862-1927), toda a vida professor de arquitectura no irrepreensível Massachusset Institut of Technology (MIT), ou Stewardson (1838-1896), outro arquitecto de Filadélfia com vasta obra no continente americano.

Fruto também da sua grande qualidade como sala de trabalho, oficina e estúdio, é o número significativo de prémios e nomeações auferidos enquanto alunos da *ENSBA*,

²⁹² Além de ter riscado o pavilhão português, Pascal contribuiu para a nossa representação nesta Exposição, com *motifs* como refere o respectivo catálogo no seu *Groupe I, Oeuvres D'art, Classe II, Application Usuelle des Arts du Dessin et de la Plastique*, com o nº “50.- Pascal, architecte à Paris. Motifs imités de l'architecture portugaise; toutes les sculptures ont été exécutées par MM. Watrinelle et Germain, M. Monteiro étant inspecteur des travaux.” *Catalogue Special de la section portugaise a l'Exposition Universelle de Paris en 1878*. Paris: Typ. de A. Pougin, 1878, p.14.

²⁹³ CHAFEE, Richard, in DREXLER, Arthur - *The Architecture of the Ecole des Beaux-Arts*. Londres: Secker & Warburg, 2000. p. 90.

²⁹⁴ Entre estes a maioria era de nacionalidade americana, sendo o *atelier* de Pascal o segundo maior, com 48 alunos, depois do de André que chegou a ter 97 alunos americanos. In DREXLER, Arthur, *The Architecture of the Ecole des Beaux-Arts*. Londres, Secker & Warburg, 2000, p.459.

²⁹⁵ As escolas de arquitectura nos Estados Unidos só aparecem no princípio do século XX, o que, a somar ao prestígio das *Beaux Arts* parisienses, onde, por exemplo, o rigor aplicado no ensino de composição (fundado na célebre sessão de *esquisses*, em que num tempo limitado o aluno tinha que saber aplicar um programa e fazer as suas opções, usando todos os seus elementos, não podendo depois fazer qualquer alteração), pode explicar esse grande movimento de jovens estudantes americanos para Paris. No sentido inverso, e sobretudo nos primeiros vinte anos do século XX, começarão a instalar-se nos EUA arquitectos franceses, não só para leccionarem nas novas escolas americanas, mas também para exercerem a sua profissão, num país tão receptivo a obras de grande envergadura, com grandes capacidades económicas, por isso capaz de oferecer melhores oportunidades aos jovens arquitectos, que na Europa encontrarão menos espaço...

pelos jovens que passaram pelo *atelier* Pascal, podendo ser contabilizados até cerca de 1907, 4 *GPR* e 15 segundos *Grandes Prémios*²⁹⁶, o que, como já referimos, foi mais um contributo para o sucesso e prestígio daquele *atelier*.

É assim que também no nosso caso, grande parte dos pensionistas portugueses optariam pelo *atelier* do *maitre* Pascal, não só os da academia portuense, como seria o caso de Silva Sardinha (entre 1870 e 1872) e dos jovens Joel da Silva Pereira (entre 1886-1890) e António Correia da Silva (entre 1900-1903); como os da academia lisboeta, José Luís Monteiro (entre 1873 e 1879), José A. Soares (1896-1903)²⁹⁷, e depois Afonso Pereira Ferraz e Miguel José Nogueira²⁹⁸, estes dois já no dobrar do século. No entanto, e principalmente a partir do final dos anos 80 do século XIX, não era consensual a opinião sobre o *atelier Pascal*, e podemos referir o exemplo dum outro aluno de Silva Sardinha, Miguel Ventura Terra que, em Maio de 1887, preferiu ingressar num *atelier* que *é da escola, e se não escolhi antes atelier externo é porque o melhor que é o de Mr. Pascal, tem tido nos últimos annos um mau resultado, o contrario do que acontece no de Mr. André (...)*²⁹⁹, justificando assim a sua opção por este *atelier* oficial, formado em 1864 por Alexis Paccard (1813-1867), e gerido desde 1867 pelo professor e *chef d'atelier* Jules André (1819-1890)³⁰⁰, indo Terra ainda apanhar o seu sucessor Victor Laloux (1850-1937), cuja escolha não foi aceite pela escola, tendo assim que ser criado o atelier respectivo no exterior. Aliás para Terra era bem clara a função do *atelier*, fosse interno ou externo à Academia: *estes ateliers preparatórios teem, alem d'outras vantagens, a de apenas se estudar lá o necessário para os concursos d' entrada na escola*, comentava em 1887³⁰¹.

Por fim referiremos uma grande exposição - *La Carrière de l'architecte au XIX siècle*, que se realizou no emblemático museu d'Orsay, entre Dezembro de 1986 e Março de 1987, mais uma demonstração da actualidade que está a ter a arquitectura do século XIX, pelo menos em França, e que apresentou com o nº 18 do catálogo o retrato de *Jean-Louis Pascal (1837-1920)* por E.Pourchet, fotógrafo da colecção *Nos Architects, ca 1894*, e com o nº 49 *L'atelier libré de Jean-Louis Pascal (1837-1920)*, um postal do

²⁹⁶ PENANHUN, David de, Op. cit., p.122.

²⁹⁷ José Alexandre Soares (1873 - 1930), além de aluno de Pascal, esteve em Itália.

Foi professor interino de arquitectura na Academia lisboeta (1903 - 19..), entrando para o quadro da mesma em 1911, como professor de Desenho linear. Foi ainda Presidente da Sociedade dos Arquitectos.

LISBOA, Maria Helena, Op.cit, p.259.

²⁹⁸ LISBOA, Maria Helena, Op. cit., p.191.

²⁹⁹ CARDOSO, A., Op. cit., p.729. Apêndice Documental. Capítulo I, nº10: *Carta de Miguel Ventura Terra à APBA sobre a sua actividade de bolseiro em Paris*.

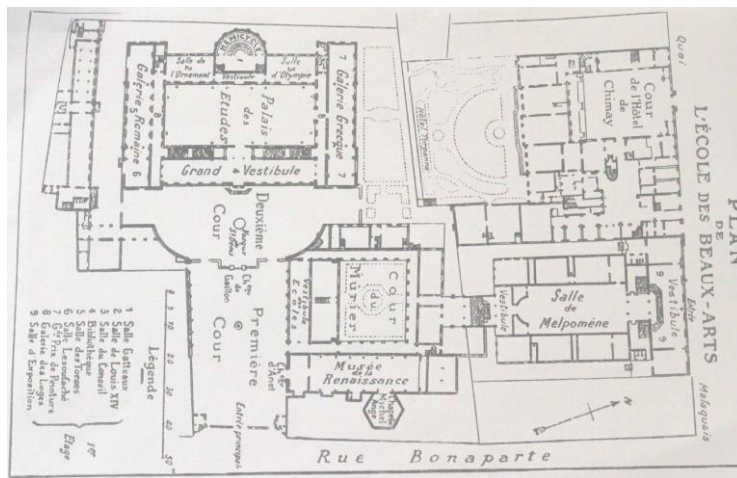
³⁰⁰ PENANRUN, David de, Op. cit. , p.124 e segs.

³⁰¹ Catálogo *Miguel Ventura Terra*. Esposende: Câmara Municipal de Esposende, 2006, p.40.

seu *atelier* feito por E. Le Deeley em 1903, e que nos dá uma imagem fabulosa do *atelier*, dos seus pupilos e do ambiente que ali podemos imaginar, num *atelier que talvez fosse o maior no virar do século XIX para o século XX*³⁰².

³⁰² CHAFEE, Richard, Op. cit., p. 90.

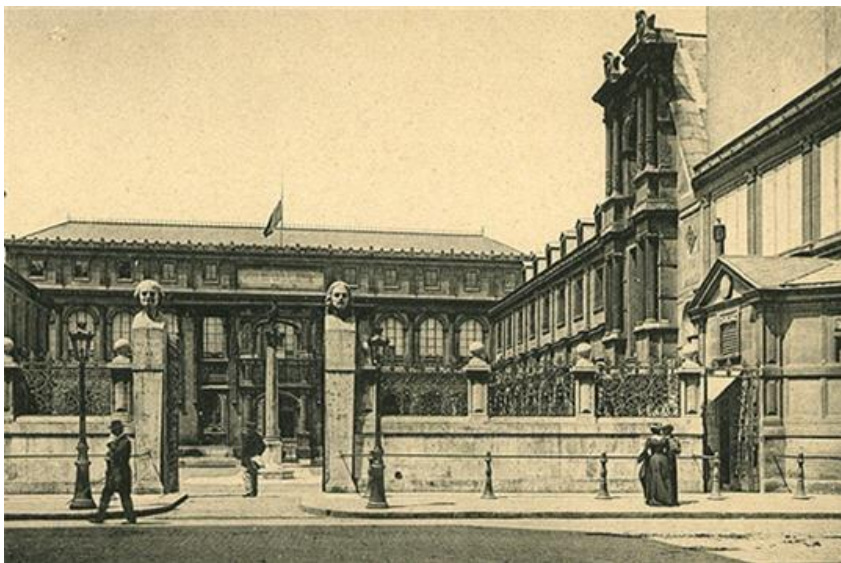
3.3.L' École des Beaux - Arts.



Planta da ENSBAP.

<http://www.studyblue.com/notes/note/n/test-2-massey-/deck/757288>

(Consultado em. 12.09.2012)



Entrada R. Bonaparte da ENSBAP.

<http://www.linternaute.com/paris/magazine/photos-anciennes-de-paris/l-ecole-des-beaux-arts.shtml>

(Consultado em 12.9.2012)

A *École nationale supérieur des Beaux-Arts*, anteriormente denominada *École Impériale & Spéciale des Beaux-Arts*, tem as suas origens no século XVII, no reinado de Luis XIV, com a fundação da *Académie des architectes du roi* em 1671³⁰³, com a sua primeira sessão, na presença de Colbert, em 31 de Dezembro desse ano, sendo logo deliberado que os seus membros dariam aulas de arquitectura, sendo o seu primeiro

³⁰³ LAURENT, Jeanne - *A propôs de l'Ecole des Beaux-Arts*. Paris: ENSBAP, 1987, p.12.

professor o arquitecto François Blondel (1618-1686), o autor do célebre *Cours d'architecture*, e passariam a reunir-se no Louvre, nas salas das desaparecidas Academias. Esta situação manter-se-ia até 1816, ano em que, com Napoleão, o estado resolve regulamentar e institucionalizar os estudos das Belas Artes e são-lhe atribuídos os terrenos desafectados do convento da rua dos *Petits-Augustins*³⁰⁴, onde desde 1795 funcionava o *Musée des Monuments Français*, organizado e dirigido pelo “arqueologista” Alexandre Lenoir (1761–1839).

O arquitecto Jean-François Debret (1777-1850) será um dos primeiros intervenientes nas obras de adaptação que urgia fazer, e cuja primeira pedra do *Palais des études* foi lançada a 20 de Maio de 1820³⁰⁵. Quatro anos depois, em 1824 já está pronto o edifício anexo, onde funcionarão as fundamentais *loges*, três andares de células com capacidade para cerca de sessenta alunos, indispensável à organização dos concursos que aconteciam mensalmente. A escola vai-se espalhar por um amontoado de edifícios e de restos de esculturas religiosas provenientes de várias épocas e locais, que começarão a definir-se e a ganhar forma (ver mapa...) com a nova proposta do arquitecto Jacques-Félix Duban (1797-1870), o *GPR* de 1823, que em 32 substituirá o seu cunhado Debret nos destinos da escola, e que não hesitará, por exemplo, em manter as arcadas do castelo de Gaillon³⁰⁶ ou a fachada da capela do castelo de Anet³⁰⁷ (ali olvidados desde os tempos de Lenoir), enquadrando-as no conjunto do átrio da escola, um exercício arquitectónico que, parece-nos, neste livre e descomplexado reposicionamento de tão diversificados elementos, se anuncia uma prática bastante usual entre a denominada arquitectura romântica do século XIX, reforçada aqui, por exemplo, com os belíssimos padrões *néo-grec*³⁰⁸ que revestem as paredes de todo o pátio, trabalho de Ernest-George Coquart, o substituto de Duban, a quando da sua morte em 1870. Entre 1856 e 1870, Duban tinha dado uma forma mais definitiva aos edifícios que compunham a *École*: o arranjo do claustro antigo, ou *Cour du Mûrier*, ao gosto pompeiano para as aulas de desenho; a cobertura em ferro e vidro do *Palais des Études*, onde no pátio se irão apresentar ao público enormes esculturas, e no primeiro andar uma inovadora biblioteca parisiense especializada em arte; e o arranjo das duas salas Melpomène e Foch, viradas

³⁰⁴ Convento fundado pela rainha Marguerite de Valois (1553-1615), esposa de Henrique IV.

³⁰⁵ JACQUES, Annie, Op. cit., p.10.

³⁰⁶ Construído em 1500 para o cardeal d'Amboise, 1º ministro de Louis XII, por Fra Giocondo.

³⁰⁷ Construído cerca de 1540 por Philibert de l'Orme para Diane de Poitiers.

³⁰⁸ CHAFEE, Richard - *The Teaching of Architecture at the Ecole des Beaux-Arts*. In Drexler, Arthur, O., C., p.79.

para o cais Malaquais, que funcionam como salas de exposição para apresentação, antes e depois, das provas a concurso dos alunos.

As aulas só começariam efectivamente neste novo *Palais des Beaux-Arts*, ou *Palais des*



La Charrette, Alexis Lemaistre Op cit. p.204

Etudes, em 1839, pois até aqui ainda decorreriam no vizinho edifício do *Institut de France* no *College des Quatre Nations*. E só muito mais tarde, em 1884, a escola como hoje a conhecemos estaria completa, com uma última anexação, a do vizinho *hotel particulier* do príncipe de Caraman Chimay, um edifício do século XVIII, com a fachada virada para o *Quai Malaquais*, e onde funcionarão os *ateliers* oficiais, que antes da reforma de 1863 não tinham sido previstos nos diversos projectos apresentados. Melhor ou pior, foram-se adaptando às condições

que tinham, ficando os *ateliers* dos arquitectos na *Cour du Mûrier*, juntamente com os de escultura e de gravura, e os de pintura no primeiro andar do *Palais des Etudes*.

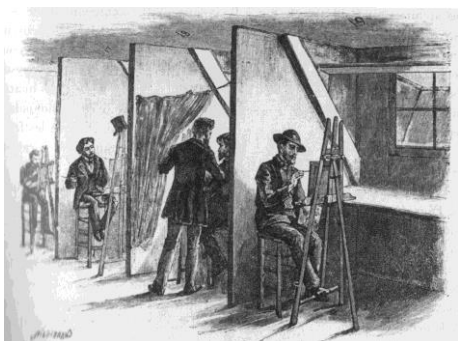


L'Entrée en loges, Alexis Lemaistre. Op cit. p. 347

Ao tempo da entrada de Silva Sardinha, em Abril de 1870, a equipa de professores respeitantes ao curso de arquitectura resumia-se basicamente a quatro: um par construção, outro para história de arte, outro para as matemáticas, e um último para a teoria de arquitectura, cabendo a este não dar um curso , mas apenas propor os assuntos para os concursos mensais. O director da escola desde 1866 era o escultor Jean-Baptiste- Claude-Eugène Guillaume (1822-1905), cargo que exerceu até 1878; o professor de teoria da arquitectura era Jean-Baptiste-Cicéron Lesueur (1794-1883) que exerceu o cargo desde 1853 até á sua morte. Exercia o cargo de secretário da École, o professor de história de arquitectura (1857-62) Albert Lenoir

(1801-1891), com o título de secretário vitalício desde 1863 até á sua morte.

Os estudos na escola dividem-se basicamente em duas classes, a 1ª e a 2ª classe. Para se entrar na *École* e ingressar em 2ª classe, ou seja para se frequentar o primeiro ano lectivo, e ser-se o tão ambicionado *élève de l'Ecole des Beaux-Arts*³⁰⁹, realizavam-se concursos³¹⁰ todos os seis meses. Uma vez ultrapassada esta primeira barreira e encontrando-se assim os alunos na *seconde classe*, além de continuarem no *atelier* a trabalhar com o seu *patron* onde executam os projectos definidos pelo professor de teoria da arquitectura da escola, e que podem ser ou projectos a entregar em dois meses (que serviam para passar a limpo, fixar e aguarelar os projectos de que tinham feito os esquisos *en loge*) - os denominados *rendus*; ou então esquisos a executar na escola em doze horas, isolados, nas ditas *loges*; ao mesmo tempo seguiam na *École* cursos de geometria descritiva, estereotomia e de perspectiva.



En Loge.

Ilustração de Alexis Lemaistre, Op. cit. p. 325

A transição para a *première classe* era feita quando o aluno conseguia a pontuação, os chamados *valeurs* necessários nos concursos da *seconde classe*, sendo o *concours* de Construção o mais difícil, mas sem o qual eles não podiam passar para a 1ª classe. Conforme à nova regulação de Novembro de 1867³¹¹ este concurso, demorava cerca de três meses, e eram pedidos uma dúzia de desenhos em que se mostrava como é que se fazia um projecto de um edifício, descrevendo detalhadamente os materiais usados (pedra, ferro e madeira), com o cálculo matemático respectivo, garante da sua viabilidade construtiva. Como estes concursos, também os prémios anualmente atribuídos pela escola aos melhores alunos eram muito importantes, os denominados

³⁰⁹ CHAFEE, Richard - *The teaching of architecture at the ecole des beaux-arts*. IN *The Architecture of the Ecole des Beaux Arts*. Londres, Secker&Warburg, 1987, p.113.

³¹⁰ A avaliação dos projectos da *première* e da *deuxième classe* eram sempre às quintas-feiras entre as treze e as quinze horas. In JACQUES, Annie, Op. cit., p.89.

³¹¹ CHAFEE, Richard, Op. cit., p. 83.

prix d'émulation: por vezes atribuíam-se ao melhor aluno uma medalha (*médaille*), outras vezes era-lhe atribuída apenas uma menção (*mention*).

Uma vez passado à *première classe*, os programas são mais vastos, com os projects rendus de museus, hotéis, edifícios de grande envergadura, com que aliás os alunos podem concorrer no final do ano ao *grand concours*, que pode também assumir um valor pecuniário. E depois vem o GPR último grande objectivo dos melhores alunos franceses da escola, em que apenas um é escolhido cada ano pela Academia, daí haver alunos que levavam seis e mais anos de consecutivas tentativas para o vencer.

No entanto, e ainda em relação ao ensino na *première classe*, os cursos apresentam uma vertente de carácter mais artístico, com o ensino da teoria da arquitectura e da história da arte e as aulas de ornamento³¹², por exemplo, o que desde logo, e em relação ao nosso pensionista Silva Sardinha que mostrava grande ansiedade em fazer a *seconde classe*, que concretizaria no *Concours de Construction générale* de 1873³¹³, em que aliás com o seu projecto em cinco partes intitulado *Un Musée des armes* obteve um brilhante *6 valeurs*³¹⁴, nos leva a adivinhar a razão porque não frequentou a *première classe*, ou pelo menos porque não lhe pareceu de todo essencial fazê-lo antes de regressar ao Porto, ele que claramente se sentia mais à vontade, pela experiência que já tinha por trabalhar com a família, mas também porque lhe interessava mais este lado prático do estudo da arquitectura.



Le projet.

Ilustração de Alexis Lemaistre,
op. cit. p. 78

³¹² JACQUES, Annie - *La Carrière de l'architecte au XIX siècle*. Catálogo da exposição no musée d'Orsay de 9.12.1986 a 1.03.1987.Paris,1986, p.33.

³¹³ AFBAUP 9, CPEA 11 (...) *Nesta ocasião estou preparando-me para ser admitido ao exame de mathematicas especiaes e de mecanica na Escola e buscando adiantar o curso regular e epocha dos exames geraes que só terão logar no mez d'abril ou de Maio futuro, porque eu desejava ardentemente entrar no concurso de construcção geral da Escola.Paris.4 de Novembro de 1872.*

³¹⁴ Trabalho que, conforme aos estatutos está em posse da Biblioteca da Escola parisiense, pois tem um nº de entrada: PC 3940, mas que, a quando da nossa visita em Dezembro de 2011 não foi possível localizar. As poucas informações que obtivemos foram fornecidas por correio electrónico, (24/10/2011) por Mme. Marie Helene Colas - Adler, responsável pelos desenhos de arquitectura da ENSBAP, em <http://www.ensba.fr/ow2/catzarts/index.xsp>.

3.4. As Cartas e os Desenhos de Paris:

as remessas do pensionista.

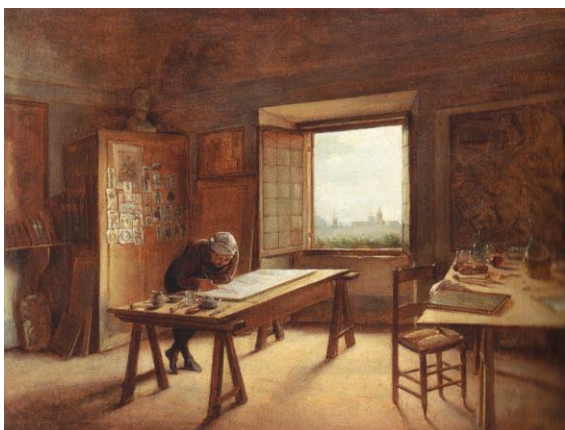
Em arquitectura, o desenho será um dos instrumentos de trabalho fundamental, senão o mais importante, para a sua prática, mas também para o seu estudo na escola, ganhando particularmente no século XIX, foro de verdadeira obra de arte, ao lado da pintura e da escultura, partilhando com estas os *Salons* anuais, sobretudo em Paris e em Londres³¹⁵. O desenho desde os tempos do renascimento, nomeadamente com o tratado (dividido em dez livros) *De re aedificatoria*, do famoso teórico Leon Baptista Alberti, de 1450, começa a ser entendido como parte integrante do trabalho do arquitecto, funcionando como intermediário entre a arquitectura e as matemáticas, e fornecendo através dos seus planos, cortes e alçados, a sua tradução exacta no respeitante às suas proporções, sendo esse, claramente o seu primeiro objectivo³¹⁶. (...) *O conceito medieval do construtor começa a ser suplantado pelo conceito moderno do arquitecto criador que trabalha num processo de pré-determinação das formas antes de as executar*³¹⁷. Para que se pudesse perceber e estudar esta evolução da funcionalidade do desenho em arquitectura, a sua transposição para o papel, a sua leitura pelo cliente, mas também pelo seu construtor, teve que se criar escolas onde se desenvolvessem métodos de o aperfeiçoar, de o compreender, mas também de o explicar através de cursos teóricos não só de arquitectura mas das mais variadas disciplinas que a solidificam e determinam, sejam a mecânica, a construção, a geometria, ou até a história da arte.

E é assim que surgem um pouco por toda a Europa as Academias de belas artes de patrocínio real, assembleias de sábios especializados nas diversas artes e impulsionadores do seu estudo e desenvolvimento, precursoras das novecentistas escolas de Belas Artes que começam a nascer um pouco por toda a Europa.

³¹⁵ JACQUES, Annie - *Les dessins d'architecture du XIX siècle*. Paris: Bibliothèque de l'Image, 1995, p.7.

³¹⁶ JACQUES, Annie - *La Carrière de l'Architecte au XIX siècle*. Op. cit., p. 39.

³¹⁷ TAVARES, Domingos - *O lugar do Desenho no ensino da arquitectura*. In Actas do Seminário *Os Desenhos do Desenho*. Porto: Faculdade de Psicologia - Universidade do Porto, 2001, p.126.



L'Architecte huyot dans son atelier en 1812,
de Michel Drolling. In Annie Jacques, op. cit.
p. 338

Na viragem do século XVIII para o século XIX, sobretudo em França e em Inglaterra, e no rescaldo das descobertas de Pompeia e de Herculanium em Itália, das expedições napoleónicas ao Norte de África e da libertação da Grécia dos turcos, criam-se novos pólos de atracção e novas fontes de inspiração para os arquitectos, nomeadamente os jovens franceses que, uma vez vencedores do *GPR*, partiam para a Villa Médicis, em Roma, por quatro ou cinco anos, e cuja incumbência principal era a de anualmente fazerem chegar a Paris os célebres *Envois*, fabulosos desenhos das inúmeras ruínas que visitavam e que no papel reinventavam, como se de verdadeiros arqueólogos se tratasse, executados primeiro em Roma, depois no resto de Itália, e finalmente na Grécia que agora redescobriam. É então que o desenho arquitectónico se dramatiza e ganha plasticidade, com fortes doses de uma policromia revestindo os muros dos templos, nunca até então entendida, atingindo ao longo de todo este século XIX um papel preponderante, incluindo o já referido estatuto de quase obra de arte, sendo o elemento fundamental num projecto de arquitectura de uma edificação, *conferindo prioridade à perspectiva compositiva e decorativa das fachadas em detrimento da verdade construtiva (...), e até do colorido que lhe era dado pelas famosas aguadas que o afastavam da aridez de um desenho meramente técnico*³¹⁸.

Obviamente que estes desenhos chegados de Roma, autênticos levantamentos arqueológicos, vão contribuir para a forte vertente historicista que se vai fazer sentir na escola parisiense (*ENSBAP*), primeiro, e depois em todo o mundo, ao longo do século XIX, e que se irá repercutir logicamente nos nossos pensionistas ali estacionados.

³¹⁸ LISBOA, M. H., Op. cit ., p.498.

Durante o ano de 1868, os dois pensionistas da APBA, José Geraldo da Silva Sardinha e António Soares dos Reis enviam quatro pequenas cartas da Rua Cassette 22 para a Academia Portuense, referindo na primeira, uma carta tipo telegrama, de 26 de Outubro em que se comprometem a “enviar os estudos que as instruções do governo nos ordenam (...) a fazer saber a Academia que em dez ou doze dias serão remetidos.”

Na segunda carta³¹⁹, do dia seguinte, 27 de Outubro, assinada apenas por Silva Sardinha, ele vem-se desculpar pela demora no envio dos trabalhos “que é toda minha que o Soares já tem um trabalho d’*atelier* destinado, e creio satisfará porque ele agradou ao professor. Os concursos de admissão é que, tendo-me ocupado o fim de Setembro e princípio do corrente, me impediram de acabar mais cedo o trabalho destinado a mandar, uma igreja”³²⁰. Nesta carta ainda uma breve referência ao insucesso de ambos para ultrapassarem os primeiros concursos, provas de grande exigência,

“habitados aos usos e estylos d’ahi, não podemos immediatamente trabalhar de maneira que agrade aos professores como aquelles que desde o princípio não conheceram outros caracteres. A ignorância dos meios ou recursos que se devem empregar nos concursos tem uma grande influencia no resultado.”

Em Novembro de 1868 Silva Sardinha envia a sua primeira “remessa”, o seu primeiro trabalho (...) *que julguei a propósito enviar em cumprimento do artigo 5 das instrucções de V^a.S^a.*; três desenhos correspondentes ao programa duma igreja, sendo o desenho **nº 1**, uma Planta da igreja (ver p 125), o **nº2** a sua fachada principal (ver p. 126), e o **nº3** um corte longitudinal da mesma (ver p. 127). Em carta para a APBA³²¹ explica que o que se pretendia era

“Uma igreja parochial para uma cidade de nove mil almas – Deve ser situada no centro duma praça não podendo exceder na sua maior extensão a cem metros. Terá duas torres, três portas de entrada, duas capellas, uma para baptismos e outra para casamentos, dispostas de forma a que não interrompão com o seu uso as solemnidades da egreja, capellas à roda do

³¹⁹ AFBAUP 9, CPEA 2 (*Paris, Hotel Camões, Rua Cassette 22. 27 de Outubro de 1868*).

³²⁰ Esta igreja, a que S. Sardinha se referirá também na carta seguinte, será a que tem os nrs. 1, 2 e 3 do AFAUP.

³²¹ AFBAUP 9, CPEA 3 (*Correspondência dos Pensionistas do Estado com a Academia*), Nov/1868, fl.4 e 5.

coro, ou aos lados das naves, duas sacristias e uma crypta sob o altar mor, para tumulto de Christo.”

O resultado não seria o esperado (ingressar na Escola na *deuxième classe*), até porque refere que exactamente naquela altura, em Outubro de 1868, “começou a vigorar o novo regulamento da escola que torna os concursos mais custosos. Isso não impediu a que tentasse fortuna e se o resultado não foi conforme a expectativa também não julgo ter perdido o tempo.” O mesmo aconteceria ao colega de Lisboa, António Gaspar, refere Silva Sardinha reforçando que “a não admissão no concurso, não deve causar admiração a quem conhece a diferença que existe entre o estylo de um paiz e o de outro, onde as artes estão aperfeiçoadas pelo progresso.”

No entanto, e no que se refere à parte “scientífica exigida é variada, mas muito mais elementar que a pedida nos nossos regulamentos académicos”³²², o que vem ao encontro do que já anteriormente tínhamos visto em relação ao ensino da arquitectura em Paris em que a maior parte do ensino teórico na *ENSBAP* era facultativo, focando os alunos o seu estudo, nas partes que se direccionava para uma componente mais prática. Termina justificando o estilo empregue no seu projecto:

”Os estylos da architectura empregada não são dos seguidos communmente, mas fundada em auctoridades bem conhecidas em França e Portugal segui-os. Uma destas autoridades é Mr. Magne³²³, sócio da Academia de Lisboa, o qual diz a propósito da architectura religiosa: porque se imporá um typo de preferêcia a outro? A arte pode revestir todas as formas do assumpto tratado, como reveste aquellas a que dão origem os grandes acontecimentos políticos e religiosos”³²⁴.

Deste comentário, e de algum ecletismo que parece emanar, veremos vários exemplos nos templos construídos um pouco por toda a cidade de Paris ao longo do século XIX, e dalguma forma irão estar presentes no universo construtivo do jovem Silva Sardinha em Paris, e depois no Porto.

³²² AFBAUP 9, CPEA 3, fl. 5.

³²³ Pensamos tratar-se de Auguste- Joseph Magne (1816-1885), aluno de Debret, inspector geral dos *Services d’architecture de Paris* em 1871, com T. Ballu e G. Davioud. Em Paris deixou vários mercados cobertos, a igreja de Saint Bernard (1858-1862) e a capela de St Denis.

³²⁴ AFBAUP 9, CPEA 3, (Novembro de 1868).

Na última carta de 1868, de 15 de Dezembro, os pensionistas confirmam apenas o envio “pela companhia de vapores, para partir pelo primeiro paquete a sahir os trabalhos”, que deverão ser levantados no Porto, na” Caza Magalhães e C^a da rua da Fábrica dos Tabacos”³²⁵.

Um ano passado, em carta de 9 de Setembro de 1869, anuncia o envio de dois trabalhos seus, e de dois de Soares dos Reis³²⁶, sendo que os seus, um de um museu num parque, o identificámos com o nº4 dos arquivos da FAUP (ver p. 102); o outro, um teatro terá desaparecido, apesar de em dois inventários distintos feitos pela Escola de Belas Artes do Porto, um fechado a 31 de Dezembro de 1931³²⁷ e o outro a 29 de Janeiro de 1942³²⁸, vir referenciado a existência dum desenho de Silva Sardinha intitulado de *Fachada de Teatro Lírico*!.

Quinze dias passados, exactamente a 24 de Setembro, envia outra carta³²⁹, agora com carácter de relatório em que transcreve os programas pedidos pelo professor de teoria de arquitectura da ENSBAP, o mestre Jean-Baptiste Lesueur³³⁰, e que, como alerta”Os dous projectos que remetto são os estudos dos assumptos propostos nos programas que adeante junto”, e que são: o primeiro- *Concours d’emulation du 3 Avril 1869. 2e Classe. Rendu (...) Un petit Musée*³³¹; o segundo – *Concours d’emulation du 5 mai 1869. Rendu*

³²⁵ AFBAUP 9, CPEA 14 (Paris 15 de Dezembro de 1868. Rua Cassette 22).

³²⁶ AFBAUP 9, CPEA 5, (Paris, 9 de Setembro de 1869):”O Soares envia o tirador de espinhas cópia do antigo, um estudo do natural e um esboço de composição; eu remeto dois projectos, um teatro e um museu.”

³²⁷ O Inventário de 1931, batido à máquina em folhas brancas, feito na então *Escola de Belas Artes do Porto* e assinado pelo secretário Damião Domingos Pereira da Silva e pelo director José Marques da Silva, trás nas fl. 16 e 17, referentes à *Aula de Architectura*, a menção a 17 Desenhos de Silva Sardinha por entre outros de colegas seus sem qualquer ordem aparente, referindo somente o tipo de desenho (alçado, corte, etc.), logo o nome do architecto, seguido pelas medidas do trabalho. E é tudo! .

³²⁸ No inventário de 1942 já existe um formulário, cujo cabeçalho especifica: *Cadastro dos Bens do Domínio Privado, Material de Ensino, Ministério da Educação Nacional, (...) Escola de Belas Artes do Porto*. Cada folha tem um nº de ordem, um nº de inventário, uma descrição, e um valor unitário. Por acaso o primeiro dos 17 Desenhos referentes a Silva Sardinha, como nº de ordem 733, e o de inventário 837, é precisamente a *Fachada do Teatro Lírico*, com o valor de 70\$00, o de valor mais elevado, juntamente com outros três (*Projecto de Archeologia, Corte e Pormenor*, nº de inventário 845, 846 e 847), aparentemente também desaparecidos e exactamente com o mesmo valor atribuído de 70\$00 cada !. Além destes quatro desenhos que não encontramos no AFAUP, faltam também os desenhos com os números 841 (*Pormenores*), 843 e 844 (*Planta e Corte*, respectivamente), e 853 (*Círculo Operário*), isto seguindo nós o Inventário de 1940.

³²⁹ AFBAUP 9, CPEA 6 (Paris, 24 de Setembro de 1869).

³³⁰ Jean - Baptiste - Cicéron Lesueur (1794-1883) foi o professor de Teoria da arquitectura na ENSBAP entre 1853 e 1883. Foi aluno de Percier, GPR em 1819, membro do *Institut*, e architecto da *Ville de Paris*. A ele competia elaborar os programas dos *concours* mensais, trimestrais ou semestrais, dos quais os alunos de arquitectura tinham que escolher pelo menos dois, cada ano, para concorrerem e passarem de ano. Lesueur foi bastante criticado por não inovar nos seus programas que se repetiam ciclicamente cada dez anos, o que aconteceu pelo menos até à vinda de J. Gaudet para o seu lugar, em 1898.

JACQUES, Annie, *Les Beaux-Arts, de l’Academie aux Quat’z’arts*. Paris: edition ENSBAP. 2001, p.68.

³³¹ *Le professeur charge des concours d’Architecture propose pour sujet: Un petit Musée.*

(...) *Un theatre pour une ville de seconde ordre*³³², precisamente os dois programas dos desenhos que enviara para a APBA no correio anterior. No entanto refere que

“Não podendo, neste anno entrar na Escola Imperial, por causa do adiantado curso de desenho exigido para admissão e em pouco transpondo o limite de idade requerida, segui livremente os cursos theoricos leccionados na secção de Architectura e estudei ao mesmo tempo sob a direcção de Mr Questel, os projectos dados aos alunos ordinários da Escola”.

Continuará assim os seus estudos, e só mandará nova carta a 15 de Janeiro de 1870, em que laconicamente refere que “os estudos seguem o curso normal, sucedendo-se, em architectura propriamente dita, um projecto a outro”³³³. No entanto, vale a pena realçar a sensibilidade do jovem estudante que se mostra atento às alterações que a todo o momento são anunciadas não só dentro, onde por exemplo,

“Esta semana dizia-se, na Escola, que ia-mos ter um curso especial de esthetica d’arte, destinado aos architectos; a utilidade d’elle é reconhecida, mas a Escola tem-se passado d’elle, e creio ainda o não abrirá em razão do governo querer fazer economias, chegando até a crer-se que a Escola voltará ao antigo systema, como muito menos dispendioso”;

Ce musée, qu’on suppose etre celui d’un riche amateur, sera situé dans le parquet d’une grande propriété, et formerait un des principaux points de vue du chateau. Il se composerait d’une sale principale où serait exposées 15 figures antiques et 15 tableaux de grands maitres, d’une petit sale pour une collection de vases étrusques, d’un cabinet des médailles, d’une petite bibliotheque et d’un vestibule ouvert. Les trois principales figures, que serait Apollon, Diane et Venus deveront avoir tableaux principales par leur merite artistique et leur dimension, laquelle n’excedera pas 3 trois mètres sur les plus grand côte. On s’appliquera à disposer les jours de maniere á bien eclairer les objects exposés. Entouré de tous les agreements d’un riche parterre et d’une vegetation abondante, ce petit sanctuaire des arts serait accompagne de treilles de jets d’eaux, de statues, de vases etc. La plus grande dimension n’aura pas plus de 50 metres non compris les accessoires. On fera pour les esquisses le plan sur une echelle de 0,0025 pour metre, l’elevation et la coupe au double. Pour les dessins rendus l’echelle du plan sera de 0,005 pour metre, l’elevation et la coupe au double. La construction sera indiquée dans la coupe. Paris, le 3 Avril 1869, signé Le Sueur. In AFBAUP 9, CPEA 6.

³³² (...) *Ce theatre, isole et situe sur une promenade publique, sera composé d’un vestibule d’entrée avec des bureaux de recette et controle, d’un portique dans son portion, et de petites boutiques de peu de profondeur, convenables seulement a la vente de petit objects, tel que livres estampes e bijoux. (...).*

L’ouverture de l’avant scene sera de dix au moins e de onze mètres au plus. Les batiments n’excederont pas trente mètres de largeur sur cinquante de profondeur. On fera pour les equisses le plan du rez-de-chaussée et moitié du plan du première étage, l’elevation et la coupe sur une echelle de 0,0025 pour metre. Pour les dessins rendu, l’echelle des deux plans entiers sera de 0,006 pour metre, l’elevation et la coupe au double. La construction, l’aquelle doit être inconbustible, sera indique dans la coupe plus.

Paris le 5 Mai 1869, Signé Le Sueur. In AFBAUP 9, CPEA 6.

³³³ AFBAUP 9, CPEA 7 (15 de Janeiro de 1870).

mas também fora da escola, na cidade e mesmo pelo país fora, que está a passar momentos bastante conturbados que irão culminar, a breve trecho, na guerra franco-prussiana, e que tanto irá perturbar os pensionistas que irão ser obrigados a interromper os seus estudos e a recolher ao seu país de origem.

Efectivamente, com o despoletar da guerra, os pensionistas do Porto e de Lisboa, recolhem a Portugal, para junto dos seus³³⁴, em meados de Setembro de 1870.

Logo em Outubro seguinte, no Porto, Silva Sardinha e Soares dos Reis assinam uma carta juntos, endereçada, como sempre, a Thadeu Maria d'Almeida Furtado, Professor e Secretário da Academia, em que solicitam igual sorte que os pensionistas de Lisboa (J.A. Gaspar e Simões de Almeida), que haviam sido de imediato reconduzidos à cidade eterna, para prosseguirem o seu pensionato³³⁵. No entanto, a Silva Sardinha esperava-o outra sorte, pois o Professor de arquitectura da APBA, Almeida Ribeiro adoeceu em Outubro desse ano, e a Academia, à falta de outra alternativa solicita ao jovem pensionista que interrompa o pensionato em Paris³³⁶, e uma vez que já estava no Porto..., assumiu o cargo que ele fará até Dezembro de 1871, altura em que se começa a movimentar para regressar a Paris e retomar o seu pensionato. Soares dos Reis partiria logo para Itália, em Novembro de 1870, uma vez que não havia qualquer impedimento aparente, ao contrário, uma grande obra o esperava, o Desterrado, de que ele brevemente daria notícias.

E é assim que, a 9 de Dezembro de 1871, Silva Sardinha achando oportuno fazê-lo, envia à APBA uma carta³³⁷ dividida em duas, sendo a primeira parte um alerta quanto à urgência da sua partida para Paris

³³⁴ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, fl.159 (...) e um ofício dos dois pensionistas que, achando-se presentemente nesta cidade em consequência da guerra franco-prussiana pedem que esta academia interceda perante o Ministério respectivo para que lhes seja concedido irem para Itália continuar os seus respectivos estudos com os subsídios com que estavam em Paris, do mesmo modo que foi concedido aos pensionistas da Academia Real de Belas Artes de Lisboa.

³³⁵ AFBAUP 9, CPEA 8 (Porto, 26 de Outubro de 1870).

³³⁶ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, fl. 159: (...) se oficiasse ao pensionista d'arquitectura para interinamente tomar conta da dita cadeira (...).

AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*:

Nº22 Pensionistas regressam a Portugal por causa da Guerra.

(...) No pensionista José Geraldo da Silva Sardinha dão-se quasi as mesmas circunstâncias; mas a doença grave que agora acometeu o professor d'architectura d'esta Academia, obrigou o conselho académico a encarregar o dito pensionista da regência da dita cadeira, ao que elle se prestou de bom grado, mas que não deve ser motivo para que fique prejudicado n'um estudo em que sempre se distinguiu, nem perca o direito de ser de novo mandado a Paris completar o ano que lhe falta logo que as circunstâncias o permitam. 7 de Novembro de 1870. Fl.88.

³³⁷ AFBAUP 9, CPEA 9 (Porto, 9 de Dezembro de 1871), fl. 10 a 12.

“É opportuno porque nos primeiros dias de Janeiro começará o novo anno lectivo e, com elle, o estudo d’um projecto de, talvez, dous mezes e os cursos scientificos d’ Architectura do primeiro semestre, que não sendo regularmente frequentados poderão retardar um anno de trabalho em consequência da incompatibilidade com os cursos do segundo semestre, porque completando-se o corrente anno lectivo sem nenhum trabalho meu, serei riscado dos livros de matrícula (...)”.

A segunda parte da sua carta é um relatório tardio, diga-se, e ele reconhece-o“(...) Agora cabia o relatar a V.S^a. a ordem dos estudos e frequência do período escolar de 1870 porem mal o poderei fazer, tanto pela distancia do tempo como pelos acontecimentos que houveram a datar de Julho de então”³³⁸. No entanto há regras a cumprir, nomeadamente o “ disposto no artigo 5º das instrucções dadas aos pensionistas das Academias de Bellas Artes”, no seguimento do qual, e juntamente com este relatório, entrega dois trabalhos: um, o programa dum mercado, que poderá corresponder aos desenhos n^o5 (corte) e n^o6 (vista lateral) do AFAUP (ver pp. 119 e 130, respectivamente), dois desenhos de um mercado não datados, ou ainda ao desenho n^o7 (ver p. 131), intitulado *Projecto d’um Mercado e Praça pública*, denominação dada pelo próprio autor e por ele datado do ano de 1871, precisamente o ano em que nos encontramos; o outro

“programa seguido foi dado pela Escola Imperial da França, e contem uma exigência pouco em harmonia com os costumes do nosso paiz. Um commissariado de polícia com uma torre d’observações e signaes; porém o programa foi estudado de forma que esta parte do edificio concordando com o todo pode suprimir-se sem o mais leve prejuízo do resto”³³⁹.

No final desta carta faz então um apanhado muito rápido do ano anterior, de 1870 “até que em Abril entrei para a Escola Imperial de Bellas Artes como alumno ordinário”, começando então o tão ansiado estudo “de mathematicas e construcção a que os

³³⁸ AFBAUP 9, CPEA 9, fl. 11.

³³⁹ AFBAUP 9, CPEA 9, fl. 12.

alumnos são obrigados, tendo todavia apresentado à Escola o projecto concernente ao mez de Julho, para não descurar este estudo, o mais importante do Architecto³⁴⁰.

A 20 de Março de 1872, Silva Sardinha partirá de novo para Paris, desta vez sozinho, *por um ano para ultimar os estudos que lhe faltam*³⁴¹, conforme à Portaria de 8 de Fevereiro último, não esquecendo o Vice Inspector da APBA de logo no mês seguinte solicitar ao Governo o respectivo subsídio³⁴², sem o qual difficilmente os pensionistas se aguentariam em Paris, e que tardava sempre a chegar, apesar dos esforços de todos, *inclusivé pelo secretário da Academia desde 16 de Dezembro último havia sido remetido ao EX mo. Ministro do Reino um officio pedindo para o dito pensionista Sardinha a pensão requerida mas que até hoje ainda não tinha havido resposta.*

Com a situação aparentemente regularizada em Abril seguinte³⁴³, e uma vez em Paris, Silva Sardinha entrega-se aos estudos, e a sua próxima carta para o Porto só viria em 11 de Setembro desse ano de 1872³⁴⁴, uma carta de agradecimento na sequência de correspondência que terá recebido no passado dia 3, da Academia, felicitando-o pelo seu resultado no Concurso Magno Trienal d'arquitectura da APBA, concurso a que concorreu, *apresentando um magnífico trabalho do projecto duma igreja para substituir a actual do Senhor do Bonfim desta cidade, que uma comissão trata de edificar. Este projecto foi julgado digno do 1º prémio na conferência de 31 de Agosto*³⁴⁵, aprovado unanimemente pelo júri da APBA³⁴⁶. O projecto, que além do bellissimo desenho da fachada principal (ver desenho n.º8 do AFAUP na p. 132) constava *da planta, do alçado, d'um corte transversal, e d'um corte longitudinal*³⁴⁷, estava já nos planos do jovem pensionista pois antes de partir para Paris já o havia referido ao

³⁴⁰ AFBAUP 9, CPEA 9, fl.12.

³⁴¹ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, p.111 (n.º6), de 7 de Março de 1872.

³⁴² AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, p.111: n.º7. *Ao Ministro do Reino(...) que o pensionista d'arquitectura José Geraldo da Silva Sardinha partiu para Paris no dia vinte de Março deste mês, e assim rogo a V.EXsa. que se digne providenciar sobre a continuação do respectivo subsídio ao mencionado pensionista n'aquela capital. Conde Samodães.* 23 de Março de 1872.

³⁴³ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, p. 171 (3 de Abril de 1872): (...) *outro da Repartição de Contabilidade do Ministério do Reino participando que no 1º de Abril se remeterá ao encarregado da Agência Financial de Londres a ordem de pagamento n.º804 de R.º190\$00 importância do subsídio dos meses de Abril a Junho de 1872 concedida ao pensionista José Geraldo da Silva Sardinha.*

³⁴⁴ AFBAUP 9, CPEA 10 (Paris 11 de Setembro de 1872).

³⁴⁵ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, p.125 (n.º15), de 9 de Setembro de 1872.

³⁴⁶ (...) *pois eram sete esferas brancas as que se achavam dentro da urna. Conde Samodães, Manuel da Fonseca Pinto, João António Correia, Guilherme António Correia, Manuel d'Almeida Ribeiro, Thaddeo Furtado e Francisco José Resende.*

AFBAUP 114, *Conferências Gerais da Academia*, fl.53v (de 31 de Agosto de 1872).

³⁴⁷ AFBAUP 114, *Conferências Gerais da Academia*, fl 53v. (de 31 de Agosto de 1872).

Secretário da APBA, o professor Thaddeo Furtado³⁴⁸. Os desenhos teriam vindo para o Porto no dia 23 d'este mês, trazidos por António Soares dos Reis, o seu antigo colega que, uma vez terminado o pensionato em Roma passara por Paris, a caminho de Portugal³⁴⁹. Como já referimos no primeiro capítulo deste trabalho, a igreja do Bonfim e a sua autoria tem sido alvo de acaloradas disputas e interrogações. Trazemos aqui apenas mais alguma informação, pelo menos referente a alguém que, se não realizou o projecto final, pelo menos terá contribuído para o seu estudo e para o seu embelezamento com os desenhos que lhe dedicou.

Passados dois meses, a 4 de Novembro de 1872³⁵⁰, nova carta pedindo autorização para se manter no *Atelier* de Questel, pois este iria ser substituído por Jean Louis Pascal, e Silva Sardinha não via nenhum inconveniente em ficar, ao contrário, as informações que havia sobre o novo *Patron* Pascal eram as melhores, e por vezes ter que mudar de *Atelier* a meio do curso só iria implicar perda de tempo, porque, entre outras coisas, à sempre um período de adaptação a ter em conta. Na parte final da carta faz um muito sumariado ponto da situação e lembra que

“n'esta ocasião estou preparando-me para ser admittido ao exame de mathematicas especiaes e de mecânica na Escola e buscando adiantar o curso regular e epocha dos exames geraes que só terão logar no mez d'Abril ou de Maio futuro, porque eu desejava ardentemente entrar no concurso de construccão geral da Escola.”

A carta nº12³⁵¹ (v, pp. 164 a 169) corresponde ao seu *Relatório do projecto d'uma Igreja Parochial, destinada a uma freguezia central da Cidade do Porto*, para o *Concurso Trienal da Academia Portuense de Belas Artes. Edital de 17 de Fevereiro de 1872*. Ao longo de seis páginas Silva Sardinha percorre primeiro os sinuosos caminhos da arte, explica a razão por que optou por um projecto mais simples: “Os materiais pouco variados de que pode dispor um constructor portuense conduzem a um estylo

³⁴⁸ (...) O Secretário declarou que este mesmo pensionista, Silva Sardinha, lhe dera o nome, antes de partir, para o concurso magno trienal d'architecture que há-de ter lugar este ano.

AFBAUP 105 A, Conferências Ordinárias, fl.171 (3/IV/1872).

³⁴⁹ (...) que ultimamente recebera outra carta do pensionista de architecture em Paris, José Geraldo da Silva Sardinha dando-lhe parte que no dia 23 d'este mês havia partido para esta cidade do Porto o pensionista António Soares dos Reis que era o portador dos trabalhos do concurso magno trienal d'architecture para o qual em tempo competente elle havia dado o nome.

AFBAUP 105 A, Conferências Ordinárias, fl.175 (31/VIII/1872).

³⁵⁰ AFBAUP 9, CPEA 11 (Paris, 04/XI/1872).

³⁵¹ AFBAUP 9, CPEA 12 (Paris, 1872).

simples e não muito pesado, o ecletismo dominante da epocha, parece, preenche as necessidades do problema,” ousando ir um pouco mais longe, e reforçar a sua ideia:

“Actualmente quer os partidários do estylo clássico quer os do gothico, ou de qualquer outro desterraram o absolutismo e são acordes na utilidade de socorro mutuo, segundo o principio da liberdade da arte e sem prejuizo da philosophia e da esthetica; de contrario cair-se-há no sonho chimerico do racionalismo que pretende fazer da architectura uma industria, ideia infelilmente arreigada no solo portuguez.”; e depois faz uma exaustiva nomeação das diversas partes que compõem a igreja, enunciando as suas diversas funções e a sua localização; e por fim os materiais de que será feito este templo para a cidade do Porto, incluindo aqui uma referência discriminada dos montantes dispendidos, ainda que “o resumo do orçamento não poderá ser rigoroso, já pela incerteza do logar, já porque não se tendo estudado os minuciosos detalhes difficil será o calculo”³⁵².

Parece-nos um trabalho de bastante maturidade, nomeadamente na parte explicativa da distribuição e aplicação dos materiais, e que demonstra haver já alguma experiência prática por parte do aluno que lhe advirá certamente de alguma experiência profissional, nomeadamente no convívio com seu pai, o mestre de obras Francisco Geraldo da Silva Sardinha.

Para o pensionista Silva Sardinha estava claro que “ só no próximo d’agosto se fecha o anno lectivo da Escola Especial de Bellas Artes e se concluem os cursos annuaes sobretudo o de construção com que devo terminar os meus estudos”, alertando ele a *APBA*, na carta seguinte, de 25 de Janeiro de 1873³⁵³, para o facto do seu subsídio expirar em Fevereiro próximo, não podendo ele, a nível pessoal garantir a sua estadia até ao próximo verão. Entende que a *APBA* deve conseguir do governo o seu prolongamento baseando-se “no art.8 das instrucções que me foram dadas no acto da saída, o qual concede a Illustrissima Academia a faculdade de prolongar até quatro annos a duração do pensionista”. Em jeito de reforço a esta solicitação junta” à presente a certidão dos meus trabalhos na Escola, nos dez mezes decorridos depois do meu

³⁵² AFBAUP 9, CPEA 12, fl.18.

³⁵³ AFBAUP 9, CPEA 13, fl.19.

regresso depois da guerra”³⁵⁴, bem como uma carta do próprio Director da ENSBAP, Mr. Guillaume³⁵⁵, alertando a Academia Portuense para a necessidade de Mr. Sardinha receber o subsídio e continuar os estudos até Agosto seguinte, o que nos leva a fazer crer que a sua presença em Paris, se não era excepcionalmente brilhante, era pelo menos notada e bem acompanhada. E como o Director Guillaume na sua carta, também Silva Sardinha alude à sua preocupação quanto à conclusão dos estudos de construção, “cuja importância capital o Ilustre conselho Académico não ignora que actualmente é professado, pela sua reconhecida actualidade d’uma maneira extensa e desenvolvida”³⁵⁶.

³⁵⁴ As cartas que Sardinha refere, que se encontram anexas à carta nº 13, (pp 20 a 23) são dos professores Questel e Pascal, e são já de Agosto de 1873, sendo lidos em reunião da Academia de 5/Nov/1873, e não de Fevereiro anterior, e são relativas ao fim do curso portanto, bem como a tabela das menções por ele obtido. Não se percebe como é que ele diz que as manda anexas à carta! Em Fevereiro ainda não tinha terminado o curso!.

Aliás só em Novembro seguinte é que o Secretário da APBA (...) *leo uma certidão autentica passada por Mr Guillaume, Director da Escola Nacional e Especial de Belas Artes de Paris em 18 de Agosto de 1873 da qual consta que J.G.S.Sardinha, discípulo de Mr. Questel, architecto, fora admitido na dita escola em 23 de Abril de 1870, e obtivera as seguintes recompensas a saber: (...).*

In AFBAUP 114, Conferências Gerais, 5/Nov/1873, fls.60 e 61.

No entanto os seus resultados na ENSBAP até Fevereiro, e aqui sim parece-nos que as datas estão correctas, são também referidos pelo Conde Samodães ao *Ministro do Reino*, o qual, ainda por causa do subsídio que tardava a chegar, alerta para o facto de que *o dito pensionista foi para Paris quatro ou cinco meses depois do principio do ano lectivo, e ainda assim aproveitou o tempo o mais possível, pois que obteve duas 2eme Mention em composições d’architecture em Julho de 1872; uma menção em estereotomia em Agosto; uma menção em Matemática em Novembro, e uma menção em geometria descritiva em Dezembro.*”

AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.125 (Relatório nº2, de 10 de Fevereiro de 1873).

³⁵⁵ AFABAUP 9, Processo do Aluno: *Paris, le 24 Janvier 1873 (...)* *Mr.Sardinha après avoir passe par toutes les epreuves préparatoires de la Construction étudie en ce moment cette partie si importante de l’art architectural. Il n’aura termine ses etudes qu’au mois d’Août.Mr.Sardinha me dit que sa pension est terminée dans peu de temps. Je regretterais que ce jeune homme qui a donné des preuves de travail, d’assidue et de talent soit forcé d’interrompre des études qui sont si necessaires á la profession(...).*

Eug.Guillaume, Le Directeur de ENSBAP, Membre de l’Institut.

³⁵⁶ AFBAUP 9, CPEA 13, fl.20.

4.Porto.O Regresso definitivo.

Uma vez conseguido o subsídio Silva Sardinha termina como tinha previsto, os seus estudos na capital francesa em Agosto de 1873, chegando ao Porto nos primeiros dias de Setembro, conforme é referido em relatório da academia para o Ministro do Reino (de 3 de Setembro de 1873), onde, entre outros assuntos, são apresentados os donativos que chegaram à instituição, entre os quais um projecto *d´um mercado público posto a limpo no concurso d´emulação de 5 de Março de 1873 na secção d´arquitectura da Escola nacional especial de Belas Artes de Paris, desempenhado e oferecido pelo pensionista que acaba de regressar José Geraldo da Silva Sardinha*³⁵⁷. Este mercado poderá corresponder aos desenhos nº5 e nº6 do AFAUP (ver pp 129 e 130, respectivamente), que ali estão sem data, sendo um, o nº5- *um mercado: corte - alçado*; e o outro, o nº6- *um mercado: vista lateral*, podendo nós datá-los com segurança de 1873. Na sequência da oferta deste trabalho à APBA e

*tendo em vista os bons resultados obtidos pelo oferente durante os quatro anos que esteve em Paris, e como testemunho do muito que esta Academia aprecia o aturado estudo, irrepreensível procedimento e inteligência do mesmo, fosse nomeado académico de mérito (...)*³⁵⁸, sendo um dos artistas nacionaes ou estrangeiros que, mostrando desejo de se aggregarem a ella, lhe offerecessem alguma obra da sua invenção, a qual seria considerada como quadro ou peça de recepção e, como tal, propriedade da Academia³⁵⁹,

o primeiro architecto da lista de académicos de mérito da APBA³⁶⁰.

Os bons resultados finais de Silva Sardinha, anteriormente referidos, são enumerados numa carta dirigida à APBA por *Mr. Eugène Guillaume, Directeur de l´Ecole nationale*

³⁵⁷ AFBAUP 127, *Correspondência para o Governo*, fl.137. (Relatório nº13, de 9 de Setembro de 1873).

³⁵⁸ AFBAUP 114, *Conferências Gerais*, 5 Novembro de 1873. p.62.

³⁵⁹ FURTADO, Thadeu - *Apontamentos para a História da Academia Portuense de Bellas Artes*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1896. p.5.

³⁶⁰ Seguir-se-iam o seu colega lisboeta, o architecto e professor José António Gaspar em 1878; o seu colega Thomás Agusto Solter, em 1879; e os seus alunos Joel da Silva Pereira e Miguel Ventura Terra, em 1890 e 1896, respectivamente.

*et spéciale des Beaux Arts*³⁶¹, datada de 7 de Agosto de 1873, e por nós referida no parágrafo anterior (ver nota de rodapé 352). Nela são enumeradas as cinco *mentions* referentes ao ano de 1872: a 4 de Julho uma 2ª menção por um projecto d'architecture passado a limpo; em 29 do mesmo mês outra 2ª menção por outro projecto idem; em 5 d'agosto seguinte menção em stereotomia; em 29 de Novembro menção em matemática³⁶², e em 30 de Dezembro menção em Geometria Descritiva. No último ano, de 1873, recebe uma 2ème Mention sur Project rendu d'Architecture, a 8 de Maio; uma Mention en Perspective, passada a 4 de Agosto; e finalmente uma muito desejada 2ème Médaille en Construction Generale, de 5 de Agosto, que terá sido o trabalho que

*elaborou (...) para conclusão do seu curso em Paris (...), deliberando a escola respectiva que ficasse fazendo parte da sua colecção. Por este motivo esta academia ficou privada de possuir este trabalho, mas esta falta é compensada pela satisfação de que o seu aluno obtivera tão vantajosa classificação em escola de tanta importância*³⁶³.

Este trabalho será o trabalho –, *Um musée des armes*, que conforme já indicámos anteriormente³⁶⁴ se encontra arquivado, mas não acessível, na *ENSBAP*.

Dos seus dois mestres d'atelier parisienses também virão cartas de recomendações e elogios que, aliás já foram por nós sublinhadas (ver nota 352), e que não é de mais referir não só pelo peso que comportam, como, obviamente, pelo seu valor documental: a do Professor Charles Questel, datada de 27 de Julho de 1873³⁶⁵ do *Service des Batiments* de Versailles, começa por confirmar que Silva Sardinha entrou no seu atelier em Novembro de 1867 e que lá se manteve até ao momento. E confirma que ele fez vários estudos de architectura que lhe permitiram entrar na *ENSBAP* com sucesso; a

³⁶¹ Jean-Baptiste-Claude-Eugène-Guillaume (1822-1905), aluno de escultura do atelier de James Pradier, entrou para *ENSBAP* em 1841, sendo *GPR* em 1845. Trabalhou essencialmente para o Estado. Foi eleito para o *Institut* em 1862, sendo nomeado no ano seguinte para chefe dum atelier da *ENSBAP*, até à sua nomeação para director da escola em 1866, em substituição do pintor Robert-Fleury, lugar que manteve até 1878. Terminou os dias em Roma como director da Academia de França entre 1890 e 1904.

³⁶² AFBAUP 114, *Conferências Gerais*, 5 Novembro de 1873. p.60.

³⁶³ AFBAUP 128, *Correspondência para o Governo*, p.4, (10/set. / 1874).

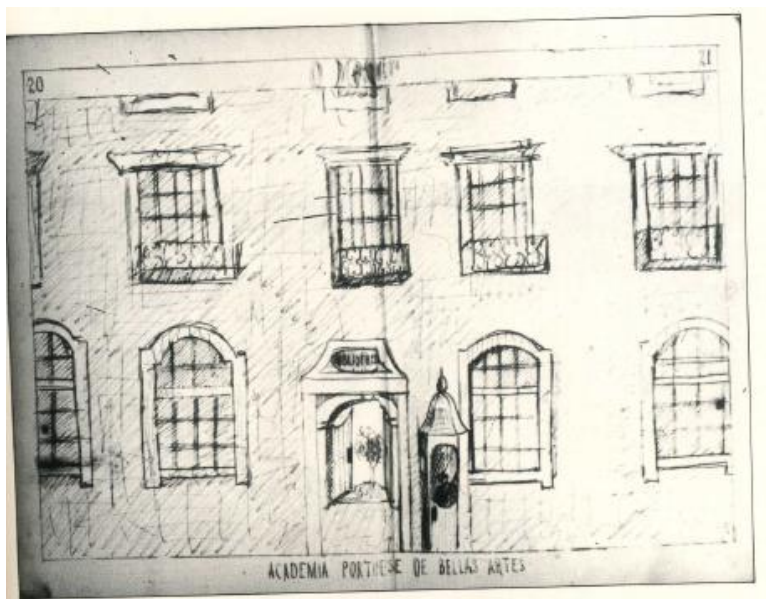
³⁶⁴ Ver nota 312 deste trabalho.

³⁶⁵ AFBAUP 9, processo pessoal do aluno, fl .22

outra carta, vem da parte do *maitre Pascal*, com data de 30 de Julho de 1873³⁶⁶, onde diz que desde que substituiu o Mr. Questel no *atelier*, em Outubro de 1872, que acompanha o jovem arquitecto Silva Sardinha, e, sublinha, apesar de lamentar vê-lo partir, está certo do seu garantido sucesso! Estas duas cartas fazem parte do processo do aluno do AFBAUP, juntamente com a do Director Guillaume, da escola parisiense, a que já anteriormente nos referimos (página 69), e que deu entrada na APBA em 4 de Setembro de 1873.

³⁶⁶ AFBAUP 9, Processo pessoal do aluno, fl. 21

4.1. A Academia Portuense de Belas Artes



Academia Portuense de Belas Artes por António Carneiro.

“Revista Mosquito”, 1º ano, nº1, 1888.

No Catálogo de Exposição BPMP. 1984 p. 75

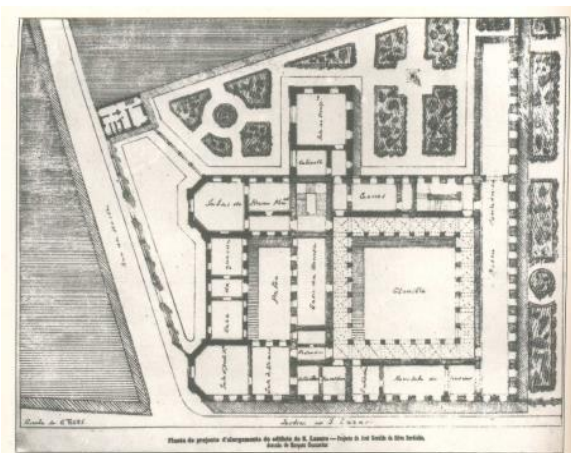
Artigo 1º - *é creada na cidade do Porto uma academia com o titulo de - Academia Portuense de Belas Artes*³⁶⁷, que ficaria instalada no edifício do *Convento Abandonado dos Religiosos Antoninhos* em S. Lázaro, mais precisamente em duas salas do rés-do-chão do edifício, uma casa conventual escolhida para albergar, além da Academia de Belas Artes, o Museu Portuense de Pinturas e Estampas³⁶⁸, que ocupava a sala do refeitório conventual, também no rés-do-chão³⁶⁹, e a Biblioteca Pública Municipal do

³⁶⁷ RIBEIRO, José Silvestre - *História dos Estabelecimentos Científicos Literários e Artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarquia*, Tomo VI. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1876. p.181.

³⁶⁸ *O Museu Portuense foi mandado organizar por Sua Majestade Imperial o Senhor Duque de Bragança, Regente em nome da Rainha a Senhora Donna Maria 2ª, por Portaria de 11 de Abril de 1833; encarregando a dita organização a João Baptista Ribeiro, Lente de Desenho da Real Academia de Marinha e Commercio, como consta do officio do Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, Candido José Xavier (...) e publicado na Chronica Constitucional do Porto de 11 de Abril de 1833.* VITORINO, Pedro - *Os Museus de Arte do Porto*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930, p.55.

³⁶⁹ *O Director interino da Academia Portuense das Bellas Artes, e do Museu de Pinturas e Estampas, faz saber ao respeitável público (por haver conseguido da Illustrissima Camara desta Invicta Cidade as quantias precisas para acabar as obras que faltavam na Galeria, e entrada para o Edifício que a abertura pública deste interessante e recreador Estabelecimento se fará no dia 29 de Junho de 1940 pelas tres horas da tarde.(...)). A entrada para a Galeria é pelo claustro dos extinctos Frades capuchos, e a sahida pela porta aberta para a Rua 29 de Setembro.* Anúncio publicado no nº120 (27/06/1840) do Jornal Portuense *O Atleta*, in VITORINO, Pedro, Op. cit., p.86.

Porto, no 1º andar³⁷⁰, três novas instituições surgidas em período de guerra civil, sob o patrocínio directo da facção liberal vitoriosa de D. Pedro IV e da sua filha D. Maria II. Assim, e no que se refere à Academia de Belas Artes, ficariam instaladas em S. Lázaro apenas a aula de Escultura e a aula de Pintura Histórica (e de Anatomia, Perspectiva e Óptica). As aulas de Arquitectura Civil e de Desenho, por aparente falta de espaço, ficariam na Politécnica por longos anos, até 1875, ano em que seriam finalmente transferidos para S. Lázaro³⁷¹, depois de alguns melhoramentos e adaptações no espaço físico do convento antonino. Até lá muitas obras de adaptação do convento se vão insinuando, umas vezes pela mão camarária, outras pela mão das próprias entidades que ali funcionavam: houve que alargar salas, improvisar espaços, e até destruir, como foi o caso da igreja que ainda estava em demolição em 1871, e que iria permitir o alargamento do edifício para a rua Morgado de Mateus, aliás que fora (...) *doadada também à camara a pedra e parede da egreja do mesmo extincto convento*³⁷², conforme carta de lei de 30 de Julho de 1839, a mesma lei que também vem impor à câmara a obrigação de, no espaço de um ano, pôr lá as três instituições a funcionar, instruções que passado quase vinte anos, em 1857, ainda se mantêm³⁷³, por incumprimento, e que como já referimos vai - se prolongar até 1875.



Silva Sardinha. Desenho nº 45
do catálogo op. cit. p. 50

³⁷⁰ A abertura oficial da Biblioteca ao público realizou-se já no edifício de S. Lázaro em 4 de Abril de 1842, dia do aniversário da Rainha.

³⁷¹ Em portaria de 25 de Outubro de 1837 ordenou o governo, que duas aulas da Academia Portuense das Belas Artes fossem provisoriamente colocadas na Academia Polytechnica, e que no edifício do Museu se estabelecesse outra aula da mesma academia alem daquela que ali já estava acomodada (...) RIBEIRO, J. S., Op. cit., Tomo VI, p. 187.

³⁷² RIBEIRO, J. S., Op. cit., Tomo VI, p. 188.

³⁷³ À câmara municipal do Porto foi ordenado, em portaria de 10 de Julho de 1857, que tratasse de concluir, no edifício do extincto convento de Sto António da mesma cidade, as obras indispensáveis para a conveniente collocação da biblioteca, museu e academia das bellas artes, em cumprimento da condição com que lhe fora concedida pela carta de lei de 30 de Julho de 39 a propriedade do referido edifício. RIBEIRO, J.S., Op. cit., Tomo X (1882), p. 42.

A questão da Academia se manter em S. Lázaro não era pacífica, pois como já vimos a quando da apresentação da Politécnica³⁷⁴, havia a vontade, por parte dos dirigentes da instituição universitária de integrar no edifício da Graça, no agora denominado *Paço dos Estudos do Porto*, a Academia de Belas Artes, a Politécnica, o Instituto Industrial e o Liceu Nacional, todos debaixo do mesmo tecto, opção que não avançaria, como não avançaria outra hipótese que surgira nas Belas Artes, por volta dos anos 40 de oitocentos, de construir de raiz um edifício para a Academia na cerca do convento do Carmo³⁷⁵, terreno onde mais tarde veríamos nascer a Escola Médico - cirúrgica e um quartel para a Guarda Nacional, que ainda hoje ali se mantem.

A um de Fevereiro de 1875,

*é proposta (...) a construção por ordem da câmara municipal das aulas precisas para este estabelecimento poder funcionar reunido no edifício da Biblioteca Pública em S. Lázaro,*³⁷⁶ e é assim que, passados quatro meses, a 31 de Maio de 1875 *passou-se a ler um officio do Presidente da Câmara municipal do Porto declarando estarem Já reconstruídas as salas para as novas aulas em S. Lázaro, e remetendo as respectivas chaves*³⁷⁷.

No entanto, e apesar de finalmente haver vontade política camarária de *pôr em execução as leis de 9 de Julho de 1833, e 30 de Julho de 1939*, acontece que não podiam na Academia estar *plenamente satisfeitos pelas más condições de luz, e principalmente por conservar a latrina dentro da aula d'architectura*³⁷⁸, situação que se vai manter ainda por muito tempo, alastrando-se até a outras salas, pois se a Câmara foi rápida em transferir para S. Lázaro as aulas de Architectura e de Desenho, solucionando assim um problema que parecia nunca mais ter fim³⁷⁹, por outro lado, as obras não foram suficientes, razão porque passado um ano, em Agosto de 1876

³⁷⁴ Ver 2.3. deste trabalho

³⁷⁵ *Decidiu-se que uma Comissão composta do Lente de Architectura, do Substituto do mesmo e do Lente de Escultura solicite da Câmara Municipal a construção do edificio para a Academia na cerca do extinto convento do Carmo, por ser o local mais indicado (...).*

AFBAUP 105, *Conferências Ordinárias*, 127ª Acta, 31/Janeiro/1844, p.86.

³⁷⁶ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, p.195.

³⁷⁷ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, p.197.

³⁷⁸ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, p.197.

³⁷⁹ AFBAUP 128, *Correspondência para o Governo*, Setembro de 1875, p.11: *com a nova acomodação fornecida pela Exma Câmara melhorou, (...), o estado deste estabelecimento. As aulas de que ele se compõe com a secretaria e a biblioteca acham-se estabelecidas em quatro salas novas colocadas no rez do chão no edificio da biblioteca pública no jardim de S.Lázaro. Á parte esta colocação baixa que não é demasiado útil, são boas as duas salas de desenho de d'architectura, e apenas nesta últimas são*

*passou-se a ler um officio dirigido pelo Director interino ao Presidente da Câmara lembrando-lhe que, havendo sido aprovado pela mesma Câmara o orçamento para as despesas das obras a fazer nas aulas de pintura e de modelo vivo, seria mui conveniente que essas obras comesçassem já a ser executadas durante as férias a fim de ver se poderiam ultimar-se antes da abertura das aulas no seguinte ano lectivo para não soffrerem interrupção (...)*³⁸⁰,

o que só virá a acontecer finalmente, no verão seguinte, pois *achando-se concluídas as obras que a Câmara havia autorizado a fazer na aula de modelo vivo, no gabinete do professor de pintura, e na entrada para as aulas ao cimo da escadaria de pedra do edificio da Biblioteca Pública (...)* propunha que se officiasse à mencionada Câmara *agradecendo-lhe (...)*, mantendo-se todavia o problema das *latrinas públicas que se acham contíguas á porta das aulas d'architectura civil*, tendo mudado de sítio, mas pelos vistos ainda demasiado próximo das salas de aula.

Estas obras foram realizadas por José Geraldo da Silva Sardinha, podemos nós agora confirmar, (até ao momento em todas as monografias dedicadas àquele edificio, não encontramos notícia de qualquer referência ao traço de Silva Sardinha!).

No entanto, em reunião da APBA, em Dezembro de 1877, foi recomendado

*que ficasse lançada na acta das sessões de hoje um voto de agradecimento ao nosso académico de mérito da classe d ' architectura civil, José G. S. Sardinha, pelo trabalho do levantamento da planta e alçado das referidas obras, da confecção do respectivo orçamento, e da hábil, activa e gratuita direcção (...)*³⁸¹,

lendo-se na Sessão seguinte, de Janeiro, *um officio do presidente da Câmara em que acusa a recepção do officio que d'esta Academia lhe havia sido dirigido agradecendo as obras feitas para melhor acomodação das aulas (...)*³⁸². Pelo que podemos concluir que a APBA resolveu actuar e fazer por sua conta e risco obras que pareciam realmente

necessárias obras de pequeno custo já prometidas pela Exma Câmara, e que consistem em uma nova entrada para a aula além da que existe. Manuel da Fonseca Pinto Director Interino.

³⁸⁰ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, 31/Ago/1876,p.201.

³⁸¹ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, p.219 (18Dez1877).

³⁸² AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, p. 219(8 Jan 1878).

essenciais, e quem melhor senão um filho da casa, para arrancar com elas. Também o vice Inspector da APBA, Conde de Samodães, no seu relatório anual para o Governo refere que

se concluíram as obras, que se haviam reclamado para alargamento e melhor distribuição da luz na aula de modelo vivo, para a construção de um gabinete com luz apropriada para o professor de pintura, e para a mais ampla entrada das respectivas aulas. Estes melhoramentos materiais (...) sendo previamente delineados pelo nosso académico de mérito J.G. Silva Sardinha, que gratuitamente se prestou a dar o plano das obras e a vigiar a sua execução.

Para isso Silva Sardinha socorreu-se também de seu pai, Francisco G.S. Sardinha – mestre - pedreiro, a quem coube todo o trabalho de pedraria, como por exemplo *demolir as antigas frestas e construir a janela de 4,00m x 4,30m na sala de modelo vivo*, (obra que ainda hoje ali se pode apreciar!), como podemos ler na 1ªfolha da *Conta da Despeza das Obras que se fizeram na sala de pintura, na da aula do nú e gabinete do respectivo professor bem como as suas contas em 1877*³⁸³, existentes no AFBAUP, e pelo nosso arquitecto assinadas.

Mas a exiguidade das salas dedicadas à APBA em S. Lázaro continuava, e as obras pareciam nunca ser suficientes. Poucos anos passados, e na sequência da reforma de 1881 que entre outras coisas, pretendia criar novas cadeiras, uma *para Desenho geométrico e de ornamentação e princípios de geometria descriptiva com aplicação á teoria das sombras, e outra de Desenho, modelação e pintura decorativa*³⁸⁴ havia que criar novos espaços ou novas alternativas, situação ainda por resolver dez anos passados, em 1900³⁸⁵.

No entanto, e eventualmente na sequência destas novas necessidades surgem oportunamente, em 1881, dois bonitos desenhos do professor de Architectura da APBA, Silva Sardinha, referentes a um *projecto d'alargamento do Edifício de S. Lázaro*³⁸⁶,

³⁸³ AFBAUP 90: *Obras que se fizeram na sala de pintura, na da aula do nú e gabinete do respectivo professor, bem como as suas contas. 1877.* (5 folhas).

³⁸⁴ MONIZ, G. do C., Op. cit., p. 99.

³⁸⁵ AFBAUP 132, *Correspondência para o Governo*, fl.5, 19 Setembro 1900.

³⁸⁶ *Com esta proposta, Sardinha procura reorganizar os espaços do convento colocando o Museu da Academia a Norte, a Escola em toda a ala Sul e a biblioteca no centro, ao longo do claustro.*

apresentado em duas partes, na portuense revista *Arte Portuguesa*³⁸⁷, composto dum *desenho de fachada* e duma *planta do convento e do jardim de S. Lázaro*, que aparentemente não passariam do papel. Este segundo desenho - *a planta do convento e do jardim*, será o correspondente ao último dos desenhos - o nº 9 do *AFBAUP*, do conjunto a que temos vindo a referir-nos. O outro desenho não foi localizado até ao momento.

Não passariam do papel, momentaneamente, pois a planta riscada por Silva Sardinha, colocando o “*museu da Academia a Norte, a Escola em toda a ala Sul e a biblioteca no centro ao longo do claustro*”³⁸⁸, vai acabando por desenhar-se, e estamos em crer que a aula de escultura por exemplo, tão ansiada e reclamada por Soares dos Reis, agora professor da disciplina³⁸⁹ (1883), acabaria por ser feita nessa ala sul, onde aliás ainda hoje se podem ver vestígios. Pensamos que será feita precisamente pelo colega Silva Sardinha, pois conforme se lê em acta da *APBA* desse ano:

*o professor d’escultura que pelo presidente da câmara havia sido convidado para comparecer, e entender-se com o engenheiro da mesma câmara sobre o projecto d’uma aula de escultura: que dias depois havia com efeito tido lugar essa conferência, que deo em resultado o seguinte: no local segundo o projecto ultimamente elaborado pelo professor d’architectura construir-se uma sala com quatro grandes janelas, e uma lanterneta no tecto para dar luz de cima: as janelas deviam ser abertas de modo que pudessem também servir para dar luz a quatro gabinetes que se fizessem com biombos quando isso fosse preciso por ocasião dos concursos: que a obra fora orçada em três contos de reis em dois anos*³⁹⁰.

E assim se iam fazendo obras, buscando a melhoria de condições para uma Academia que muito lentamente parecia querer crescer, que acabaria por insistir na inevitável

MONIZ, Gonçalo do Canto - *O Ensino Moderno da Architectura*. Coimbra, Dissertação de Doutoramento em Architectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011. p.99.

³⁸⁷ In *Arte Portuguesa* nº3 e 4, 1882.Porto: Revista do *CAP*, p.

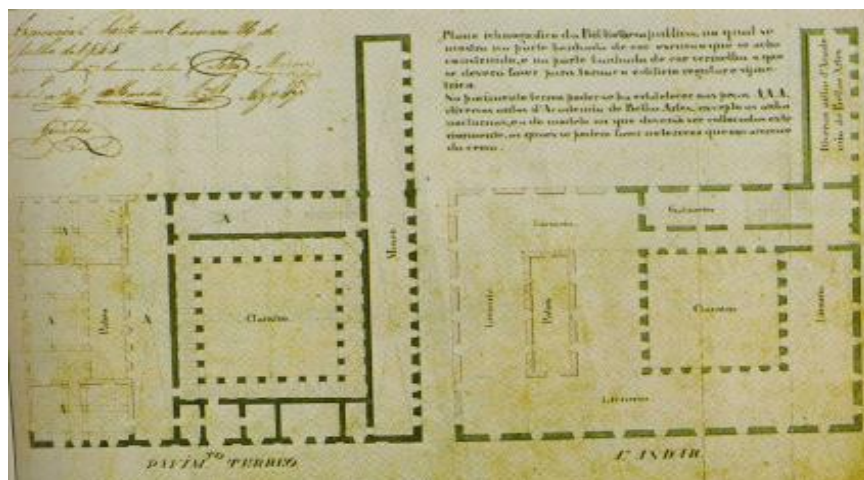
³⁸⁸ MONIZ, G. C., Op. cit., p.99.

³⁸⁹ (...) António Soares dos Reis que havia sido despachado professor proprietário por decreto de 27 de Setembro último, e do qual havia tomado posse no dia quatro de Outubro passado.

AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, fl.268, (4Nov 1881).

³⁹⁰ *AFBAUP* 106, *Conferências Ordinárias*, fl 4v., (7Dez 1883).

procura de novas instalações³⁹¹, busca que se iria dramatizar no século XX, até à sua transferência, ainda assim não definitiva, para o palacete Braguinha, na vizinha Avenida Rodrigues de Freitas, a partir de 1937.



Nogueira Junior. Desenho nº 43 do catálogo op.cit.. p. 49



BPMP por Aurélio Paz dos Reis, 1903
catálogo a BPMP op. cit. p. 45

³⁹¹ Em Março de 1885, o Sr Inspector acabava de ser procurado pelo Sr. Dr. Wenceslau de S. Pereira Lima, lente da 6ª cadeira da Polythrcnica, Governador Civil de Vila Real e Deputado, para saber se esta academia teria alguma dúvida em ser removida para o edifício da Polythecnica, recebendo ali tudo o que fosse preciso para as aulas que presentemente tem, e as que exigir nas reformas propostas, secretaria e livraria, museu (...), gabinete de professores, ocupando tudo um espaço umas poucas de vezes maior do que o que presentemente tem em S. Lázaro. (...) O secretário disse logo que seria isso uma tortura, porque estava constantemente a batalhar com o maior inimigo, a humidade (...) O professor de arquitectura disse que isso(luz) se podia conseguir por haver um pateo no interior, mas que em todo o caso era indispensável que a Academia fosse ouvida(...).
AFBAUP 106, Conferências Ordinárias, fl.27,11 Março de 1885.

4.2. O concurso para professor proprietário.

O Professor de Architectura civil da APBA, Manuel de Almeida Ribeiro, que fora o de Silva Sardinha, morrera com quarenta e cinco anos,

*na noite de um para dois de Abril.(...) O Conselho Académico nomeou para a regência interina ao distinto académico de mérito, antigo discípulo e pensionário de Estado em Paris da classe d'architecture civil, J.G.S. Sardinha, no qual se dão todas as circunstâncias que se requerem para bem desempenhar aquele lugar*³⁹². Silva Sardinha seria assim convocado para substituir o seu professor *e tomar conta da regência da referida cadeira interinamente começando no dia oito do presente às seis horas da tarde,*³⁹³

convite que seria aprovado também pelo Exmo *Ministro do Reino* conforme o ofício do Director Geral da Instrução Pública, de 3 de Maio seguinte³⁹⁴.

Entretanto era necessário abrir concurso para arranjar um professor proprietário da cadeira de architectura civil, e o prazo para esse concurso terminaria a onze de Novembro, pois nessa data chegavam ao fim os *sessenta dias durante o qual deviam requerer aquelles que quisessem concorrer ao lugar (...), em conformidade com o programa publicado no Diário do Governo nº 205 de 12 de Setembro do presente ano.*

Só concorreram dois candidatos: Silva Sardinha e um seu velho colega dos tempos de estudante da APBA, Theodoro Pinto dos Santos Fonseca³⁹⁵. Ambos apresentariam os seguintes documentos: *attestados de bom procedimento moral, civil e religioso passados pelo pároco, câmara municipal e administrador do bairro oriental: atestado de que não padece molestia contagiosa; competentes certidões de registo criminal,* distinguindo-se no entanto, o curriculum de S. Sardinha por apresentar: *documento dando o motivo porque lhe não incumbia a obrigação do serviço militar; certidão d'aprovação nos primeiros quatro anos do curso d'architecture civil; de ser o único aprovado no concurso ao lugar d'aluno pensionário do Estado no estrangeiro (...); que no Concurso Trienal d'architecture no ano de 1872 obteve o 1º prémio, e que em*

³⁹² AFBAUP 128, *Correspondência para o Governo*, fl.52, (5Abril1878).

³⁹³ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, fl.222v (5 Abril 1878).

³⁹⁴ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, fl.222v (3 Maio 1878).

³⁹⁵ Theodoro Fonseca acompanhou S. Sardinha nos quatro anos da Academia(1863-67), tendo sido os dois sempre *dignos d'elogio*.

Conferencia geral de 5 de Novembro de 1873 foi nomeado académico de mérito desta academia à vista de projectos executados e distinções obtidas na escola nacional e especial de Belas Artes de Paris (...) atestado de haver assistido ás lições do 1º ano Matemática durante o ano lectivo de 1877/78 na Academia Politécnica do Porto (...). No entanto surgia uma dúvida: *se deveriam ou não ser admitidos os dous requerentes, porque ao primeiro (S. Sardinha) faltava o 5º ano de architectura civil, e ao 2º (Theodoro Fonseca), faltava exame de geometria descriptiva: mas atendendo a que o primeiro não havia cursado o 5º ano por haver entrado no concurso ao lugar de pensionário (...), e ter sido o único aprovado, e a que esta Academia sempre considerou como provas finais do curso as executadas pelos alunos que tendo já o 4º ano, concorrem ao concurso magno trienal: e atendendo que o segundo embora não tendo a geometria (...), foi unanimemente aprovado que fossem ambos permitidos*³⁹⁶. Em Janeiro começam então os preparativos para os candidatos se submeterem às respectivas provas, e

*resolveu-se que na semana seguinte se mandassem preparar no Atheneu D. Pedro, visto estar já desocupado das obras que ali estiveram na última exposição, dous gabinetes com amplidão suficiente para n´elles poderem os dous candidatos executar com a possível comodidade as provas que tem de efectuar, e que essas provas comecem na seguinte 2ª feira do presente mês (...)*³⁹⁷.

Para cada provas havia seis hipóteses sendo sorteada uma, e é assim que *no dia 20 de Janeiro de 1879 se reuniu pelas 8 e meia da manhã o júri preparatório (...), e achando-se presentes os dois candidatos (...) foram lidos seis pontos sobre geometria descriptiva que haviam sido escolhidos pelo Conselho Académico em sessão de 11 de Janeiro do corrente (...), e escolhido um, repetindo-se a mesma operação para a prova de perspectiva linear, tendo-se depois sorteado o gabinete de cada um, onde ficariam fechados pelo período de oito horas. Passados três dias, a 23, sempre às 8 e meia da manhã,*

³⁹⁶ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, fls.232 e 232v., 15Nov 1878.

³⁹⁷ AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, fl. 235, 11Jan 1879.

na secretaria passou o secretário a ler os 6 pontos sobre o projecto d'um edifício: enrolados e lançados na urna foi pelo candidato Theodoro P. S. Fonseca extraído o seguinte: um edifício destinado a ser quartel general da 3ª divisão militar, contendo dentro de si a repartição do Concelho permanente de guerra, com cómodos para o General Comandante (...), vivendo separadamente.

Na segunda - feira seguinte, a 27, iniciariam o desenho definitivo que deveria ser executado em 30 dias úteis. *Com efeito depois das 4 da tarde do dia 5 de Março o secretário recebeu o desenho definitivo das plantas, alçados, secção e detalhes respectivos*, cinco folhas de papel de cada candidato, contendo as do S. Sardenha o seguinte: a 1ª folha o plano do rés – do - chão; a 2ª o plano do 1º andar; a 3ª a fachada principal; a 4ª era um corte longitudinal, e a 5ª e última folha, mostrava *detalhes da fachada principal e lateral e d'um firme da armação*, não divergindo muito a apresentação do outro candidato. Obviamente que seria do maior interesse para nós conseguirmos visualizar estes trabalhos, que, pela finalidade a que se destinavam, deveriam ser de cuidado, rigoroso e belo traçado. Esperamos um dia localizá - los! .

Do maior interesse também seria visualizarmos os trabalhos executados pelos candidatos para a prova seguinte: *traçar os planos de projecção elevação e horizontal de um navio (...)*³⁹⁸, prova relativa à componente naval da Arquitectura, tão ligada à origem desta *Aula* nos longínquos anos trinta, no edifício da Politécnica. Como lhes fora pedido, apresentaram a 28 de Abril os seus respectivos trabalhos,

*constando os do Silva Sardenha de seis folhas de papel contendo a 1ª uma elevação longitudinal, plano horizontal: elevação da popa, elevação da proa e corte transversal na casa mestra; a 2ª a tabela das dimensões do tratado; a 3ª a tabela de elevação e calculo de estabilidade; a 4ª um navio com mastros e velas; a 5ª detalhe da proa e cavernas; e a 6ª detalhe da popa, lemes e pés de mastros (...)*³⁹⁹.

A 9 de Maio chega o julgamento final do júri da Academia, formado pelo Conde de Samodães, pelo director Manuel da Fonseca Pinto, pelos académicos de mérito o pintor

³⁹⁸ AFBAUP 128, *Correspondência para o Governo*, fl.73, 5 Maio 1879.

³⁹⁹ AFBAUP 128, *Correspondência para o Governo*, fl.73, 5 Maio 1879.

Guilherme António Correia e o escultor António Soares dos Reis, e pelos professores da Academia João A. Correia, Thaddeo Furtado e Francisco Resende.

Procedeu-se ao exame detido de todos os trabalhos que para isso se achavam sobre a mesa; findo o qual foram os dois candidatos convidados a entrar (...), passou sua Ex. o Sr. Vice Inspector a interrogar o candidato Sardinha sobre os diferentes estilos d' architectura civil, principalmente sobre o ogival, e o candidato Theodoro Fonseca sobre elementos gerais de construção naval; depois do que retiraram-se os candidatos, e passou-se à votação por esferas brancas e pretas sobre o mérito absoluto (...), e corrido o escrutínio secreto achou-se que a urna do nome de J.G.S. Sardinha continha 7 esferas brancas, número igual ao dos votantes, e que a urna com o nome de T. P. S. Fonseca continha 3 esferas brancas e 4 pretas, em consequência do que não se passou a votar sobre o mérito relativo por ficar excluído em mérito absoluto o candidato Theodoro⁴⁰⁰.

Os trabalhos de ambos os concorrentes foram expostos para apreciação pública no Atheneu D. Pedro nos dias seguintes (9, 10, 11 e 12 de Maio), exposição que seria noticiada pelos jornais locais *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, em conformidade com o respectivo programa⁴⁰¹. O resultado final, isto é, a nomeação de Silva Sardinha, e concordando com a respectiva votação em conferência geral de 6 do corrente, não deixa margem para dúvidas, até

por isso que atendendo às obras que executou durante este concurso, atendendo á qualidade dos documentos que apresentou, e que mostrou que foi sempre estudante distinto tanto nesta Academia como na de Paris, onde completou os seus estudos mediante o respectivo concurso para pensionário do Estado; atendendo aos serviços prestados a esta Academia na regência da aludida cadeira, há anos, por moléstia do respectivo professor, e à um ano a esta parte por causa do seu falecimento, e atendendo finalmente a ser nosso académico de mérito, e da Academia Real de Belas Artes de Lisboa, julgo que não pode deixar de ser esta

⁴⁰⁰ AFBAUP 114, *Conferências gerais*, fl.79, 6 de Maio de 1879.

⁴⁰¹ AFBAUP 114, *Conferências gerais*, fl.79, 6 de Maio de 1879.

nomeação de suma utilidade para este estabelecimento de instrução especial.

Passado um ano sobre a morte do Professor Almeida Ribeiro, a 7 de Julho de 1879,

numa sessão de conferência ordinária convocada extraordinariamente, a qual, na ausência do Vice Inspector, foi presidida pelo Director Interino professor d'escultura, achando-se presentes os professores de pintura e de desenho, e o substituto de desenho (...), compareceu José Geraldo da Silva Sardinha para dar o juramento e tomar posse de professor proprietário da cadeira d'aritectura civil e naval para que sua magestade El Rei o Sr. D. Luíz primeiro houve por bem de fazer mercê de o nomear por decreto de três do presente mês de Julho⁴⁰²,

situação que seria referida, e o seleccionado mais uma vez elogiado, no Relatório anual da Academia para o Ministro do Reino⁴⁰³, desse ano de 1879.

⁴⁰² AFBAUP 105 A, *Conferências Ordinárias*, fl.241v, 7 Julho 1879.

⁴⁰³ AFBAUP 128, *Correspondência para o Governo*, fl.80, 10 Setembro 1879.

4.3. O hábil architecto Director da Academia Portuense de Belas Artes.

Enquanto professor da Aula de Architectura Civil, e com os colegas Soares dos Reis para a escultura, e Marques de Oliveira para a pintura, Silva Sardinha, podemos arriscar, trará para o ensino na Escola algumas melhorias fruto da melhor preparação, e até de uma mais diversificada vivência artística, que lhes advêm dos seus pensionatos em Paris e Roma⁴⁰⁴, e que de alguma forma se irão reflectir na APBA, onde regra geral os pensionistas integravam os corpos docentes, uma vez terminado o seu período no estrangeiro.

Desde logo nos podemos referir, por exemplo, ao nível e à qualidade dos manuais a utilizar nas aulas⁴⁰⁵, algo que, no que à architectura se refere, desde o magistério do Mestre Costa Lima carecia de algum refrescamento, e que estes novos bolseiros acabados de chegar de Paris, onde o sistema de ensino e de aprendizagem não se confinava à *École*, iriam procurar introduzir nas escolas, com as novas correntes que percorrem campos tão díspares, e que vão do ecletismo até à novíssima *art nouveau*. Para alguns, Silva Sardinha terá aqui o seu papel mais importante⁴⁰⁶: enquanto professor e *Maitre*, dum *atelier* que aqui não é exterior à Escola, mas que, talvez por isso mesmo carregará ainda mais o seu cunho pessoal, e que de alguma forma teremos que o invocar ao nomear os seus pupilos, alguns dos architectos e artistas mais importantes das gerações seguintes: Ventura Terra e Joel da Silva Pereira, Adães Bermudes e Marques da Silva, Joaquim Marques Guimarães e Torquato Pinheiro, Henrique Pousão e Tomás Costa, José de Brito e Correia da Silva, para referir apenas alguns. A sua opinião é sempre valorizada e ouvida nas mais diversas matérias, seja relativamente a uma qualquer obra ou concurso que um aluno precise de ouvir uma segunda opinião⁴⁰⁷; seja

⁴⁰⁴ LISBOA, M. H., Op. cit., p. 217.

⁴⁰⁵ (...) *que o professor d'architectura lhe havia ponderado a utilidade e necessidade de mandar vir para a sua aula a seguinte obra <<Choix d'edifices publiques pour Gourlier, Biet, Grilluer et Toundieu>>, 3 vols. In folio compreendendo 388 estampas com notas explicativas (...), o conselho académico aprovou! FBAUP 105 A, Conferências Ordinárias, fl.256, 6 Dezembro 1880.*

⁴⁰⁶ (...) *Son role en tant que professeur et directeur de l'Academia portuense, qui en fait le maître des deux personnalités les plus importantes de la génération suivante – Ventura Terra et Marques da Silva – nous semble plus important. In CARDOSO, António - Évolution de l'Architecture à Porto au long du XIXe siècle. Paris: Actes du colloque: Le XIX siècle au Portugal. Histoire- Societe-Culture-Art.1987.P.92.*

⁴⁰⁷ (...) *Eu teria um grande prazer em ouvir a sua opinião, assim como a do Ex. mo Sr Sardinha que melhor que ninguém me podem aconselhar a esse respeito.* (Carta de V.Terra para Sr. T. Furtado sobre concurso para palácio da justiça lisbonense, de 5 Dez., 1888). In Catálogo Exposição *Ventura Terra*. Esposende: Câmara Municipal, 2006. p.99.

para confirmar um qualquer trabalho de um colega, ou sobre a compra de um livro para a própria Academia no estrangeiro⁴⁰⁸.

Fará parte das suas funções a organização do concurso para novos candidatos ao lugar de pensionista do Estado na classe de Architectura civil no estrangeiro, o qual levaria com o colega T. Furtado à Academia, por exemplo para o ano de 1886⁴⁰⁹, (e que já vinha sendo à uns tempos reclamado!)⁴¹⁰, sendo candidatos os seus alunos V. Terra, A. Bermudes e J.C. Martins Júnior. O jovem Ventura Terra seria o vencedor, num concurso cuja primeira prova, ao ar livre, consistia na cópia da galilé da sé Catedral, seguindo-se a prova dos “gessos” em gabinete durante 5 dias, depois a de geometria descritiva, em sessão única, e por fim a prova de projecto que, mediante sorteio recaiu sobre *Uma Academia e escola de Belas Artes*, tema sempre bastante actual⁴¹¹, que nos faz adivinhar as preocupações e os interesses e, porque não também apontá-lo, um certo espírito *beauxartiano* por parte dos professores que elaboram esses mesmos projectos.

Outra das suas responsabilidades enquanto professor era a atribuição do *Prémio Soares dos Reis*, dado ao melhor aluno da *Aula de Architectura*, instituído por aquele escultor em 1879⁴¹², quando a troco dum busto em mármore que fizera do professor liceal de grego Almeida Ribeiro, recebera dele uma soma (vinte libras) que não esperava auferir, resolvendo então oferecê-la à Academia *de modo que o seu juro servisse para prémios annuaes em esboços de composição (...)*, cabendo o primeiro 1º prémio a Francisco d’ Oliveira Carvalho, e a Joaquim Marques Guimarães o segundo 2º prémio⁴¹³. Sabemos da importância que, por exemplo, na Academia francesa tinham estes prémios

⁴⁰⁸ (...) tomo a liberdade de apresentar a lista junta a V. Ex^a, por onde verá os títulos dessas obras.(...) e os preços na livraria de Mr. Gastigner. Especialmente a *Opera de Garnier* e o *Ragenet* (...), e demais o ex. mo Sr. Sardinha que as deve conhecer muito bem, melhor do que eu pode informar a Academia sobre as suas vantagens para os alumnos de Architectura (...) Ventura Terra (1889), in Catálogo Op. cit., p.47.

⁴⁰⁹ Foi nomeada uma comissão composta do professor d’ architectura civil e do professor jubilado secretário, para organizarem as bases do programa do concurso para a admissão d’ um pensionário do Estado que deve ir estudar architectura civil em países estrangeiros.

AFBAUP 129, *Conferências para o Governo*, fl. 74, 23 Janeiro 1886.

⁴¹⁰ Actualmente torna-se de uma urgência indeclinável enviar ao estrangeiro um pensionário para a classe de architectura, porque nesta cidade, a não ser o professor da nossa escola, antigo pensionário do Estado, não há um architecto com todas as habilitações que exige o professorado e as construções diffíceis e melindrosas.

AFBAUP 129, *Correspondência para o Governo*, fl.61,12 Maio 1885.

⁴¹¹ CARDOSO, António, *O Architecto José Marques da Silva e a architectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*. Porto: FAUP Publicações, 1997. p.31.

⁴¹² Em 1886 prémio para José de Carvalho Viana (finalista do 3ºano, 6 mil reis).

Em 1887 para José Marques da Silva (4º ano).

Em 1888 Júlio Gonzaga Ramos (4ºano)

Em 1889 José Correia Martins Júnior (5º ano).

Em 1894 Abel de Vasconcelos Cardoso (5º ano, 4200 réis).

AFBAUP 114, *Conferências Gerais da APBA* (1837-1896).

⁴¹³ CARDOSO, António, Op. cit., p. 24.

pecuniários, que funcionavam não só pelo valor económico, mas também pelo peso do titular a que o seu nome estava ligado, como era aqui o caso, sabendo nós o prestígio de que gozava o escultor Soares dos Reis, pelo menos entre o meio artístico portuense de então.

Na APBA houve outro prémio, este atribuído a um trabalho que se destacasse mas na área da pintura, legado pelo Barão de Castelo de Paiva⁴¹⁴, pela primeira vez atribuído em 1884 *como prémio de honra do melhor trabalho em pintura que se apresentasse em concurso tendo por assumpto uma Composição inspirada nos livros sagrados*⁴¹⁵.

A 16 de Março de 1896 morre João António Correia, o professor de pintura histórica e director da APBA, respectivamente desde 1857 e 1882.

Assim, em Abril seguinte

*(...) o professor jubilado e secretário disse que julgava interpretar os desejos dos membros de todo o corpo docente propondo que ficassem exaradas nas actas da presente sessão as nossas felicitações ao professor d'architectura civil, o senhor José Geraldo da Silva Sardinha pela sua nomeação para director desta Academia*⁴¹⁶.

Dois anos passados, 1898, e é na qualidade de Director que Silva Sardinha, ainda na continuação da saga das obras de melhorias da Academia, é recebido pelo Ministro das Obras Públicas, Elvino José de Sousa Brito, um ex aluno da aula de arquitectura da Academia Portuense, *que a 29 de Outubro das três para as quatro da tarde recebia no Grande Hotel do Porto* (mera coincidência, este hotel fora uma das obras mais emblemáticas de Silva Sardinha na cidade, para um endinheirado Moura Guimarães!):

*que participasse isso aos outros professores para que todos se encontrassem no referido lugar e hora. Assim aconteceu sendo recebido o corpo docente pelo ministro que havia chegado na véspera a esta cidade, e que se mostrou muito satisfeito com este acto da parte da Academia*⁴¹⁷,

⁴¹⁴ António da Costa Paiva formado em Filosofia e Medicina pela Universidade de Coimbra. Lente de Agricultura e Botânica na Academia Portuense desde 1836. Director do Jardim Botânico desde 1888. Em 1851 converteu-se ao Cristianismo. Nasceu no Porto a 12 de Outubro de 1806 e vai viver para a Madeira em 1855. In A. Magalhães Basto, op.cit. p. 82.

⁴¹⁵ AFBAUP 129, *Correspondência para o Governo*, p.46, 13 Setembro de 1884.

⁴¹⁶ AFBAUP 107, *Conferências Gerais*, fl. 76v, 6 Abril 1896.

⁴¹⁷ AFBAUP 107, *Conferências Gerais*, fl. 95, 7 Novembro 1898.

participando aos presentes que *quanto a obras e melhoramentos no edifício interviria directamente (...)*, o que teria sido cumprido pois em Julho de 1900 é proposto para académico honorário da

*APBA em atenção aos importantíssimos melhoramentos a que mandou proceder quando ministro das obras públicas, ordenando a construção d ´ uma nova aula de desenho com amplidão e luz magnífica, um esplêndido gabinete para o respectivo professor: duas boas aulas d ´ esculptura uma para estudo propriamente dito da cópia do gesso, e outra para cópia do modelo vivo, além d ´ outras benfeitorias necessárias nas antigas aulas de desenho, de pintura e de architectura; ordenando também a consolidação da metade do Atheneu D. Pedro que há muito tempo estava vedada ao público em consequência do seu iminente estado de ruína (...)*⁴¹⁸.

A partir de 1903, os alunos pensionistas do Estado no estrangeiro têm que pagar uma fiança, para o caso de haver uma desistência ou de algo correr mal⁴¹⁹. Assim, antes de partirem têm que ir com o Director e com o secretário da Academia a um notário para procederem ao depósito dessa

fiança à quantia de 3600 francos, a que é obrigado pelo número 1 do artigo 16 da referida portaria (de 11 de Novembro de 1903, publicada no Diário de Governo nº 255 de 12 de Novembro de 1903), ou programa a que se refere a aludida portaria, o que agora vem satisfazer (...).

Silva Sardinha acompanhará, por exemplo, o pensionista em pintura histórica A. Lino de Magalhães que em Abril de 1904 teve que proceder em conformidade com a nova legislação. Avizinhava - se assim o fim dos pensionatos no estrangeiro, que coincidiria também com o fim duma certa hegemonia de que gozava principalmente a escola

⁴¹⁸ AFBAUP 107, *Conferências Gerias*, fl. 105v, 2 Julho 1900.

⁴¹⁹ Não sabemos se por coincidência ou não, mas por *ofício da direcção geral da Instrução Pública, com data de 25 de Setembro comunicando que por despacho ministerial de 23 do mesmo mês, fora determinado que regressasse ao reino o pensionista na classe d ´ architectura civil António Correia da Silva visto que durante a sua permanência em Paris não conseguiu a sua entrada na ENSBAP.* AFBAUP 108, *Conferências Ordinárias*, fl. 5, 3 Novembro de 1903.

francesa, fruto do crescimento e do desenvolvimento da arquitectura um pouco por todo o mundo, nomeadamente nos Estados Unidos, país onde a arquitectura, e as suas escolas sobretudo, começam nas primeiras décadas do século XX a reagir, e a responder, ao grande desenvolvimento económico que dispara do outro lado do oceano.

Sabemos também que, na qualidade de director da APBA, o Professor Silva Sardinha esteve presente nalgumas das pouquíssimas manifestações culturais que uma cidade como o Porto daquela época facultava: assim, sabemos que esteve no concerto - conferência que assinalou a inauguração da grande exposição comemorativa do centenário do notável pintor Vieira Portuense, na noite de 20 de Junho de 1906, no Teatro nacional de S. João, manifestação organizada pela Sociedade de Belas Artes do Porto e que, parece-nos, foi pioneira a nível nacional, no que às artes plásticas diz respeito⁴²⁰.

Para a Exposição Universal de Paris, de 1900, o Director da Academia haveria também de se deslocar a Lisboa pois tinha sido nomeado *para fazer parte do jury que há-de apreciar os projectos dos pavilhões para a secção portuguesa na dita exposição*⁴²¹, juntamente com o arquitecto e professor da Academia Lisboaense José Luís Monteiro e pelo presidente da associação dos engenheiros civis portugueses, e cujo projecto aceite, envolto em alguma polémica, seria o do seu aluno Ventura Terra, deixando para trás o do colega lisboeta Raul Lino (1879-1974). A nomeação de um membro da APBA terá partido da parte do Ministério das obras públicas⁴²², pelo braço de Elvino de Brito (ministro entre Agosto de 1898 e Junho de 1900), o amigo declarado da Academia Portuense como já o constatamos anteriormente, e que para a última exposição do século parecia ter ideias muito claras *por forma a tornar tão útil e proveitosa quanto possível a exhibição dos nossos productos agrícolas e industriaes*(...)⁴²³.

Para o Porto, se estava a planear erigir um monumento ao Visconde d'Almeida Garrett, o que aos olhos de muitos já tardava, havendo em 1899 uma proposta da Assembleia Geral do Ateneu Comercial do Porto, sendo *para esse fim nomeada uma grande comissão e uma comissão executiva, da primeira das quais faz parte o illustre nome do Director desta Academia*⁴²⁴.

⁴²⁰ AFBAUP 108, *Conferências Ordinárias*, fl.31,3 de Julho 1906.

⁴²¹ AFBAUP 107, *Conferências Ordinárias*, fl.98, Junho 1899.

⁴²² AFBAUP 131, *Correspondência para o Governo*, fl.139v, 10 Janeiro 1900.

⁴²³ SOUTO, Maria Helena - *Portugal nas Exposições Universais 1850-1900*. Lisboa:Edições Colibri, 2011. p.241.

⁴²⁴ AFBAUP 107, *Conferências Ordinárias*, fl.97, Fevereiro 1899.

O lente de Architectura José Geraldo da Silva Sardinha morreu em casa, no nº612 da Rua do Bonjardim, a 28 de Novembro de 1906, vítima de pneumonia.

A 30 de Novembro foi lida uma participação do Sr. Adolfo Mengo Sardinha, comunicando o infausto acontecimento da morte do seu Pai, o senhor J.G.S. Sardinha, pedindo ao corpo docente para lhe prestar a derradeira homenagem hoje 30 de Novembro na Igreja da Trindade às 6 da tarde. O Senhor Inspector disse que, em sinal de sentimento o Sr. Secretário, deve mandar suspender as aulas até 2ª feira 3 de Dezembro; que ele inspector, corpo docente empregados e alunos estiveram presentes no funeral. Depois o Sr. Inspector disse que, em virtude do fallecimento do Sr. Sardinha, ficavam vagos os logares de Director e o de professor d' Architectura; por isso lembrava que se propusesse para director o Sr. João Marques da Silva Oliveira, por ser o professor mais antigo. Foi aprovado por aclamação.

Foram recebidos telefonemas de pêsames dos architectos Ventura Terra, Adães Bermudes e Peres Guimarães, bem como um cartão de pêsames do Sr. Oliveira Alvarenga (...)⁴²⁵.

Para o substituir enquanto não se realizava o respectivo concurso foi chamado o seu antigo aluno José Marques da Silva, que no ano seguinte, no seguimento das provas necessárias e estipuladas por lei, asseguraria o lugar, vencendo o seu colega António Correia da Silva.

⁴²⁵ AFBAUP 108, *Conferências Ordinárias*, fl.37v, 30 Novembro 1906.

5. Conclusão

Procurou-se com este trabalho introdutório à obra de José Geraldo da Silva Sardinha, através dos seus desenhos e da sua correspondência remetidos de Paris para a Academia Portuense, iniciar um trabalho, que se pretende continuar, sobre a totalidade da sua obra. São desenhos de uma beleza exemplar, de que aliás os números 5 e 6 da nossa lista são inéditos, com o seu aguarelado primoroso a transmitir a dramaticidade às suas formas que só a sua sensibilidade de um arquitecto, ainda que dando os primeiros passos, lhes consegue imprimir. Alguns dos desenhos são subordinados a temas completamente novos para os alunos portugueses como o refere S. Sardinha, como por exemplo um posto de polícia ou uma casa para um banqueiro na cidade, ou até o do seu magnífico *Mercado e praça pública* (desenho nº7 – v. p. 132).

A correspondência é um conjunto de catorze cartas enviadas à APBA, onde, por exemplo, revela as suas limitações em relação à exigência solicitada pela Escola parisiense, na carta nº 2, (27 de Outubro de 1868) por exemplo; ou a sua ansiedade em relação ao concurso de Construção Geral, (carta nº11, de 4 de Novembro de 1872), para ele o mais importante de todos e no qual conseguirá uma *2eme Medaille*, (carta nº 14, de 4 de Setembro de 1873). A escolha do atelier também foi sempre da maior importância para os jovens estudantes de arquitectura, e assim aconteceria com Sardinha tanto na opção inicial por Mr. Questel (carta nº2 – v. pp. 137 e 138), como aquando da necessidade de o substituir por doença por Mr. Pascal (carta nº11 – v. pp. 163 e 164). A instabilidade política provocada pela guerra também é uma referência constante das suas cartas (carta nº8, de 26 de Outubro de 1870 e nº 9, esta remetida do Porto, em Dezembro de 1871 – v. pp. 154 e 155 e 156 a 160, respectivamente), bem como as alterações surgidas com a introdução de novos cursos e de ateliers, agora internos, na ENSBAP, na sequência da crise académica de 1863, protagonizada, entre outros, por Le Duc (carta nº3, de Novembro de 1868 e carta nº7, de 15 de Janeiro de 1870 – v. pp. 139 a 142 e 152 e 153, respectivamente).

A sua experiência parisiense, é a conclusão deste trabalho: a escola que se prolongava pelos *ateliers* dos mestres e pelos *salons* parisienses; os cursos que abarcavam matérias muito mais vastas, como a estética ou a história de arte; a exigência constantemente solicitada aos alunos para a execução dos concursos mensais de emulação e que requeria grande ginástica intelectual e vontade de querer sempre fazer melhor; as repercussões que estas experiências dos bolseiros irão ter por muitos e muitos anos nas

gerações vindouras em terras portuguesas não só em arquitectura, como noutros ramos da história da arte, ainda que limitados pelo seu compromisso com as Academias respectivas, e com o Estado em última análise.

A sua vivência parisiense é a conclusão deste trabalho: Silva Sardinha trará para a Academia portuense, enquanto professor, um sentido mais apurado e rigoroso da formação técnica e, ao mesmo tempo, de sensibilidade estética que ali lhe fora leccionado, sendo ele, indubitavelmente um dos primeiros que *regressados a Portugal, (eles) geraram inéditos dinamismos e puderam realizar obras de grande qualidade que, hoje ainda, configuram e representam os fundamentos da cultura moderna portuguesa*⁴²⁶.

A sua dinâmica na cidade, através da sua obra, – de que nos Livros de Plantas de Casas do Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, contabilizámos cerca de duzentos e quarenta pedidos formulados e assinados por ele, entre 1870 e 1905, ditará o nosso entendimento em próximos exercícios que culminarão com certeza numa maior clarificação do seu trabalho como arquitecto, mas também como construtor.

⁴²⁶ SILVA, R. H. da, in catálogo da Exposição *Miguel Ventura Terra*. Esposende. Op. cit., p.12.

6. Bibliografia

A. Fontes Manuscritas

1. Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (AFBAUP):

AFBAUP 90, *Obras que se fizeram na sala de pintura na da aula do nú e gabinete do respectivo professor, bem como as suas contas em 1877.*

AFBAUP 9, Livro de *Correspondência dos pensionários do Estado com a Academia.*

AFBAUP 114, Livro *das Actas das Conferências Gerais da Academia Portuense de Bellas Artes (11 de Outubro de 1837 a Agosto de 1896).*

AFBAUP 115, Livro de *Actas de Conferências Geraes da Escola de Belas Artes do Porto. (21 de Agosto de 1897 a 15 de Agosto de 1922).*

AFBAUP 105, Livro de *Actas das Sessões Ordinária e Extraordinárias da Academia Portuense de Belas Artes.*(1837 a 1849).

AFBAUP 105 A, Livro de *Actas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias da Academia Portuense de Bellas Artes.*(1849 a 1883).

AFBAUP 106, Livro de *Actas das Sessões Ordinárias da Academia Portuense de Belas Artes.* (1883-1890).

AFBAUP 107, Livro de *Actas das Sessões Ordinárias da Academia Portuense de Belas Artes.* (1890-1903).

AFBAUP 108, Livro de *Actas das Conferências Ordinárias da Academia Portuense de Bellas Artes.* (1903-...).

AFBAUP 126, Livro de *Correspondência saída para o Governo.* (1854 -1864).

AFBAUP 127, Livro de *Correspondência saída para o Governo.* (1865 – 1874).

AFBAUP 128, Livro de *Correspondência saída para o Governo.* (1874 – 1882).

AFBAUP 129, Livro de *Correspondência saída para o Governo.* (1882 -1886).

AFBAUP 130, Livro de *Correspondência saída para o Governo.* (1887 -1893).

AFBAUP 131, Livro de *Correspondência saída para o Governo.* (1893- 1900).

AFBAUP 132, Livro de *Correspondência saída para o Governo.* (1900- 1908).

2. Beaux- arts de Paris, l'école nationale supérieure:

Cópia (5p.) do *dossier scolaire de Sardinha* com o nº2669 du *Registre Matricule*,
Acessível em *Archives Nationales*(AJ52 381), de Paris.

<http://www.ensba.fr/ow2/catzarts/index.xsp.fr>

B. Fontes Impressas

1. ESTUDOS

- ACTAS do I Congresso *O PORTO ROMÂNTICO*. 2 vols. Porto: Universidade Católica, Coordenação de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, 2012.
- ACTAS do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte, *ARTISTAS E ARTÍFICES e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa*. Porto: FLUP, Departamento de Ciências e Técnicas de Património, 2005.
- ACTAS do I Congresso sobre a Diocese do Porto “*TEMPOS E LUGARES DE MEMÓRIA*”, 2vols. Porto /Arouca, 2002.
- ACTAS do Seminário *Os Desenhos do Desenho, nas Novas Perspectivas sobre Ensino Artístico*. Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade do Porto. 2001.
- ANUÁRIO MCMVI, Sociedade dos Arquitectos Portugueses. Lisboa, typographia do Comércio, 1906.
- ANUÁRIO MCMV, Sociedade dos Arquitectos Portugueses. Lisboa: typographia do Comércio, 1905.
- BAPTISTA, Paulo Artur Ribeiro, *A CASA BIEL e as suas edições fotográficas no Portugal de Oitocentos*. Lisboa: Edições Colibri (FCSHUNL). 2010.
- BASTO, Artur de Magalhães, *Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto, Gabinete de História da Cidade. 1961.
- BASTO, Artur de Magalhães - *Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Separata do XVI Congrès International d'Histoire de l'Art. Lisboa, 1954. vol. II.,
- BASTO, Artur de Magalhães - *Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 1937.
- BECKFORD, William - *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1957.
- BETTENCOURT, António - *Apontamentos sobre a prática construtiva com o ferro nos séculos XVIII e XIX*. Coimbra: Edição edarq, 2007.
- BENJAMIN, Walter - *Paris capitale du XIXe siècle*. Paris: Les Editions du cerf, 1989.
- BONIFÁCIO, Maria de Fátima - *Seis estudos sobre o Liberalismo português*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.
- BOTELHO, Maria Leonor - *O Núcleo do Porto e o Culto dos Monumentos. A formação de uma consciência patrimonial*. (on-line), III Congresso Internacional da APHA. Disponível em [http://www.apha.pt/boletim/boletim4/artigos/Leonor Botelho.pdf](http://www.apha.pt/boletim/boletim4/artigos/Leonor%20Botelho.pdf).
- BRANDÃO, Júlio - *Miniaturistas Portugueses*. Porto: Litografia Nacional, s/d.
- BRANDÃO, Júlio - *O Pintor Roquemont*. Lisboa: Livraria Morais, 1929.
- BRUNO, José Pereira de Sampaio - *Portuenses Ilustres*, 3 Vols. Porto: Livraria Magalhães e Moniz, 1907.
- CARDOSO, António - *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura do Norte do País na primeira metade do século XX*. Porto: FAUP Publicações, 2ª edição, 1997.

CARDOSO, António - *Evolution de l'Architecture à Porto au long du XIXe siècle*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

COSTA, Lucília Verdelho da - *Alfredo de Andrade (1839-1915), da Pintura à invenção do Património*. Lisboa: Vega editor, 1997.

COSTA, Luís Xavier da - *Quadro histórico das Instituições Académicas Portuguesas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1932.

DELAFORCE, John - *The Factory House of Oporto*. Londres: Christie's Wine Publication, 1979.

DUARTE, Eduardo Alves - *Carlos Amarante (1748-1815) e o Final do Classicismo*. Porto: FAUP publicações, 2000.

FIGUEIRA, Francisco Correia - *Veleiros de Portugal*, Lisboa: Edições Inapa, 1998.

FRANÇA, José - Augusto - *A Arte em Portugal no século XIX*. 3ª edição. Lisboa: Bertrand Editores, 1990. 2Vols.

FRANÇA, José – Augusto - *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

FURTADO, Thadeu - *Apontamentos para a história da Academia Portuense de Bellas Artes*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1896.

GRAÇA, Manuel de Sampaio Pimentel Azevedo - *Construções de Elite no Porto (1805-1906)*, Dissertação de Mestrado apresentada na FLUP, 2004, (texto policopiado).

HOLSTEIN, Marquês de Sousa - *Observações sobre o Actual Estado do Ensino das Artes em Portugal, A Organização dos Museus e o Serviço dos Monumentos Históricos e da Archeologia offerecidas à Comissão nomeada por decreto de 10 de Novembro de 1875 por um vogal da mesma Comissão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875.

JACKSON, Lady - *A Formosa Lusitânia. Portugal em 1873*. Casal de Cambra: Caleidoscópio Edição, 2007.

JACQUES, Annie - *Les Beaux-Arts, de l'Académie aux Quat'z'arts*. Paris: École nationale supérieure des beaux-arts (ENSBA), 2001.

JACQUES, Annie, MIYAKE, Riichi - *Les Dessins d'architecture de l'École des Beaux-Arts*. Paris: Editions Arthaud, 2000.

JACQUES, Annie - *Les Dessins d'Architecture du XIXe Siècle*. Paris: Bibliotetheque de l'Image, 1995.

JORGE, Ricardo - *A Peste Bubónica no Porto*. Porto: Deriva Editores, 2010.

LEMOINE, Bertrand - *La Statue de la Liberte*. Bruxelas: Pierre Mardaga éditeur, 1986.

LEMOIS, Maria da Assunção Oliveira Costa - *Marques de Oliveira (1853-1927) e a cultura artística portuense do seu tempo*. Dissertação de Mestrado em Pintura, apresentada à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), 2005, (texto policopiado).

LIMA, Henrique de Campos Ferreira - *O Pintor portuense José Alves Ferreira Lima*. (separata do Arquivo Histórico de Portugal), Lisboa: Bertrand Lda, 1933.

LIMA, Henrique de Campos Ferreira - *Joaquim Rafael*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923.

LISBOA, Maria Helena - *As Academias e Escolas de Belas Artes e o Ensino Artístico (1836-1910)*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

LOYER, François - *Le Siècle de l'Industrie*. Paris: Editions d'art Albert Skira S.A., 1983.

MACEDO, Diogo de - *Soares dos Reis*. Porto: Edições Lopes da Silva, 1945.

MACHADO, Adriano de Abreu Cardoso - *Memória Histórica da Academia Polytechnica do Porto*. Porto: Typographia Central, 1878.

MARTINS, Ana Cristina, *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2003.

MEIRELES, Maria Adelaide - *Catálogo dos livros de plantas*. Porto: Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, 1982.

MONCÓVIO, Susana Maria Simões - *Prenda ou Arte? A Participação feminina nas Exposições Trienais da Academia Portuense de Belas Artes (1842- 1887)*. Porto: Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal, apresentada à FLUP, 2009 (texto policopiado).

MÓNICA, Maria Filomena - *Eça de Queirós*. 4ª Edição. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.

MÓNICA, Maria Filomena - *Fontes Pereira de Melo, uma Biografia*. 3ª Edição. Lisboa: Alêtheia editores, 2009.

MONIZ, Gonçalo do Canto - *O Ensino Moderno da Architectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas Artes em Portugal (1931- 69)*. Coimbra: Tese de Doutoramento em arquitectura apresentada à DAFCTUC, 2011.

MOREIRA, Rafael, RODRIGUES, Ana Duarte - *Tratados de Arte em Portugal*. Lisboa: Scribe – Produções culturais, 2011.

MOURATO, António - *João Baptista Ribeiro 1790 - 1868*. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

NONELL, Anni Gunther - *Porto, 1763/1852, a construção da cidade entre despotismo e liberdade*. Porto: FAUP Publicações, 2002.

ORTIGÃO, Ramalho - *Arte Portuguesa*, 3 vols., Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.

ORTIGÃO, Ramalho - *O Culto da Arte em Portugal*. 2ª edição. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1909 (?).

ORTIGÃO, Ramalho - *Em Paris*. 5ª Edição. Lisboa: Empresa literária Fluminense, 1924.

PAMPLONA, Fernando de - *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalham em Portugal*. 4ª edição. Lisboa: Civilização Editora, 2000. 5 vols.

PENANHUN, David de, Roux et Delaire - *Les Architectes élèves de l'École des Beaux-Arts, 1793-1907*. Deuxième édition. Paris: Librairie de la Construction Moderne, 1907.

PIMENTA, Joaquim Alberto Borges - *Desenho. Manuais do Século XIX de Autores Portugueses*. Porto: Dissertação de Mestrado em História da Arte Apresentada à FLUP, 2003 (texto policopiado).

REIS, Henrique Duarte e Sousa - *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. 5 Vols.

RIBEIRO, João Baptista - *Exposição Histórica da criação do Museu Portuense Com Documentos Officiaes para servir á História das Bellas Artes em Portugal, e á do Cerco do Porto*. Porto: Imprensa de Coutinho, 1836.

RIBEIRO, José Silvestre - *História dos Estabelecimentos Scientificos Litterarios e Artisticos de Portugal nos Sucessivos Reinados da Monarquia..* Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1871-1887. 15 vols.

SANTOS, Cândido dos - *Para a história da Universidade do Porto*. 1ª edição. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2007.

SANTOS, José Coelho dos - *O Palácio de Cristal e a Architectura do Ferro no Porto em meados do séc. XIX*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1989.

SANTOS, Marina Marinho de Sousa - *A Fotografia do Românico em Marques Abreu*. Porto: Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à FLUP, 2011 (texto policopiado).

SANTOS, Paula Mesquita Leite - *Um coleccionador do Porto romântico JOÃO ALLEN (1781–1848)*. Porto: Imprensa Portuguesa, 2005.

SENA, António - *História da Imagem Fotográfica em Portugal - 1839-1997*. Porto: Porto Editora, 1998.

SEQUEIRA, José da Costa - *Noções Teóricas de Architectura Civil (1839), seguidas de um breve tratado das cinco ordens de J.B. de Vinhola (1841)*. Lisboa: Faculdade de Architectura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL), 1989.

SILVA, Vítor - *Henrique Pousão*. Porto: Dafne Editora, 2011.

SOARES, Ernesto - *Dicionário de Iconografia Portuguesa*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 1947. 2 vols.

SOARES, Ernesto - *História da Gravura Artística em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 1940.

Sociedade dos Architectos Portugueses - *ANUÁRIO MCMV*, Anno I, Lisboa: Typographia do Comércio, 1905.

Sociedade dos Architectos Portugueses - *ANUÁRIO MCMVI*, Anno II, Lisboa: Typographia do Comércio, 1906.

SOUTO, Maria Helena - *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

TAVARES, Emília - *O Retrato: entre pose e posses, entre a fotografia e a pintura*. Disponível em <http://www>

VASCONCELLOS, A. A. Teixeira de - *Elogio Histórico dos Senhores Joaquim da Cunha Lima Junior e Manuel José Carneiro Professores da Academia das Bellas Artes do Porto*. Lisboa: Typographia da Gazeta de Portugal, 1866.

VASCONCELLOS, Joaquim de - *A Reforma de Bellas Artes (Analyse do Relatorio e Projectos da Comissão Official nomeada em 10 de Novembro de 1875)*, Porto: Imprensa Literario-Comercial, 1877.

VASCONCELOS, Artur Duarte Ornelas - *Mestre João António Correia (1822-1896): entre a construção académica e a expressão romântica*. Porto: Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa apresentada à FLUP, 2009.

VASCONCELOS, Domingas - *A Praça do Marquês de Pombal na Cidade do Porto*. Porto: FAUP Publicações, 2008.

VIGNOLA, Giacomo Barozzio - *Breve Tratado das Cinco Ordens de Architectura*. Lisboa: Estar Editora, 2000.

VIEIRA, Clara Serra Veiga, *O Percurso Formativo de José Marques da Silva na École Nationale et Speciale des Beaux Arts (1890 -1896)*. Porto, Dissertação de Mestrado em História de Arte Portuguesa apresentada à FLUP, 2010 (texto policopiado)

VIEIRA, Joaquim, *O Desenho e o Projecto são o mesmo?* Porto: FAUP Publicações, 1995.

VITERBO, Sousa - *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1988.

VITORINO, Pedro - *Biblioteca Portuense (1833–1933)*. Porto: Edição de Marnus. 1933.

VITORINO, Pedro, *José Teixeira Barreto, Artista portuense (1763-1810)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

VITORINO, Pedro, *Os Museus de Arte do Porto (Notas Históricas)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930.

2.CATÁLOGOS

O NEOMANUELINO ou a reinvenção da arquitectura dos descobrimentos. Lisboa, Galeria de pintura do rei D.Luís. Coordenação Francisco Faria Paulino. 1994.

D.LUIS I DUQUE DO PORTO E REI DE PORTUGAL. Lisboa, Palácio Nacional da Ajuda, Coordenação de Isabel de Silveira Godinho. 1990.

AS BELAS- ARTES DO ROMANTISMO EM PORTUGAL. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis, Edição Instituto Português de Museus, 1999.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO. Exposição no 150º Aniversário da sua fundação. 1833-1983. Direcção de Luís Cabral. Porto, 1984.

A ARTE EM FAMÍLIA. OS ALMEIDAS FURTADOS.
Viseu: Museu de Grão Vasco, 1998.

CATÁLOGO OFFICIAL DA EXPOSIÇÃO DE ARCHEOLOGIA E DE OBJECTOS RAROS NATURAES ARTISTICOS E INDUSTRIAIS REALISADA NO PALACIO DE CRISTAL PORTUENSE EM 1867. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1867.

·
Catálogo do *MUSEU DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUESES*. (Largo do Carmo – Lisboa). Lisboa, Typographia Universal, 1876.

DOIS SÉCULOS DE MODELO VIVO. 1765-1965. Porto. Escola Superior de Belas Artes. 1965.

FREDERICK WILLIAM FLOWER Um pioneiro da fotografia portuguesa. (Catálogo da exposição organizada pelo Museu do Chiado). Lisboa: Electa – Lisboa 94, 1994.

CATÁLOGO DAS OBRAS APRESENTADAS NA 11ª EXPOSIÇÃO TRIENNAL E DISCURSO PRONUNCIADO PELO ILLMº E EXMº SNR. CONDE DE SAMODÃES VICE-INSPECTOR DA ACADEMIA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES NA

RESPECTIVA SESSÃO PÚBLICA E DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS DA MESMA ACADEMIA NO DIA 31 DO MEZ D'OUTUBRO DE 1874. Porto: Typographia de Manuel José Pereira, 1874.

CATÁLOGO da primeira EXPOSIÇÃO-BAZAR DE BELLAS ARTES promovida pelo Centro Artístico Portuense no Palácio de Cristal Portuense, 1881. Porto, Empresa Ferreira de Brito, 1881.

PORTO, 1865 – UMA EXPOSIÇÃO. Museu Nacional de Soares dos Reis. Porto. 1994 Organização Expo 1998 (Lisboa).

UMA CARTOGRAFIA EXEMPLAR. O PORTO EM 1892. Exposição comemorativa do 1º centenário da carta topográfica de A. G. Teles Ferreira. Porto. Arquivo histórico Municipal do Porto. 1992.

ORIGENS DE UMA ESCOLA, Subsídios documentais para a história do ensino de Belas Artes na cidade do Porto. Bicentenário da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Porto: Inova artes gráficas. Junho de 1980.

ARQUITECTURA PINTURA ESCULTURA DESENHO, Património da ESBAP e da FAUP. Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, Janeiro e Fevereiro de 1987. Catálogo da Exposição integrada nas Comemorações do 75º Aniversário da Universidade do Porto.

DESENHO DE ARQUITECTURA, Património da ESBAP e da FAUP. Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa. Maio 1987. Catálogo da Exposição integrada nas Comemorações do 75º Aniversário da Universidade do Porto. 1987.

LA CARRIÈRE DE L'ARCHITECTE AU XIX SIECLE, Museu d'Orsay, Paris: Editions de la Reunion des musées nationaux, 1986.

MIGUEL VENTURA TERRA- A Architectura enquanto projecto vida. Esposende: Câmara Municipal de Esposende, Museu Municipal, 2006.

3. PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

A ARTE PORTUGUESA Revista mensal de Bellas – Artes publicada pelo Centro Artístico Portuense. Porto 1882-1884.

REVISTA DA SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO DO PORTO, Porto, nº5, Maio de 1881.
MISCELLANEA LITERARIA, Porto, nº7, 1860.

PORTUCALE, Porto, Vol 1, nº5, Setembro, Outubro de 1928.
Vol III, nº15, Maio - Junho de 1930.

APONTAMENTOS, Porto, revista do Museu da FBAUP, nº3, 2003.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE. Lisboa, 2ª série, Tomo III, nº48, 1851.

MISCELLANEA LITTERARIA, Revista portuense nº7, 1860

ARTE TEORIA, Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), nº3 (2002) e nº7 (2005).

ASSOCIAÇÃO CULTURAL AMIGOS DO PORTO, Boletim de 2010, nº28.

O PANORAMA, Semanário de Literatura e Instrução, vol XVII.
Lisboa, Typographia Franco - Portuguesa, 1867.

OCIDENTE, *Revista Portuguesa*. Lisboa, vol XII, nº35,1941.

MVSEV, *Revista de arte arqueologia tradições*. Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, Vol IV, nº10, 1945.

GOULÃO, Maria João - *O ensino artístico em Portugal: subsídios para a história da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Revista O Mundo da Arte, nº3, 1989,p.21-37.

ALMEIDA, António Manuel Passos - *Contributos ao Estudo da Museologia Portuense no Século XIX*. Porto, Revista da FLUP, Ciências e Técnicas de Património.2006-2007, vol V, PP.31-59.

CÂNDIDO, Alfredo - *Soares dos Reis, Pintor*. Revista Feira da Ladra, Lisboa, 1932, Tomo 5º,nº3,p.p. 81 a 90.

MOURATO, António Vilainho - *O Pintor António José da Costa (1840- 1929)*. Revista da FLUP.I Série, vol V-VI, pp.347-362.Porto,2006-2007.

ARAÚJO, Agostinho - *Viver da arte ou... "no meio artístico"? O caso de António José Vieira Júnior (Porto séc. XVIII-XIX)*. Revista da FLUP. I Série, vol. VII -VIII, pp.75-92. Porto, 2008-2009.

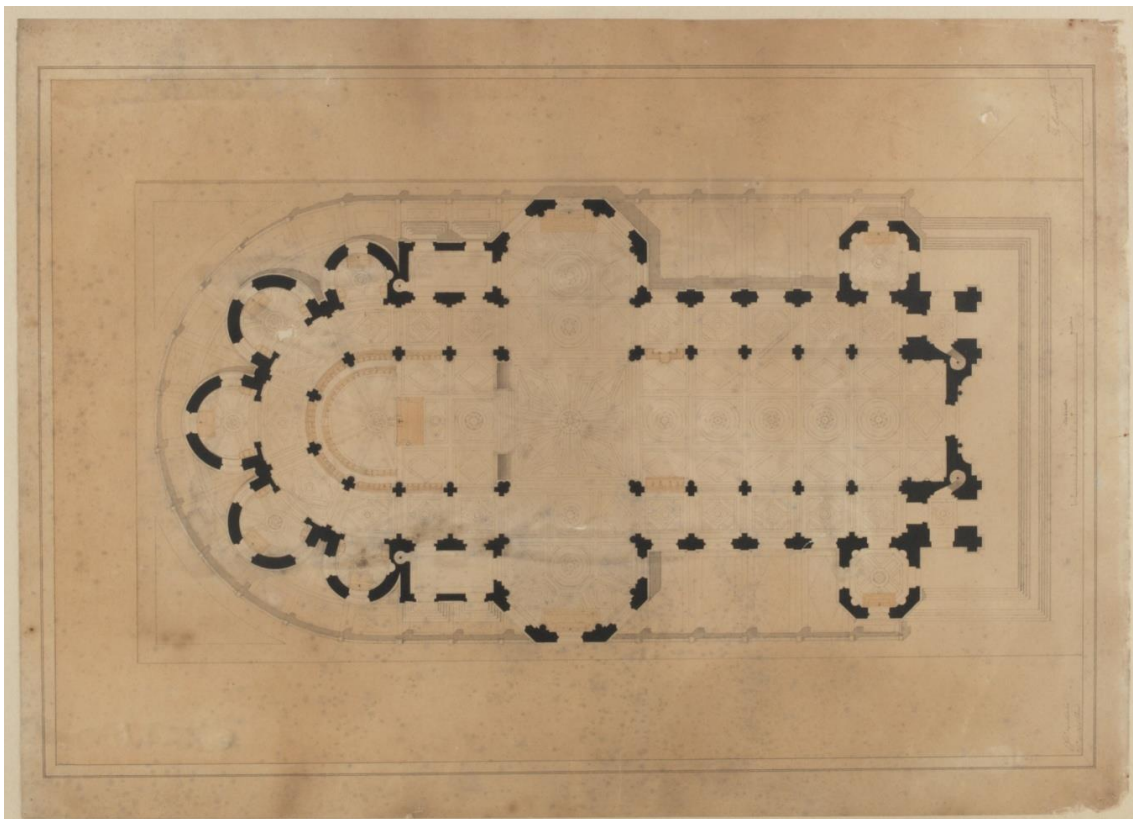
GUIMARÃES, J.A. Gonçalves - *A colecção de retratos reais da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia*. Porto. III Congresso Internacional da APHA.

XAVIER, Hugo - *O Museu de Antiguidades da Ajuda: Numismática e Ourivesaria das colecções reais ao tempo de D. Luís*. Lisboa, Instituto de História da Arte da FCSH---UNL, Revista de História de Arte nº8,2011,pp. 71 a 86

ARTES E LETRAS, Lisboa. Mensal. Editores Rolland & Semiond.1872, 1º ano.
1873, 2º ano

C. Apêndice Iconográfico

Desenhos de José Geraldo da Silva Sardinha existentes no Arquivo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Sendo que o nº5 e o nº6 são pela primeira vez divulgados. As indicações sobre cada um dos desenhos são as que constam do arquivo da referida Faculdade.



Desenho Nº: 1

Código de Referência: FAUP / CDUA / AE/ EMOLD.

Autor: José Geraldo da Silva Sardinha

Título: Projecto da Igreja: planta

Data do doc.: Paris, Novembro, 1868

Escala:

Técnica e suporte: Tinta da China e Aguada; Emoldurado

Estado conserv.:

Transcrições: na parte de trás da moldura tem uma etiqueta com: Sardinha / Projecto de Igreja / Planta / 23(?)

Cacifo: 007 a

Dimensões: com moldura – 86 x 66 cm

sem moldura – 67.5 x 48.5 cm

Assinado: assim.



Desenho Nº: 2

Código de Referência: FAUP-CDUA/AE/EMOLD-

Autor: José Geraldo da Silva Sardinha

Título: Projecto de igreja: fachada principal.

Data do doc.: Paris, Novembro de 1868

Escala: 0,010 p.m.

Técnica e suporte: tinta-da-china, aguarela; emoldurado

Estado conserv.:

Transcrições: no canto inferior esq.: Fait a mon *atelier* par Mr Sardinha.(ass.?)

Na parte de trás da moldura tem uma etiqueta: Sardinha/Proje.de igreja/
Fachada/24.



Desenho nº: 3

Código de Referência: FAUP-CDUA/AE/EMOLD

Autor: José Geraldo da Silva Sardinha

Título: Projecto de igreja: corte longitudinal

Data do doc.: Paris, Novembro de 1868

Escala: 0,005 p.m.

Técnica e suporte: tinta da china, aguarela; emoldurado

Estado conserv. :

Transcrições:

Cacifo: 010a

Dimensões: com moldura - 63x79 cm

sem moldura - 65x 46,5 cm

Assinado: assinado.



Desenho Nº: 4

Código de Referência: FAUP-CDUA/AE/EMOLD

Autor: José Geraldo da Silva Sardinha

Título: Musée dans un parque

Data do doc.: Jun.1869

Escala:

Técnica e suporte: tinta-da-china, aguarela, emoldurado

Estado conserv.:

Transcrições:

Cacifo : 010b



Desenho nº: 5

Código de Referência: FAUP-CDUA/AE/EMOLD

Autor: José Geraldo da Silva Sardinha

Título: Um mercado: corte-alçado (secção em perspectiva)

Data do doc: s.d.

Escala:

Técnica e suporte: tinta d achina, aguada

Estado conserv.:

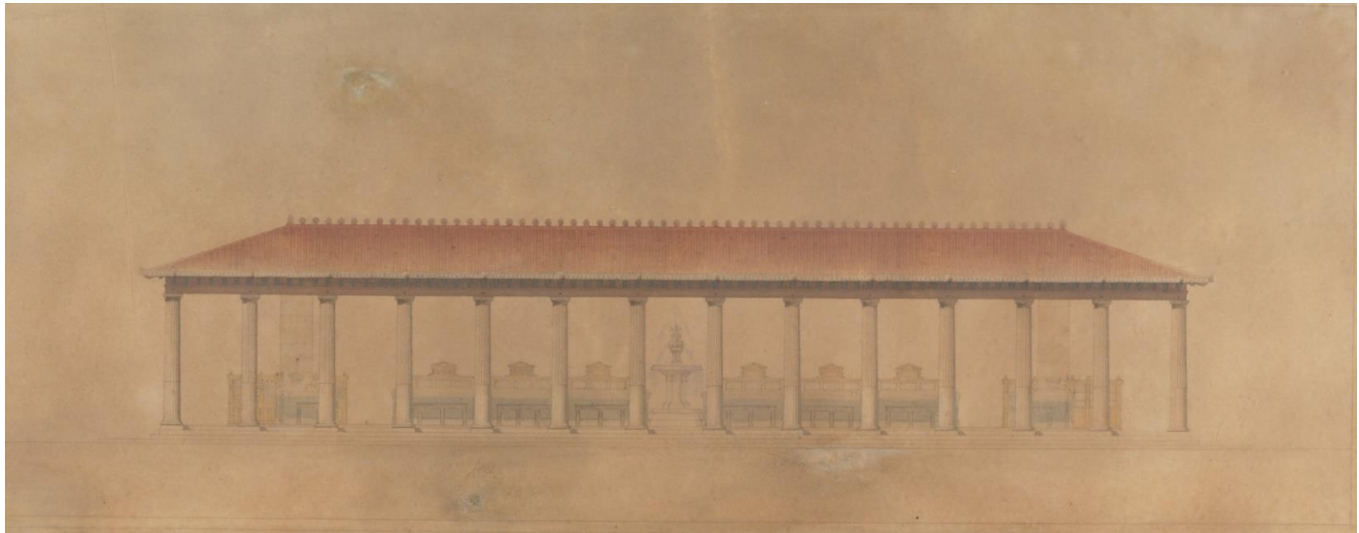
Transcrições:

Cacifo: 129a

Dimensões: com moldura - 73x 102 cm

Sem moldura-56,5x86,5 cm

Assinado:



Desenho Nº: 6

Código de Referência: FAUP-CDUA/AE/EMOLD

Autor: José Geraldo da Silva Sardinha

Título: Um mercado: vista lateral

Data do doc.:s.d

Escala:

Técnica e suporte:tinta da china, aguada

Estado conserv.:

Observações:

Cacifo: 129 b

Dimensões: com moldura- 73 x 102 cm

sem moldura – 56.5 x 86.5 cm



Desenho Nº:7

Código de Referência:FAUP-CDUA/AE/EMOLD-

Autor: José Geraldo da Silva Sardinha

Título: Projecto d'um mercado e praça pública.

Data do doc.:1871.

Escala:

Técnica e suporte: tinta-da-china, aguada; emoldurado.

Estado conserv.:

Observações:



Desenho Nº: 8

Código de Referência: FAUP – CDUA/ AE/ EMOLD -

Autor: José Geraldo da Silva Sardinha

Título: Projecto de Igreja para o Sr do Bonfim, da cidade do Porto: fachada principal

Data do doc.: Agosto de 1872

Escala: 0,005 p. m.

Técnica e suporte: tinta-da-china, aguada, aguarela; emoldurado

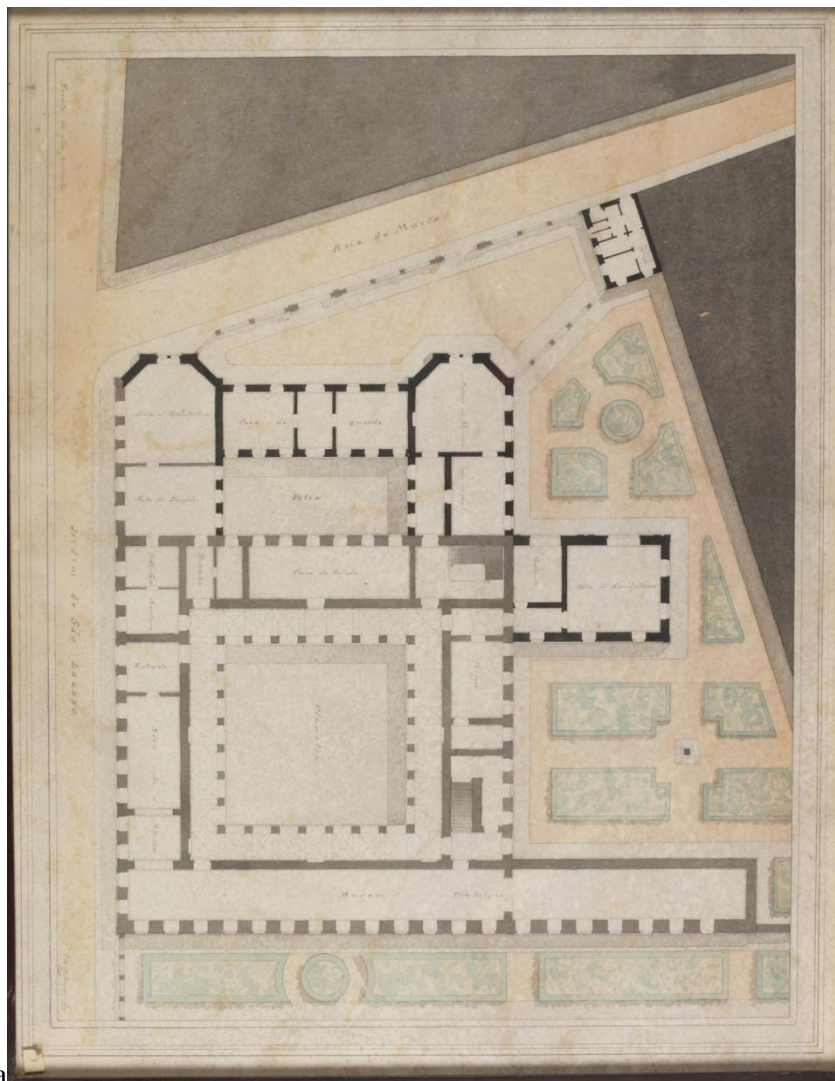
Estado conserv.:

Observações:

Cacifo: 007b

Dimensões: com moldura – 108 x 62 cm

Sem moldura – 87 x 53 cm



a

Desenho nº: 9

Código de Referência: FAUP-CDUA/EA/EMOLD-

Autor: José Geraldo da Silva Sardinha

Título: Convento de Santo António, jardim de S.Lázaro

Data do doc.: 1881

Escala: 0,005 p.m.

Técnica e suporte: emoldurado

Estado conserv. :

Observações:

Cacifo: 003b

Dimensões: com moldura - 59x73 cm

Sem moldura - 47x61 cm

Assinado: assin.

D. Apêndice Documental

Arquivo da Faculdade de Belas Artes do Porto
Correspondência dos pensionistas com o Estado – Cota 9.

1868

Ilmo. Sr.

Tendo chegado o tempo de
enviar-mos os estudos, que as
instruções do governo nos orden-
nao, participamos a V.ª para o
fazer saber a Academia, que
em dez ou doze dias serão rem-
tidos.

Esta demora, e' devida a que
os trabalhos d'architectura não podem
ser terminados antes, em consequencia
do andamento dos estudos.

Deus Guarde V.ª. Paris 26
de outubro de 1868

Ilmo. Sr. Thaddeu Maria d'Almeida Furtado

Supplico Secretario da Academia Real de Bellas Artes

José Geraldo de Silva e Silva
Antonio Pardo da Silva

Pensionistas da Academia

1868 2

My dear Sir

Pela participação que me fez, fui
 a V. Exa. obrigado de fazer parte
 da Academia que, em poucos dias
 vão remetter o meu trabalho
 a Sr. Soares. A causa da de-
 mora é toda minha, que o
 Sr. Soares já tem um trabalho de
 estudos destinado, e creio satisfará
 porque elle agradeu ao professor.
 Os concursos d'admissão i que, ten-
 do me occupado o fim de setembro
 o principio do corrente, me impediram
 de acabar mais cedo o trabalho
 destinado a mandar, sem a igno-
 rancia, fôrme-me ha dias não dido
 que, apesar de noturna gravidade,
 impossibilitou-me de desentlar em a
 semana em que se require de ser
 Ainda desta vez, Sr. Soares não teve
 felicidade no concurso, e também
 não foi recebido. Parecerá, tal-
 vez, a V. Exa. pouco vontade da coisa

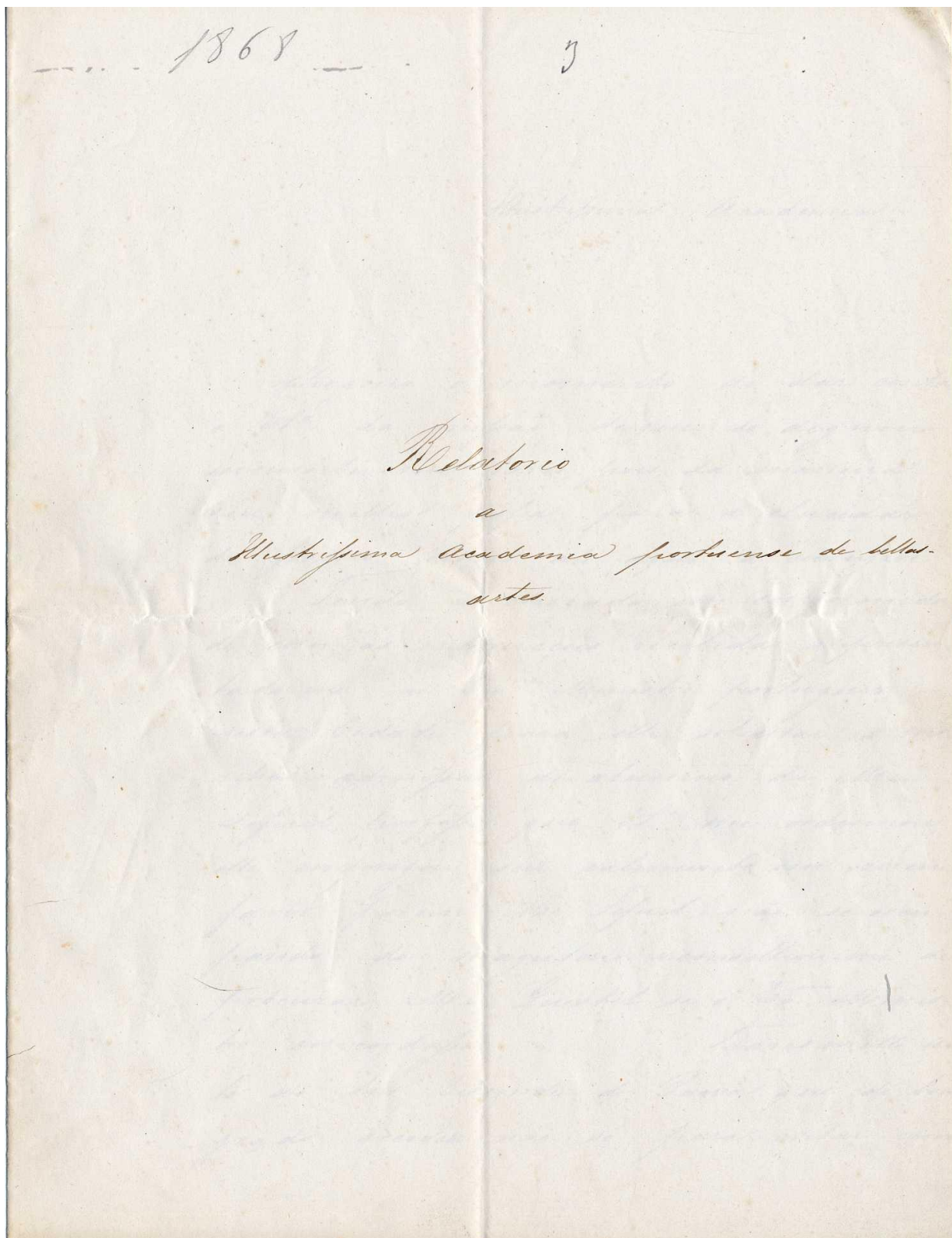
5 1891
parte, por esta applicação de bens.
Estabelecidos nos seus respectivos direitos,
mas podemos reconhecer a existência de bens
daí da sociedade que agraça os
fatos orgânicos e as partes que des-
de o primeiro momento se encontram ou-
tra existência de ignorância dos
meios ou recursos que se devem em-
pregar nos negócios, sem uma
grande experiência na resolução, e é
certamente um dos escolhos que
há feito para os seus bens, mas
certos bens que a forma de cada
dos seus bens de cada lado, mas
de muitas vezes a confirmação de
nórmulas e regras de funcionamento de
não obstante a natureza, mas a disca-
rei de empregar as minhas forças
em uma tentativa a tentação, pois
firmemente para as sociedades de bens
não podendo agora ser mais

extenso, brevemente direi mais alguma
coisa a V.ª

Poco creia na estima e consi-
deração do

Paris, hotel Camois,
me Supette, 22,
27 de outubro de 1888.

De V.ª M.ª. Grial
e M.ª. Obijado
João Geraldo de S.ª. L.ª. L.ª.



Illustrissima Academia

Chegou o momento de dar conta a V.ª da missã de que se dignou incumbir-me, farei, pois, da maneira que melhor possa para a elucidar da forma como até aqui a cumpri.

Sendo, a chegada, em conformidade com as instruções recebidas, apresentando-me ao Ex.^{mo} Ministro portuguez, nesta cidade, para elle solicitar a minha admissã de alumnos de Mr. Lefuel, professor que V.ª me ordenou, elle empregou seu salimento em meu favor; porém Mr. Lefuel, não se occupando do magisterio, aconselhou-me de procurar Mr. Questel, se o Ex.^{mo} Ministro concordasse. Transmetti isto ao Sr. Visconde de Paiva, que de bom grado accedeu, não só para evitar nova

desperdiçar de tempo como para não
lucrar com as dificuldades.

Estes profusos se foram, tornando-
do em desastre de 1867, quando entrou
no atelier Gustave, o primeiro de Paris
tendo pelo primeiro d'observar, com
fatos excellentes resultados que desde
daquella hora procedendo.

Logo de principio dediquei-me
a parte pratica, com contradicção
a mais incipiente os architectos e a
fuerza dos meus esforços em avir
julgar-se incapaz de offerecer e concorre
da escola superior das bellas artes
portanto resolvei esperar pelo de ou-
tura.

Porém, não se diga
infelicidade, comecou a vigiar e com
regularmente da escola, que tinha os

meus meus architectos. Isso não
não impediu a que fossem fortissima
e se o resultado não foi superior a
expectativa, todavia não posso ser por
dado o tempo.

De mais adian-
tas se conhece, não deve esquecer ad-
miração aquem conhece a differença
que existe entre o style de um paiz
e o de outro, onde as artes estão apu-
sadas pelo progresso. O pensio-
nista de Lida também se não es-
quivou a sorte, apesar de seu talen-
to.

Continuo, pois, dedicando-me a
atuação a architectura, porque a
parte scientifica exigida é escassa;
mas muito mais do que estudar que
a pratica dos meus regulares
academicos.

No fim d'agosto, do corrente anno,
propoz a escola imperial das bellas arts
o programma d'uma igreja, que jui-
ga a proposito, servir em cumprimento
do artigo 5.º das instrucções de l.º.

Seu pedendo elle e continendo por
interior deus e seguintes, estando que
me servem de guia.

"Nova igreja parochial para
uma cidade de nove mil almas.

Deve ser situada no centro d'uma praça,
mas pedendo exceder uma mil e oitocentas
pés de largura a cerca muros. Terá duas tor-
res, tres portas de entrada, duas capellas
interias para baptisimos e outra para o
casamento, distributas de forma a que não
interfiram com o seu uso as solen-
nidades da igreja, capellas a cada do

me, ou aos lados das naveas, duas sacra-
rias e umacripta sob o altar maior, pra-
za e humilha de Christo.

Deus meus eram assignados para o
estudo do projecto, mas não pedendo servir
para os trabalhos a escola concedida a cada
um meu.

Em acatado em tempo de
o tempo, porém, em consequencia do con-
tudo, foi necessario assignar ao desenhista
de geometria descriptiva e outras funcções,
foi uma parte das naveas de solenidade
e cubito, o que fez demorar até fins
de novembro o trabalho.

São de de apresentar a escola os
estudos, circumstancias, e mais proprias
ao programma, a cada e mais conve-
nientemente e com que escola e exige,
para as attenção as necessitades da pra-

jecto; se algumas não são apparentemente indi-
cadas, foram previstas e estudadas. Os esty-
los da architectura empregados não são dos
seguidos communmente, mas fundado em au-
toridades bem conhecidas em França e Portugal
segui-os. Uma destas autoridades é Mr. Magné,
sócio da academia de Lisboa, o qual diz, a proposi-
to da architectura religiosa: = Porque se imporia
um typo de preferencia a outro? a arte pode re-
vestir todas as formas do assumpto tratado, como
reveste aquellas a que deu origem os grandes
acontecimentos politicos e religiosos. =

Eis pois, as razões do presente trabalho
que bem sei muito imperfeito, mas fia-
do na benignidade de V. Sa., ouso esperar
indulgencia para os defeitos que o tempo
e estudo me ensinarão a corregir.

Paris novembro de 1868.

José Geraldo da Silva Sardinha
Pensionista d'architectura.

1869

5

M^{me} Snt.

Veio a honrosa carta de V.^{sa} de 18 do corrente, elucidar-nos, a mim e ao Soares, da causa do não recebimento de suas cartas. Quando me dei de morada, novo proprietario tomou conta da caixa em que habitei e como não conhecia meu nome de certo remiou as cartas para o correio geral, onde creio as encontrarei.

Os nossos estudos, que devemos enviar este anno, estão quasi terminados e continuos, no fim do presente mez remittel-os. Tendo-nos antecipado ao fim do anno para pedirmos a Ilustrissima Academia a concessão dos outros dois annos. Ora segundo a carta de V.^{sa}, agradecemos desde já a nova prova de sympathia que a Academia nos outorga.

O Soares está em ferias, porque o atelier d'elle está fechado, aproveitando a occasião e tempo de ver os museus e estabelecimentos artisticos, e eu continuo estudando sob a direcção de M^r Guistel.

Pedimos os nossos respeitosaes cumprimentos
para todos os professores da Academia.
Sou com respeitoso reconhecimento

Paris 23 de Agosto
de 1869.

De M.^a M.^a Cr.^a
Mto. Obrig.^d

Jose Geraldo da Silva Sardinha

1869 5

Mmo Sr.

Conforme disse a V. Exa. na carta
 última, procurei, no correio
 desta cidade, se havia alguma
 das que me foram dirigidas, po-
 reu foram infructuosas as pesquisas
 e se aqui estivessem, retirariam-
 nas de novo para o lugar. Não
 partiam.

Contem remetemos, em 1.º
 Soares, pela agencia da companhia
 Lusitania, os trabalhos que enviamos
 este anno. Não juntamos a pequena
 noticia que os devia a companhia
 porque não tenho á mão o progra-
 ma de um dos meus projectos, mas
 logo que a obtermos a enviarei.

O Soares envia o Tirador de espinha,
 copia do antigo, um estudo de natural
 e um esboço de composicao; eu remetto

1869
doux projectos, mine theatral, et d'un
modeste en sonner, mais d'un

Requiescens et d'un projet de
de reconnaissance de respect.

Paris 9 de septembre, De V. B. B. B.
de 1869.

Jou' Geralt de la Bastie

Je vous envoie en ce moment
un petit livre de la collection
de la Bastie, et d'un projet de
de reconnaissance de respect.
Je vous envoie en ce moment
un petit livre de la collection
de la Bastie, et d'un projet de
de reconnaissance de respect.
Je vous envoie en ce moment
un petit livre de la collection
de la Bastie, et d'un projet de
de reconnaissance de respect.

1869

6

S^{mo} Sr^o

Como está proximo o termo da
epoca em que expira a primeira con-
cessão que a Ilustrissima Academia me
fez e não longe o prazo de cumprir
o artigo 6 das instrucções regulamentares,
apresso-me a satisfazer este e dar con-
ta da maneira como procurei desem-
penhar aquella.

Não podendo, neste anno, entrar na
Escola Imperial por causa do adiantado
curso de desenho exigido para admissão
e em pouco transpondo o limite da
idade requerida, segui livremente os
cursos theoreticos leccionados na secção de
Architectura e estudei ao mesmo tem-
po, sob a direcção de Mr. Quétel, os pro-
jectos dados aos alumnos ordinarios
da Escola.

Os dous projectos que remetto são
o estudo dos assumptos propostos no
programmas que adiante junto. Am.

dos os assumptos eram proprios a um
grande desenvolvimento, porém os es-
treitos limites dos programmaes determi-
náo rigorosamente a importancia que
lhe é devida.

Termino, pois, rogando, a V.^a e a to:
dos os dignissimos professores da Aca-
demia, de continuar-me a protecção, que
até aqui me hão deferido.

Deus guarde V.^a. Paris 24 de
setembro de 1869.

José Geraldo da Silva Sardinha
Bensionista da Academia.

M.^{mo} Sr. Thadeu Maria d'Almeida Furtado.
Dignissimo Professor e Secretario da Academia.

Concours d'émulation
du 3 avril 1869

2.^e classe
Rendu.

Deve-se lancer

E. J. des B. A.

Section d'Architecture

Le professeur chargé des concours d'
Architecture propose pour sujet:

Un petit Musée.

Ce Musée, qu'on suppose être celui d'un
riche amateur, sera situé dans le parc
d'une grande propriété, et formerait un des
principaux points de vue du château.

Il se composerait d'une salle principale
où seraient exposées 15 figures antiques
et 15 tableaux de grands maîtres, d'une pe-
tite salle pour une collection de vases étrus-
ques, d'un cabinet des médailles, d'une petite
bibliothèque et d'un vestibule ouvert. Les trois
principales figures, que serait Apollon, Diane
et Vénus devront avoir des places particu-
lières, ainsi que les trois tableaux principaux
par leur mérite artistique, et leur dimension
laquelle n'excèdera pas 3 trois mètres sur
le plus grand côté. On s'appliquera
à disposer les jours de manière à bien
éclairer les objets exposés.

Entouré de tous les agréments d'un riche
parterre et d'une végétation abondante, ce pe-
tit sanctuaire des Arts serait accompagné
de treilles, de jets d'eau, de statues, de vases etc.

La plus grande dimension n'aura pas
plus de 50 mètres, non compris les accessoires.

On fera pour les esquisses, le plan sur
une échelle de 0,0025 pour mètre, l'élévation
et la coupe au double.

Pour les dessins
rendus l'échelle. Le plan sera de 0,005 pour
mètre, l'élévation et la coupe au double.

La construction sera indiquée dans la
coupe.

Paris le 2 avril 1869.

Signé Le Sueur.

1870

My dear Sir

Deve-se lançar
7

Indubitavelmente tenho sido muito negligente em dar notícias minhas, a V. Sa., mas tem concurrido para isso a immutabilidade das coisas que me respectam.

Os estudos seguem o curso normal, succedendo-se, em architectura propriamente dita, um projecto a outro. No estudo theorico, os cursos mais extensos estão apenas começados e os outros só principiarão no segundo semestre do anno lectivo. Esta semana dizia-se, na Escola, que ia-mos ter um curso especial de esthetica d'arte, destinados aos architectos; a utilidade d'elle é reconhecida, mas a Escola tem-se frouxada d'elle, e creio ainda o não abrirá em razão do governo querer fazer economias, chegando até a crer-se que a Escola voltará ao antigo systema, como muito menos dispendioso.

Se tal projecto se realisa, os

pintores e esculptores, são quem não
deem estar contentes, não só por não
de pagar também aos professores, co-
mo necessitam de crear novamen-
te ateliés, que a Escola destruiu
apenas ha cinco annos.

O Soares, depois dos concursos
de archivos feitos, bem tido remito
bom exito, tanto nos concursos de
esculptura de modelo vivo e copia
do antigo, como no de desenho, on-
de recebeu tres terceiras medalhas,
sendo de esperar que não surta
se estas as recompensas que este
anno colheira.

Reprova a occasião de
agradecer, a V. M. e ter nos concedido
a prolongação dos dois annos,
apim como pouco que, em nosso
nome, faça sciencia a todos os
dignos professores, da Academia,
do nosso reconhecimento e grati-
dão, por esta nova prova de con-
sideração que nos procuraremos

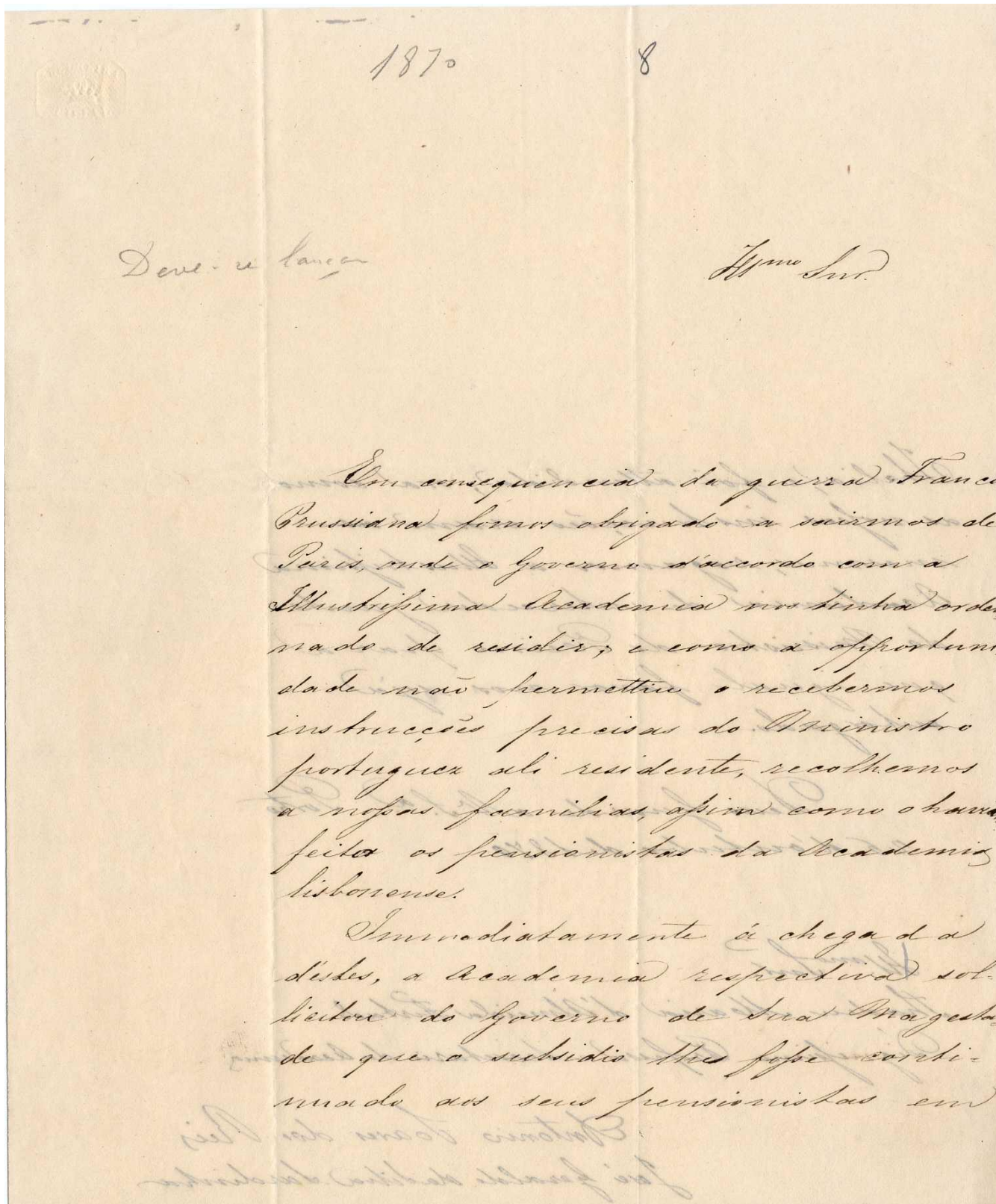
não desmerecer.

E particularmente sou, com a
maior estima, affecto e veneração

Paris 15 de janeiro
de 1850

De V. M. C. M. M.
Bris. do

Jon. Gerald de Silva, Sardenha



Italia, e foi attendida; ora como
as nossas instrucções eram as
mesmas, rogamos a Ilustriissima
Academia de interceder junto
do Ministro do Reino para a
que igual favor nos seja
outorgado.

Deus guarde a V. S. A. Porto
26 d'outubro de 1870

Il. mo Int.

Thadeu Maria d'Almeida Lisboa
Dignissimo Professor e Secretario da Academia

Antonio Soares dos Reis
Jose Geraldo da Silva Sardinha

1871 9

M. J. S.

Cód. no. 1000

A guerra e as agitações que flagelaram a França estando acabadas e as cousas desta nação sendo voltadas ao seu estado normal, julgo opportuno e urgente o meu regresso a Paris para retomar os estudos que o cerco obrigou a interromper.

É opportuno porque nos primeiros dias de Janeiro começará o novo anno lectivo e, com elle, o estudo d'um projecto de, talvez, dous mezese os cursos scientificos d'Architectura do primeiro semestre, que, não sendo regularmente frequentados poderão retardar um anno de trabalho em consequencia da incompatibilidade com os cursos do segundo semestre; e ha urgencia na apresentação à Escola, porque completando-se o corrente anno lectivo, sem nenhum trabalho meu, serisicado dos liros de matricula se em tempo conveniente não reclama

deixando de ser chamados nos concursos
ordenarios sem nova admissao.

Além disto, a precepção de que
fante, obrigou-me a abandonar a
residência, e logo a todos os objectos de
estudo de qualquer valor, que actual-
mente se acham debaixo de
e poder mandar vir

84
 Ha muito tempo que
 eu deixo a guerra sollicitar esta
 graça, poron deves particulares
 e negocio da familia melhora-
 ram a minha presenca aqui;
 e si agora me permittem
 deicas Portugal com o desejo
 e tranquillidade que me existe
 e fin a que me propuz

Portanto fizes, a esta vez, expondo a Ilust.issima Academia os motivos citados, e fazeo valer devidamente, tudo, se com vista e do posto no artigo

4.º das instruções dadas aos juizes
muitos de Bellas Artes no estrangeiro.

Long Guard N.Y.
Porto 9 de dezembro de 1874

M. L. Thaddeus Norris d'Almeida Furtado
Dignifimus Secretarius da Academia Real de Bellas Artes

João Geraldo da Silva Sardinha

J. J. J.
M. L.

Quando em setembro de 1870 a desgraça, que pesou sobre a França, obrigou os estrangeiros a abandonar Paris, faltava, a penas, alguns meses para se cumprir, naquelle anno lectivo, o disposto no artigo 5.º das instrucções dadas aos pensionistas das Academias de Bellas Artes, e a prescriptação não deu lugar a coordenar qualquer obra ou estudo com que se podesse satisfazer a prescriptação do dito artigo. Em Portugal, já deveres imperiosos que a nova situação creava, já a falta de auxilio de livros e exemplos que ajudasse a execução d'algum projecto que em França houvesse sido principiado, obrigou a longa demora, isto é, até hoje que, pedindo a V. S.ª a presente a Ilustíssima Academia os estudos junto, lhe faça sciente da minha boa vontade em melhor cumprir esta obrigação, fazendo valer ante o conselho Academico as insuperaveis difficuldades com que lutei em busca de tornar menos defectuosos os meus trabalhos.

Escolhendo o programma d'um
mercado para estudar, tive em
vista o das com exemplo que ainda
não conhecia na nossa Academia, e
ao mesmo tempo mostrar com ge-
nua arte para Portugal, de pratica
que se pode tirar dos materiais
em que tanto abundamos, e sim
como mostrar quanto errados tem
sido, entre nós, os trabalhos de tiz com
funções. O programma seguinte foi
dado pela Escola Imperial de France,
e contém uma exigencia pouco em
harmonia com os costumes do nosso
paiz — Uma companhia de policia
com uma torre d'observação e siniz,
— porém o programma foi estudado
de forma que esta parte de edificaç.
concordando com o todo, pode supri-
mi-se sem o mais leve prejuizo do
resto. A preferencia deste pro-
gramma a um particular, foi
para evitar arquições de fazer
a longo trabalho, e ao mesmo tempo
conservar intacta a feição da Escola

francesa

Esperava-se que as construcções parti-
culares, circundando o mercado, fossem
adquiridos para a reconstrução, por
assim dizer, fossem parte de proprio
mercado, para o que se lhe dava a
forma que melhor parecia convir.
A simples inspecção do projecto fran-
cuzo mostraria pelas inscripções, a dis-
posição e ordenamento que foi escolhido,
fornecendo-nos portanto a descripção e
minuciosamente.

Agora sobra o solutionar, a V.ª, a or-
dem dos estudos e frequencia do periodo
escolar do 1.º, porém mal o poderio
fazer, tanto pela distancia do tempo,
como pelos acontecimentos que houn-
ram a dadas de julha de estão.

No principio de anno dediquei-me ao
estudo architetónico, como anteriormente
ati, que um abit entre para a Escola
Imperial de Bellas Artes como alumnus ordi-
nario; e a partir d'isso, momento comeci
o estudo de mathematicas e construcção
a que os alumnos são obrigados, sendo

todavia apresentado à Escola o projecto
concernente ao mex de julho, para
não descurar este estudo, o mais importan-
te do Architecto. No mex d'agosto a penas
feitas, fiz o esboço em gabinete do projecto
de tres mexes que devia ser entregue em
outubro, porque desde então as aulas e os
ateliers ficaram desertos e a frequencia
tornou-se pouco fructifera, tendo se até fe-
chado alguns cursos, em consequencia da
chamada às armas da mocidade fran-
cesa. Finalmente os ultimos quinze
dias, que residi em Paris, passei na Le-
gação portugueza as ordens do Ex.^{mo} Minis-
tro encarregado de negocios n'aquella corte,
tendo no meado de setembro, por ordem
do mesmo Ex.^{mo} Int., regressado a Portugal,
como a Illustrissima Academia já sabe.

Deus Guarde V. Sa. Porto 9 de dezembro de 1871

M.^{mo} Int.

Thadeu Maria d'Almeida Furtado
Dignissimo Secretario da Academia

José Geraldo da Silva Sardinha

1872 10

M. me. S. S.

Recebi em tempo competente a obsequiosa participacão de V. S. de 3 de corrente, em que noticia o bom acolhimento e favor com que os meus trabalhos foram recebidos, pela Ilustre Academia, assim como a distincção do primeiro premio com me honrou.

Agradeço, pois, a V. S. e a todo o corpo Acadêmico esta nova honra que me deferiram, testemunhando o meu alto reconhecimento no intimo desejo de continuar a merecer as graças da Academia, que tanto se tem esforcado, e V. S. em particular, na reabilitação e desenvolvimento das bellas artes no nosso paiz, onde quasi

sempre tem andado desbaratado e fongido:
nobre e santa usada com que os acolhos
cobrem a estrada por milhares, sobretudo
numa praia onde a arceigada sotina
resiste a mais solida das raioes.

Esperando continuar a merecer a
sua estima e valiosa proteccao, sou

De V.ª Ass. V.ª
O.º M.º Briz.º

Paris 11 de setembro
de 1872.

Joa. Geraldo da Silva Sardinha

1872

11

M. L.

Carta a Lourenço

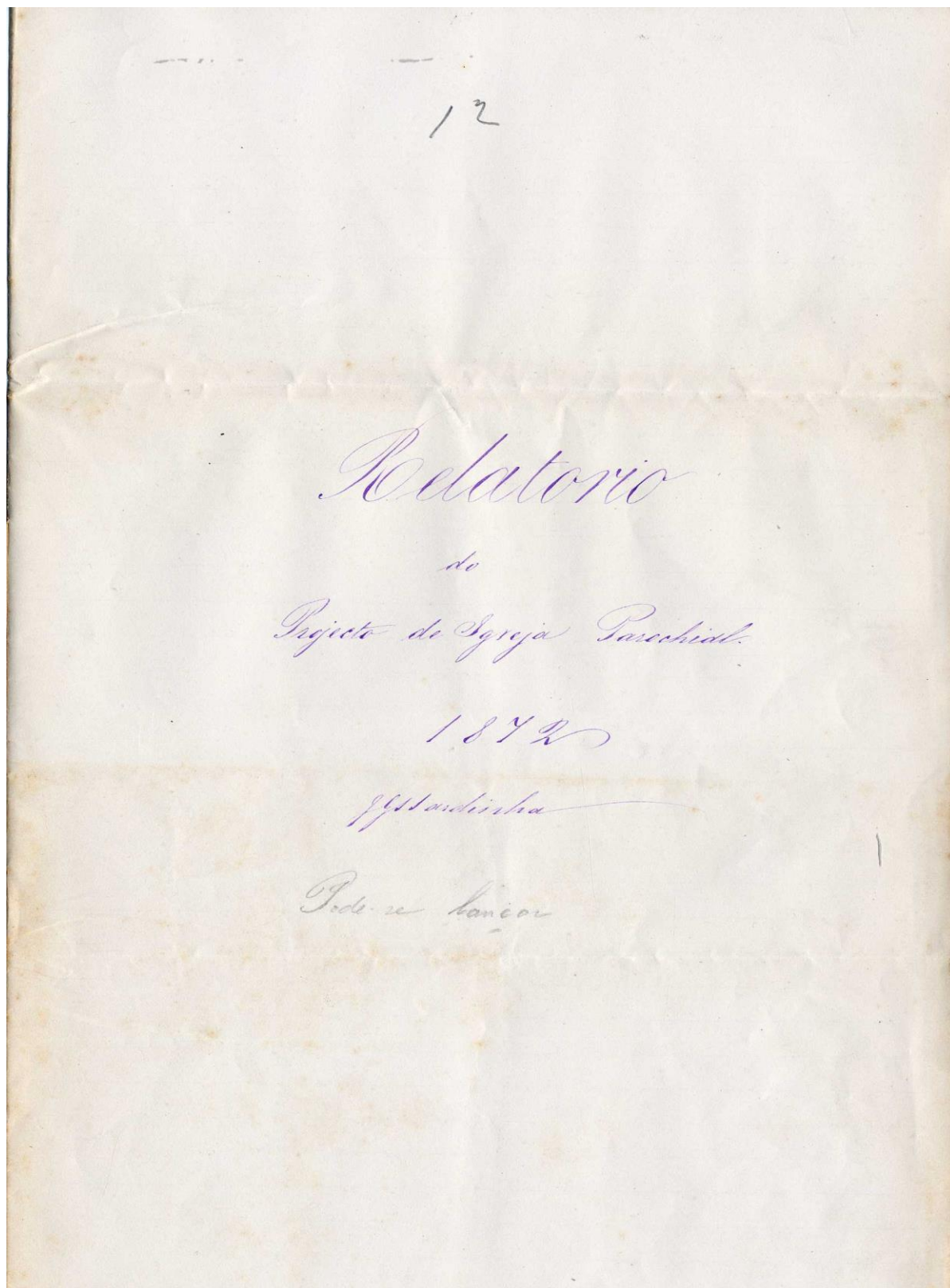
No meu fimde Mr. Gustet, meu professor,
sumiu os seus discípulos e expor-lhes que, attento
a sua idade, estado de saúde e occupações de
emprego do governo não podia, com vantagem
para os alumnos, continuar a reger segui-
damente o seu lugar; e em consequencia propoz-lha
para o substituir a seu genro Mr. Daumet, tam-
bem professor e actualmente um dos mais acreditados
na Escola, ou a algum dos alumnos antigos que
fossem fidei-jurados da Academia de Roma e que
occupam hoje um lugar distincto entre os
architectos francezes.

A primeira combinação tornou-se impossivel por
que nenhum dos dous grupos de alumnos queria
perder o nome para se fundir com o outro; e
então, com apertimento tanto de Mr. Gustet
como dos alumnos, Mr. Pascal foi apresentado
por aquelle senhor para dirigir os estudos.

Mr. Pascal é um architecto da moderna
filiade, aquelles seus brilhantes trabalhos, tanto
antes da estada em Roma como depois, tem
grangeado um lugar distincto entre os collegas
já como artista, já como habildissimo desenhador.
Atem visto Mr. Gustet prometter e começar

Seu nome está registrado em seu
seu escritório no nome de "Mathematics Refe-
rence & Information" e está listado como
seu regular depositário de livros. Você
seu nome listado no nome de "Mathematics
Reference & Information" e está listado como

Joel Garretts da Silva Martins



*Relatório do projecto d'uma
Igreja Parochial, destinada a uma freguezia
central da Cidade do Porto.*

*Concurso triennal da Academia portuense de
Bellas Artes*

Edital de 19 de fevereiro de 1872.

Dada o fim da primeira metade do actual século tem, a Cidade do Porto, abarcado um periodo de melhoramentos e desenvolvimento que a historia futura lere das paizes da actualidade e julgando-a com fria imparcialidade, hade marcar como um dos mais brilhantes nos seus fastos. Mas, e certo, que se esta evolução não se de em energias a de outros centros mais populosos, incontestavelmente tem fallido a numerosas condições da moral e educação dos povos, cujos defectos não até aqui apreciar.

A Ilustissima Academia inspirando-se, talvez, da necessidade da epocha presente, pediu ao concurso o estudo d'um monumento que supprisse a lacuna immensa da actualidade, permitindo a cada povo uma inteira liberdade no certo programma —

Uma Igreja Parochial, destinada a uma freguezia central da Cidade do Porto. —

Recomendando a historia de todos os povos e perguntando ainda além dos testemunhos scriptos, se attentamente se examina o que desde então foram os lugares subinados ao culto da religião, recordando-se ha os esforços de todos os tempos, desde o homem primitivo, empregados a tornal-os insipientes e dignos do pensamento que representam: o torso monolithico e a rendilhada agulha gothica. A

firmes, alcançando todo menos uma fereza
contada e tenaz evença, dispostam-se a infernos
cozas cuja grandexa ainda hoje admiramos
e nem a seculos nem a barbaria conseguem
destruir completamente; depois, com as graduadas
transformações de desvãos de seculo e de urnas
crenças se succederam a bem miltares de outas,
a arte suplantando com todo o brio, o viço, a
miséria massisa e o empicho de salomonicas e exaltas
a divindade, porém a civilização tinha reclamado
as cordões de comunidade e bem estar dos fiéis.
Após pois, transformada por transformações e acidos
da seculos accoustou as leis e ordenações que
a sociedade continua a aperfeiçoar segundo a
predominancia do tempo e das crenças.

Segue-se consequentemente que para o estudo
de uma igreja é preciso, em primeiro lugar, a
regra profunda do culto e a convicção da grandexa
e importância do assumpto; depois o conhecimento
interno da sociedade de que se trata e com a qual
se deve accommodar o lugar, clima e meios.

A negligencia de qualquer destes principios
conduzirá o artista a mediocridade e ao absurdo,
produzindo não um templo, mas um abeto sem
forma nem caracter e que só o nome pode
indicar e fiar, e jamais exaltará a piedade
nem chamará ao recolhimento.

Tal é a idia que preside a concepção do
presente estudo de igreja parochial, cujo projecto
é de longa e laboriosa elaboração, mas calado, porisso
revela completamente em quatro desenhos; visto
que sendo um projecto de estudo não exigia
o rigor mathematico de cada linha, antes para
construção se seguir. Isto porém não simpliza a
idia de que o projecto seja impraticavel, na sua
elaboração buscou-se de preferencia a realidade, talve
sacrificando-se o effecto.

Os matizes pouco variado de que pode

dispor um construtor português conduzem a um style simples e não muito pesado, eclectismo dominante da época, porém, prevalece as necessidades do profissional.

Actualmente que os partidários de style clássico, quer os do gótico, ou de qualquer outro desbarracam o eclectismo e são acedidos na utilidade de recurso mutuo, segundo o principio da liberdade da arte e sem pesquisa da philosophia e da esthetica; do contrario caminham no sentido da racionalismo que pretende fazer da architectura uma industria, idia infelizmente accipada no solo português.

Terde em vista estes principios, seguimoz as formas da idade media, todavia Wilkerson, um caminho mais largo libertandoz de style classico, avança pretendendo accentuar caracteres determinativos como o contrario vigiria. A definição de style em architectura sendo ainda incompleta, falta de principios geraes e determinativos, a razão induz-nos conforme a summa e arte, que presidem a produção, a seguir a um style regular e duplo caracter scientific e esthetic. Instrução e expressão particulares. Dahi provem a difficuldade da classificação immediata, a arte pode revestir-se de formas variadas ao infinito, sem determinar novos elementos constitutivos e caracterizar uma evolução.

A igreja que, com a designação de Senhor de Bragança, se apresenta no projecto occupa um terreno de cerca de quarenta metros de frente e setenta e cinco de profundidade. A forma geral é a d'uma cruz latina, ladeada de duas pequenas sacras, onde são dispostos os altars das devizes menores da parochia a partir do crucero as duas lateraes transformam-se em galerias a roda da capella que permittindo circular o portão de costas

cerimonias religiosas; as exhemidades do coroado são
ocupadas por duas colunas, um da virgem, outra
de craga, e junto d'ellas de lado da capella-mór
outros duas dos patrons mais venerados. Nos
lados de portão da entrada principal abrem-se
duas capellas, uma de s. João Baptista para
os baptizmos, e outra dos sacramentos, podendo
funcionar independentemente das solemnidades da
igreja. A sacristia, o thesouro e diversas fabricas
ficam situadas ao lado da capella-mór e
comunicando directamente com as galerias lateraes.
A capella-mór é batida segundo o costume portuguez
e o coro, por consequente, sobre a entrada principal
onde é collocado o organo; uma das esadas da
portão lhe dará facil accesso. Nos vãos triangulares
junto de altar-mór pequenas esadas permitirão
o serviço do theso e das dependencias sobre as
galerias. Além da entrada principal, praticar-se-ão
mais duas no coroado e duas nas exhemidades das
galerias, que nos dias de festividade podem servir
simultaneamente umas de entrada e outras de saída.

Do plano e elevação se verá facilmente que
se accionem no exterior, quanto foi possível, as disposições
interiores, e outros detalhes que seria superfluo repetir.

A invocação sob que se desenvolveu o projecto foi
meramente uma phantasia que longe de lugar
não era possível ter-nos as bases para adequar
e cobrir de terreno; igualmente o consumo do
material não poderia ser rigoroso já pela
molestia do lugar, já porque não se tendo
estudado os minuciosos detalhes difficil seria
o calculo.

Os materiais formados a base da construção
serão o granito para a cantaria aparelhada
e alvenaria, o tijolo para as aboboadas, excepto
as de portão, a madeira de castanho para todas
as obras e a telha para as telhaduras. No cobrimento
a armazém da grande nave se fosse de ferro, ganharia

consideravelmente em solidos e alvenaria muito e muito os muros lateraes.

Orçamento

Abertura d'alicerces, suppostos de um metro de profundidade, e remoção dos entulhos a 200 metros de distancia	
1255 metros cubicos	92,000
916 metros cubicos d'alvenaria d'alicerce	1.548,000
13525 metros cubicos de canchalia e de alvenaria aparelhada incluindo tijolos e esquadria etc	53.238,000
Armação	2.780,000
Alcobadas de tijolo e asphaltes	3.112,000
Obras diversas de carpintaria, portaes e etc	932,000
Terminação, grades e outros	1.528,000
Telhados e desaida das aguas	1.668,000
Vidros	332,000
Instalacao sinifollos	1.200,000
Summa	61.938,000
Imprevisto	5.250,000
	67.188,000
Mobiliaria, altares e obras d'arte	2.910,000
Total	70.098,000

Esta avaliação nada tem de absolute, já pelas circunstancias que enumeramos, já porque durante a construção, a força de economia, se poderia diminuir até um terço segundo as circunstancias, e assim uma construção humilde poderia devesar ao duplo.

Paris 1842

José Geraldo da Silva Sardoia

1873

13

M. Lant.

Secrétaire de l'Académie Portuaise de Belles
Arts

p.º copiar integral. se

No principio do proximo fevereiro,
recibo a ultima prestaçã do subsidio, que
me foi concedido, para estudar architectura
em Paris; furem como se no proximo 8º
agosto se fecha o anno lectivo, da
Escola Especial de Belles Artes, e se concluem
os cursos annuaes, substituidos de construcção
com que devo terminar os meus estudos,
venho pedir, portanto, a Ilustissima Academia
se digne propôr ao governo que o subsidio
me seja continuado até ao fim de
agosto, fundando me para isso no artº
8º das instrucções que me foram dadas,
no acto da saída, o qual concede a
Ilustissima Academia a faculdade
de prolongar até quatro annos a duração
de pensionista.

O prazo que puzo é mais longo de
dois ou tres mezes, mas a circumstancia
de se nessa epocha se prepararem os exames,

além de semelhante precedente se ter
dado com outros pensionistas, autorisa-me
a crer que este favor me pode ser
outorgado sem prejuizo algum.

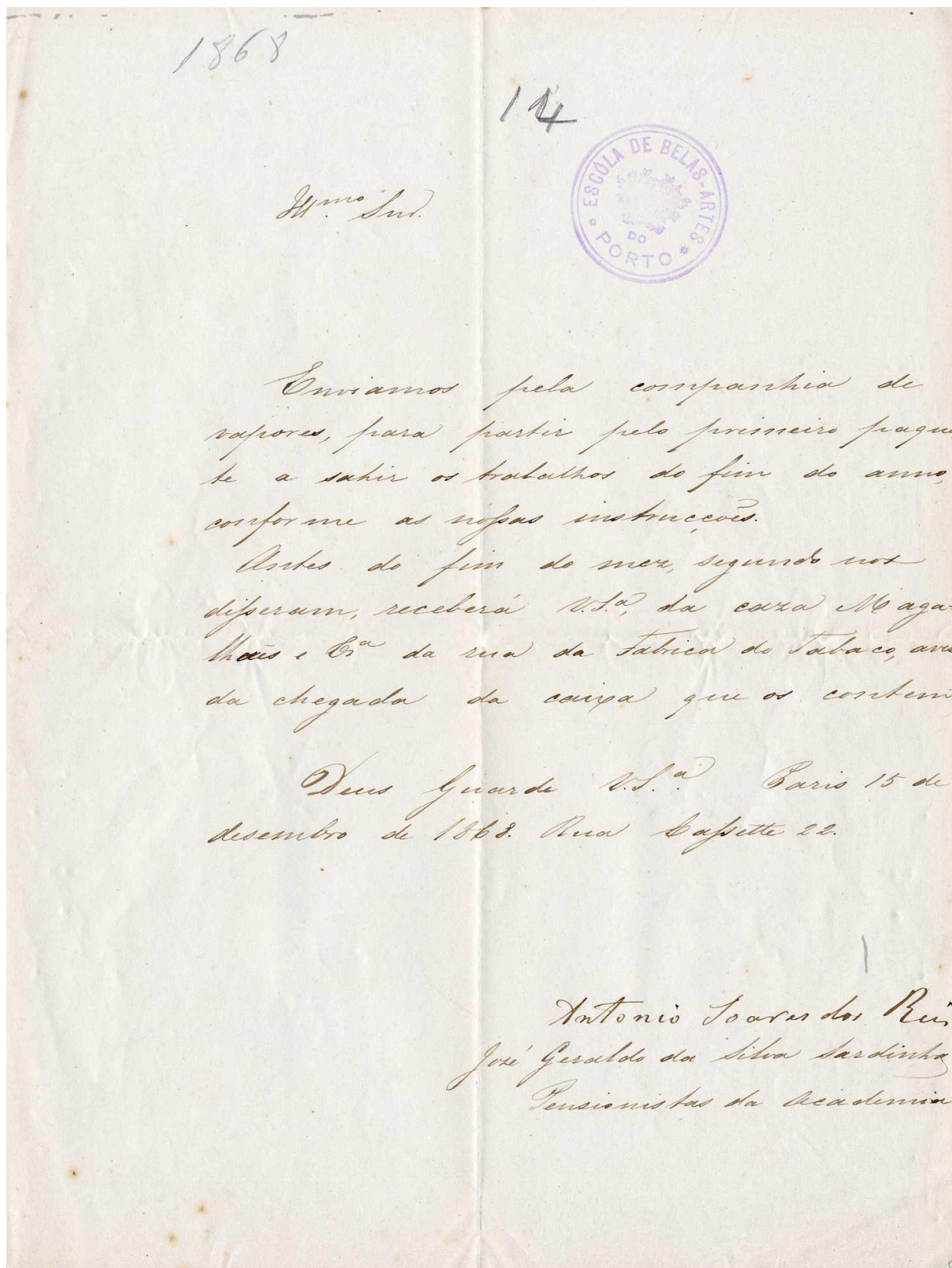
Junto à presente a certidão dos meus
trabalhos na Escola, nos dez meses decorridos
depois do meu regresso depois da guerra,
por onde V.^a poderá ver qual o empenho
que tive de chegar a um resultado satisfactorio
dos estudos d'architectura; os quaes, se, por
fatalidade, a presente petição não acolher
favoravelmente, forcoso será que eu deise
por concluir, nomeadamente o curso de
construcção, cuja importancia capital o
Ilustre conselho Academico não ignora e actualmente
é professado, pela sua reconhecida utilidade,
duma maneira extensa e desenvolvida.

A minha posição pessoal não permite
que, sem o socorro do Estado, eu conclua este
estudo; e a Ilustissima Academia não o ignora,
por ipso facto confiar na sua justiça.

Deus guarde a V.^a Paris 25 de janeiro
de 1873.

João Geraldo da Silva Sardinha

M.^{mo} Luis
Thaddeu Maurin d'Almeida Furtado
Secretario e Professor da Academia



Paris, le 7 Août 1873

Le Directeur de l'Ecole Nationale des Beaux-Arts,
Membre de l'Institut, certifie que M. José
Geraldo da Silva Sardinha, élève de
M. Questet, Architecte, admis en 2^e Classe le
23 avril 1870 a obtenu les récompenses suivantes:

à savoir :

- | | |
|----------------|---|
| 4 Juillet 1872 | 2 ^{ème} Mention sur projet rendu d'Architecture; |
| 29 Juill. " | 2 ^e Mention sur " |
| 5 Août " | Mention en Stéréotomie; |
| 29 Nov. " | Mention en Mathématiques; |
| 30 Déc. " | Mention en Géométrie Descriptive; |
| 8 Mai 1873 | 2 ^e Mention sur projet rendu d'Architecture; |
| 4 Août " | Mention en Perspective; |
| 5 Août " | 2 ^{ème} Médaille en Construction Générale. |

Une pour la signature de la
signature de M. Eug.
Guillaume, Directeur de
l'Ecole nationale et spéciale
des Beaux-Arts.

Paris, le 13 Août 1873.
Le Ministre de l'Intérieur, chargé par intérim, du Département de l'Instruction
publique, des Cultes et des Beaux-Arts.

Signé: Beulé.
Pour le Ministre, et par délégation:
Le Chef du Bureau des Archives et
de l'Enregistrement

H. Desbordes Valmore



Le Ministre des Affaires Étrangères
Certifie véritable la signature de
M Desbordes-Valmore
Paris le 13 Aout 1873
Par autorisation du Ministre
Pour le sous-Directeur Chef de la Chancellerie



Bulou

Le pour légalisation de
la signature de M^r
Léobris. Paris le
18 Aout 1873.

Par autorisation du Ministre
Le 1^{er} Secrétaire de la Légation

Baron de Santen

Certifico que la assinatura supra
es apropiada y verdadera de Baron de
Leobris - en su nombre
de portador en Paris
Secretaria d'Estado das Negocias Ex-
tranqueiras, em 6 de fev de 1874

Emilio Schuller Montenegro



Copia

N. 444. Ecole nationale et spéciale des Beaux Arts - Paris.
le 7 août 1873. - Le Directeur de l'Ecole
nationale des Beaux Arts, Membre de l'Institut,
certifie que, M. José Gerardo da Silva Sardinha,
élève de M. Questel, architecte, admis en 2^e classe le
23 avril 1870 a obtenu les récompenses suivantes:

à savoir:

- 4 juillet 1872 - 2^{ème} Mention sur projet rendu d'architecture;
- 29 " " 2^{ème} Mention sur " "
- 5 août " Mention en Stéréotomie;
- 29 nov. " Mention en Mathématiques;
- 30 déc. " Mention en Géométrie descriptive
- 8 mai 1873 2^{ème} Mention sur projet rendu d'architecture
- 4 août " Mention en Perspective;
- 5 août " 2^{ème} Médaille en Construction générale.

— Eug. Guillaume. Logar de setto de l'Ecole des
Beaux Arts. Peinture, Sculpture, Architecture. - Vu pour
legalisation de la signature de M. Eug. Guillaume,
Directeur de l'Ecole nationale et spéciale des Beaux
Arts. - Paris, le 13 août 1873. - Le Ministre de l'In-
struction publique, des cultes et des Beaux Arts - signé: Beulé. —

Par le Ministre, et par délégation, le Chef des Bureaux
des archives et de l'enregistrement - M. Desbordes Valmore.
Logar de setto du Ministère de l'Instruction Publique.

Le Ministre des Affaires Etrangères certifie véritable
la signature de M. Desbordes Valmore. - Paris le 13 août
1873. - Par autorisation du Ministre. - Pour le Sous-Di-
recteur Chef de la Chancellerie, Dubois. - Logar de se-
quinte setto - République Française - Ministère des Af-
faires Etrangères. - Logar de setto de - Legation de
Portugal en France. - Vu pour legalisation de la
signature de M. Dubois. Paris le 18 août 1873. Par

autorisation du Ministre le 1^{er} Secrétaire de la
Legation Baron de Santos — Est conforme Acade-
mie portugaise des Belles-Lettres le 4 de septembre de 1873, t^{re}.
Theodore Maria d'Almeida Furtado
Secrétaire.

J' soussigné J. L. Pascal, architecte, ancien
 pensionnaire de l'Académie de France à Rome,
 certifie que, depuis le mois d'octobre 1872, époque
 à laquelle j'ai succédé à Monsieur Daubet, je n'ai
 eu qu'à me louer des efforts faits par mon élève, Mon-
 sieur José Geraldo da Silva Tardinha, des résultats
 que son travail aproduit lui a obtenus, de sa régularité
 à mon atelier, de sa bonne volonté et de son intelli-
 gence. J'ai le plus vif regret de le voir partir, mais
 je ne doute pas qu'il réussisse dans sa profession et
 qu'il réponde aux espérances qu'on était en droit de
 fonder sur lui. Je lui donne très volontiers ce certifi-
 cat pour lui servir à toute occasion. Paris, le 30 juil-
 let 1873. J. L. Pascal architecte. - Rue Marianne 25.
 Logar do selho de l'Ecole des Beaux Arts - Logar do
 selho de la Legation de Portugal en France -
 Reconheço a assignatura supra como verdadeira. Paris
 30 de julho de 1873. O.º secretario da Legação de Por-
 tugal em França. - Benes de Santos - Logar do selho
~~do Imperio de Lisboa~~
~~dos Honrosos~~ de setenta reis - Logar mil reis -
 Martins - Certifico que a assignatura recta é a pro-
 pria e verdadeira do Barão de Santos, encarregado da
 legação de Portugal em Paris - Logar do selho do Mi-
 nisterio dos Negocios Estrangeiros - Secretaria d'Est-
 ado dos Negocios Estrangeiros em 9 d'Agosto de 1873 - E-
 milio Achilles Montenegro. - Está conforme. - Academia
 portuguesa das Bellas Artes 6 de setembro de 1873.

Theobaldo Maria d'Almeida Furtado
 Secretario.

10902 Palais national de Versailles et de Trianon - Le
vice des Bâtimens, Parcs et Jardins - Ministère des
Travaux Publics - Versailles, le 27 juillet 1875 - Lo-
gar des Timbres de Dimension

Logar des Impôts de selles de septenta reis Mar-
tins - 9/8/75 - Je certifie que Mr. José Geraldo
da Silva Sardinha est entré à mon atelier au mois
de novembre 1867, et qu'il y est resté jusqu'à ce jour.
J'atteste que pendant ce temps Mr. Sardinha y
a fait de sérieuses études en architecture qui ont motivé
son admission à l'école des Beaux Arts de Paris, où
il a remporté divers succès - Ch. Questet, mem-
bre de l'Institut - Vu pour nous Préfet de Seine et
Oise, pour légalisation de la signature de Mr. Barné
Perrault, adjoint au Maire de Versailles. Versailles le 31
juillet 1875. Par le Préfet, Le Secrétaire général -
n.p.m. Logar des Sells du Préfet de Seine et
Oise, Versailles - Vu pour nous Maire de Versailles
pour légalisation de la signature de Mr. Ch. Questet
apposée à dessus. A l'Hôtel de Ville le 28 juillet 1875 -
Barné Perrault - Logar des Sells du - Maire de Seine
et Oise - Versailles - Vu pour légalisation de la si-
gnature de Mr. Tattet des Vaires, Préfet général de
Seine et Oise, apposée au recto. Paris le 31 juillet 1875.
Pour le Ministre Secrétaire d'Etat de l'Intérieur, le
Chef adjoint du Bureau du Secrétariat délégué, Ble-
riot - Logar des selles - République Française - Min-
istère de l'Intérieur - Secrétariat Général - Le
Ministre des Affaires Etrangères Certifie véritable la
signature de Mr. Bleriot. Paris le 31 juillet 1875. Par
autorisation du Ministre, Pour le sous Directeur chef
de la Chancellerie St. Paris - Logar des selles, Mr.

publique Française, Ministère des Affaires Étrangères = Vis pour légalisation de la signature de M^r.
F. de S^{te} Apais apposée ci-dessus. Paris le 1^{er} août 1816. Par
S. E. le Ministre, le 1^{er} Secrétaire de la Légation,
Baron de Lantos = Logar do Sello da Legação de
Portugal em França = Logar. do Sello = Imposto
do Sello de sessenta reis = Pagam mil reis Montons.
Certifico que a assinatura recta e a propria e ver-
dadeira do Barão de Lantos, encarregado das Negociações
de Portugal em Paris = Secretario d' Estado dos Ne-
gocios Estrangeiros em 9 d' Agosto de 1816 = Logar
do Sello do Ministerio dos Negocios Estrangeiros = Emi-
lio Achille Monteverde. — Esta conforma. Mandamos por-
tarmos do Real Autos 12 de setembro de 1813.

Miguel de Alencar d'Almeida Secretário.

Secretario.

